

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO - UENF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - PPGSP**

WALLACE DA SILVA MELLO

**“A UENF É MEU QUINTAL”: REPRESENTAÇÕES INFANTO-JUVENIS E
DINÂMICAS DE INTERAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES**

**Campos dos Goytacazes, RJ
2020**

Wallace da Silva Mello

“A Uenf é meu quintal”: representações infanto-juvenis e dinâmicas de interação no espaço público em Campos dos Goytacazes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção de título de Mestre em Sociologia Política

Orientador: profa. Dra. Luciane Soares da Silva

CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Fevereiro, 2020

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pelo autor.

M527 Mello, Wallace da Silva.

A UENF É MEU QUINTAL : REPRESENTAÇÕES INFANTO-JUVENIS E DINÂMICAS DE INTERAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES / Wallace da Silva Mello. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2019.

171 f. : il.

Bibliografia: 163 - 171.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2019.

Orientadora: Luciane Soares da Silva.

1. Sociologia Urbana. 2. Juventude. 3. Periferia. 4. Segregação Racial. 5. Estigma. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

“A Uenf é meu quintal”: representações infanto-juvenis e dinâmicas de interação no espaço público em Campos dos Goytacazes

WALLACE DA SILVA MELLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção de título de Mestre em Sociologia Política

Aprovada em 03/06/2019

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Ricardo André Avelar da Nóbrega (Doutor em Sociologia – IESP-UERJ) – PPGSP/UENF



Prof. Dr. Marco Antônio Pedlowski (Doutor em Environmental Design and Planning – Virginia Tech) – PPGPS/UENF



Prof. Dr. Hernán Armando Mamani (Doutor em Planejamento Urbano e Regional – UFRJ) – PPGPS/UFF



Prof. Dra. Luciane Soares da Silva (Doutora em Sociologia – UFRJ) – PPGSP/UENF

Orientadora

Dedico este trabalho à minha mãe, meu pai, minha avó Maria do Carmo, meu tio Zenildo, meu primo Wesllen, minhas primas Gabriele e Daniele, minha tia/mãe Sebastiana, minha prima/irmã Luciana e meu sobrinho Samuel e à Kíssila e todos os meus amigos que me ajudaram nessa longa jornada. Dedico também aos meninos da Portelinha, na crença de que só a luta transforma e que liberdade e democracia devem valer para todos e são valores inegociáveis!

AGRADECIMENTOS

Escrever um agradecimento é uma coisa sempre difícil porque não é fácil definir quais são os critérios que justifiquem o agradecimento. Tantas pessoas foram importantes em nossas vidas...Mas vamos tentar... Agradeço muito à minha mãe Celina que me deixou há quase 19 anos mas legou meu prazer e compromisso pelo estudo (viu mãe, hoje eu não quero mais ficar burro, obrigado!). Agradeço a meu pai, à minha vó Maria do Carmo e minha tia Sebastiana, minhas mães na ausência de minha progenitora. Tudo o que sou devo a vocês. Agradeço a meus familiares por tudo o que vocês me permitiram fazer e aprender: tio Zenildo, Luciana, Wesllen, Gabriele e Daniele, Samuel por me fazer ver a vida com outros olhos e a todos os outros que me ajudaram. Agradeço à Kíssila, que aceitou caminhar comigo há 8 anos. Você também merece esse diploma porque fez por mim o que eu não sei se merecia, e tem sido muito importante na minha vida! Sou muito grato a cada um de vocês, minha família, que me deu apoio e sustento para que eu chegasse até aqui. Não foi fácil, nunca é, e por isso agradeço enormemente todo o esforço que vocês fizeram por mim. Tantos já se foram, tantas saudades ficaram e a melhor maneira de honrar os que se foram é conquistando aos poucos tudo o que for possível conquistar.

Agradeço muito a todos os amigos e amigas que a vida me fez nesses anos de estudo. Nunca foi fácil nem tranquilo e no mar de tempestades que a vida nos coloca, ter amigos para dividir os sacolejos do barco e segurar na sua mão na hora do desespero é fundamental. Agradeço ao amigo de longa data e (agora) distância Igor acácio, com quem sempre aprendo algo. Aos amigos e colegas de antes, onde tudo isto começou, da ME-2012: guardo todos no coração. Apesar das distâncias e das coisas da vida, os erros, as impossibilidades e situações inesperadas, tenho grande orgulho de tê-los conhecido. Aos amigos que a vida acadêmica me deu: Guilherme Reis, Carlos Pinho, Francisco Conceição, meu muito obrigado pelas conversas e pela amizade tão importante. Àqueles que se importam sempre comigo, tanto os da Igreja Metodista Wesleyana quanto os amigos que fiz na 2ª Igreja Presbiteriana de BJI. Obrigado pelo carinho. Estou sempre na área.

Agradeço demais aos amigos Felipe Medeiros e Elaine: vocês foram meu apoio e junto com minha família de sangue são minha família de coração, meus irmãos. Obrigado pela acolhida sempre Felipe, é sempre um prazer lavar a louça...rs...Obrigado por cada ensinamento Elaine: você é guerreira e Leon foi muito honrado em tê-la como mãe, guardiã e exemplo maior! Tenho muito orgulho de tê-los na minha vida.

Agradeço muito aos “absurdos” amigos Annabelle, Marcos, Rodrigo, Allan e Joel! Vocês tornam minha experiência docente muito mais louca e agradável. Agradeço aos amigos, colegas e companheiros de batalha no Colégio Estadual Padre Mello e no CIEP Ernesto Paiva. Agradeço a meus alunos e alunas (de ontem e de hoje) que me aguentam, me fazem crescer como professor, como pesquisador e como ser humano. Amo (quase) todos vocês! Hahaha....

Por fim, agradeço à UENF, ao PPGSP, à professora Wânia, excepcional coordenadora e a todos os professores, funcionários e colegas com quem convivi nestes 3 anos de UENF. Foi sensacional. Em especial cito os professores Roberto. Dutra, Juliana Blasi (“gueto não é favela hein”), Flávia Rios, Matheus Gato, Ricardo

Shiota, Glauber. Rabelo, Fábio Py e todos os demais: muito obrigado. Vossas dicas, críticas, sugestões, exemplos e ações na universidade me enchem de orgulho de tê-los como professores. Aprendi muito com todos os senhores e senhoras. Agradeço especialmente ao professor Paulo Gajanigo: o senhor me ensinou sobre como ser um professor simples, gentil e competente e inspirador. Em tempos de ignorância, agradeço por ensinar com o exemplo que não é preciso ser duro e grosso para ser competente, respeitado e ser reconhecido academicamente. Agradeço ao PROFESSOR Vitor Peixoto: conhecer o senhor e tê-lo como amigo foi/é uma enorme honra. Aprendi muito com sua disciplina, simplicidade e sagacidade!

Agradeço aos professores Marcos Pedlowski, Hernán Mamani e Ricardo Nóbrega pelas contribuições e críticas. Foi uma honra tê-los na banca examinadora.

Agradeço à minha orientadora, profa. Luciane Soares da Silva. Me faltam palavras pra expressar a gratidão que tenho para com a senhora. Me aceitou com meus erros e incompletudes, entendeu meus fracassos e viu humanidade e acreditou em mim quando nem eu mais acreditava. Você me deu condições de crescer e produzir. Muito obrigado. A senhora foi tudo o que um orientando precisa: crítica, simples, amiga, atenciosa, exigente e muito competente. Levarei para sempre seu exemplo de luta e de compromisso com a educação pública e de qualidade. Se esta dissertação tem valor, devo muito disto a seu olhar atento e orientação valiosa. Também agradeço por ter me apresentado, de fato, aos Racionais Mc's. Minha vida nunca mais foi a mesma, e que bom!

Por fim agradeço à minha turma do mestrado. Vocês estiveram comigo em todos os momentos e viram meu melhor e meus momentos mais frágeis. Agradeço a cada um de vocês por tudo o que dividimos. Vocês foram sensacionais!!! Rhena, obrigado por todas as palavras doces e o companheirismo, devo muito a seu exemplo e amizade, eu sou muito honrado por ter te conhecido e vivenciado a experiência do mestrado ao lado de pessoa tão especial como você; Mirila, obrigado por compartilhar tantas angústias e ensinamentos, trago suas palavras e seu exemplo sempre que entro em sala de aula, nunca me esquecerei das palavras afetuosas em momentos de angústia docente e discente e de sua coragem em falar e encarar qualquer situação; Roberta, obrigado pela amizade e por me mostrar o valor da sinceridade, verdade e do esforço, sempre aprendo contigo a sorrir e a ver a vida com olhos mais generosos conosco mesmo; Fernanda, obrigado pelo bom humor e pela atenção de sempre, contigo o riso era certo e a reflexão um prêmio, não sei o que eu faria sem nossos desenrols dos “embolos” da vida acadêmica, até por quê: “negar pra quê?!”; Yann, obrigado por me mostrar o valor da amizade, seriedade e do compromisso com os saberes, sempre aprendia contigo e foi muito importante para mim caminhar contigo nas nossas diferenças. A todos minha gratidão eterna. Se há alguma qualidade no trabalho, vocês foram fundamentais no processo

Aos meus interlocutores que permitiram esta pesquisa: muito obrigado! De nada adiantaria o interesse da pesquisa em a receptividade e aceitação por parte de vocês. Eu agradeço muito a acolhida e a permissão de conhece-los um pouco mais. Sou muito grato.

A Deus, esta força misteriosa que me encanta, me amedronta e me faz caminhar. E a todos que creem na utopia da Educação Pública e de qualidade, da emancipação do ser humano, nos Direitos Humanos e na democracia: muito obrigado!

*Bênção, mãe
Estamos iniciando nossas transmissões
Essa é a sua rádio Êxodos
Hei! Hei!
Vamos acordar, vamos acordar, porque o Sol não
espera demorou, vamos acordar
O tempo não cansa ontem a noite você pediu, você
pediu... Uma oportunidade
Mais uma chance, como Deus é bom né não nego??
Olha aí, mais um dia todo seu
Que céu azul louco hein?
Vamos acordar, vamos acordar, agora vem com a sua
cara, sou mais você nessa guerra
A preguiça é inimiga da vitória, o fraco não tem espaço
e o covarde morre sem tentar
Não vou te enganar, o bagulho tá doido e ninguém
confia em ninguém
Nem em você, os inimigos vêm de graça
É a selva de pedra, ela esmaga os humildes demais
Você é do tamanho do seu sonho, faz o certo, faz a sua
Vamos acordar, vamos acordar, cabeça erguida, olhar
sincero, ta com medo de quê?
Nunca foi fácil, junta os seus pedaços e desce pra
arena*

*Mas lembre-se: Aconteça o que aconteça, nada como
um dia após outro dia*

(Sou mais você – Racionais Mc's)

*“Você não entendeu que você é o único
representante do teu sonho aqui na Terra?*

Se isso não fizer você andar, chapa,

Eu não sei o que vai....”

(Levanta e Anda – Emicida)

RESUMO

MELLO, Wallace. “A Uenf é meu quintal”: representações infanto-juvenis e dinâmicas de interação no espaço público em Campos dos Goytacazes. (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Rio de Janeiro, 2019.

O objetivo do trabalho é a compreensão das representações sobre o espaço da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – que crianças e adolescentes residentes no Conjunto Habitacional Matadouro – Portelinha – constroem e como estas representações se relacionam com a circulação e interação com os professores, funcionários e estudantes da UENF. Buscou-se compreender como as dinâmicas de circulação são alteradas e afetadas a partir destas representações que quais conflitos e tensões surgem nesta interação. A metodologia utilizada foi a qualitativa utilizando-se dos recursos da observação da circulação dos adolescentes e crianças, entrevistas com elas, estudantes e com os professores e funcionários da universidade. Os resultados apontam para a existência de uma relação constante no tempo, apesar de ter diferentes configurações e características. Além disso, destacou-se a existência de projetos de extensão com os grupos analisados mas que tem pouca efetividade na construção de uma relação estável e mais pacífica com a comunidade e, mais do que um projeto institucional que vise desenvolver ações com a comunidade, as ações individuais são mais frequentes. Observou-se que as crianças e adolescentes representam a universidade de diferentes modos, como espaço de lazer, brincadeiras, como um quintal ou parque de diversão, e isto ocasiona tensão no dia-a-dia da universidade. Além disso, percebeu-se que as crianças e adolescentes sofrem com estigmas e preconceitos.

Palavras-chave: Sociologia Urbana; Juventude; Estigma

ABSTRACT

MELLO, Wallace. "Uenf is my backyard": representations of children and young people and dynamic interaction in the public space in Campos dos Goytacazes. (Master in Political Sociology) – State University of North fluminense Darcy Ribeiro - UENF. Rio de Janeiro, 2019.

The objective of this work is to understand the representations about the space of the Northern Fluminense State University Darcy Ribeiro - UENF - that children and adolescents living in the Matadouro Housing Complex - Portelinha - construct and how these representations relate to the circulation and interaction with the teachers, employees and students of the UENF. It was sought to understand how the dynamics of circulation are altered and affected from these representations that what conflicts and tensions arise in this interaction. The methodology used was qualitative using the resources of observation of the circulation of adolescents and children, interviews with them, students and with university professors and employees. The results point to the existence of a constant relationship in time, in spite of having different configurations and characteristics. In addition, it was highlighted the existence of extension projects with the analyzed groups, but it has little effectiveness in building a stable and peaceful relationship with the community and, rather than an institutional project aimed at developing actions with the community, individual actions are more frequent. It was observed that children and adolescents represent the university in different ways, such as leisure space, games, such as a backyard or amusement park, and this causes tension in the daily life of the university. In addition, it has been realized that children and adolescents suffer from stigmas and prejudices.

Key words: urban sociology; youth; stigma

SUMÁRIO

Introdução.....	16
1. Capítulo 1: A CIDADE COMO OBJETO SOCIOLÓGICO.....	19
1.1. Engels e a questão da cidade.....	20
1.2. Simmel e a Cidade.....	22
1.3. As reflexões da Escola de Chicago.....	26
1.4. O interacionismo simbólico de Goffman.....	30
1.5. Campos dos Goytacazes: perfil socioeconômico e urbano.....	35
1.6. Do Matadouro à Portelinha.....	39
1.7. Reflexões sobre Raça e Classe no Brasil	49
2. ANÁLISE DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA REGIÃO DO MATADOURO/PORTELINHA E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	51
2.1. Apontamentos sobre a história das Favelas no Rio de Janeiro.....	53
2.2. Campos dos Goytacazes: entre a cana, o petróleo e a modernização.....	57
2.3. Viver e ser “ptl”: a experiência de viver na Portelinha.....	63
2.3.1. A Portelinha nas muitas Margens.....	66
2.3.1.1. O caso Dona Márcia.....	70
2.3.1.2. O caso Dona Regina.....	71
2.3.2. A Portelinha é um Gueto? Pensando a Portelinha com Wacquant.....	72
2.3.3. Viver na Portelinha.....	76
3. A INFÂNCIA E A JUVENTUDE ENTRE A PORTELINHA E A UENF.....	81
3.1. A Universidade como espaço público.....	82
3.2. A UENF como a universidade do 3º milênio.....	84
3.3. A relação entre UENF e o entorno até a crise de 2016.....	91
3.4. Juventude e infância na Portelinha.....	95
3.5. A Portelinha nos projetos de extensão da UENF.....	100
3.5.1. Um espectro ronda a UENF: O projeto “Recreando”	100
3.5.2. A Capoeira na UENF.....	102
3.5.3. O projeto de Extensão Integração Favela-Bairro.....	108
3.5.4. “No peito e na raça”: outras ações e <i>Projetos de intenção</i>	115
3.5.4.1. A Biblioteca do CCH.....	116
3.5.4.2. O kit de Química.....	117

3.5.4.3. A UESI e o contato com os meninos.....	118
4. A GREVE DE 2016 E AS NOVAS DINÂMICAS DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA PORTELINHA COM A UENF.....	123
4.1. Novas dinâmicas de circulação.....	128
4.2. Os diferentes grupos de meninos e meninas e suas representações sobre a UENF.....	135
4.2.1. Representação da UENF como espaço de trabalho.....	136
4.2.2. A UENF como espaço de prática esportiva.....	137
4.2.3. A UENF para as meninas: da dificuldade do campo e da pesquisa.....	141
4.2.4. A UENF é meu quintal: infância na universidade.....	142
4.3. O caso Rodrigo.....	145
4.4. A Interação e Circulação na UENF e os símbolos de Estigma.....	151
4.5. O caso dos Piolhos.....	154
4.6. Os casos da brinquedoteca e da piscina.....	154
5. CONCLUSÃO.....	159
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	163
7. ENTREVISTAS.....	170

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Divisão distrital de Campos dos Goytacazes.....	35
Figura 2: Crescimento da População Urbana e Rural entre 1980 e 2010.....	37
Figura 3: Bairros de Campos dos Goytacazes.....	38
Figura 4: Planta do Matadouro Modelo.....	40
Figura 5: Planta do Matadouro Modelo 2.....	41
Figura 6: O Matadouro entre 1905 e 1920.....	41
Figura 7: Funcionárias da Escola Francisco de Assis.....	42
Figura 8: Grupo de alunos no pátio da escola, em 1970.....	43
Figura 9: Ruínas do Matadouro (lado).....	45
Figura 10: Ruínas do Matadouro (frente).....	46
Figura 11: Moradores alojados pela prefeitura após as enchentes de 2001.....	47
Figura 12: Alguns barracos construídos nas ruínas do Matadouro.....	47
Figura 13: Alguns barracos construídos nas ruínas do Matadouro.....	47
Figura 14: Alguns barracos construídos nas ruínas do Matadouro.....	48
Figura 15: Portelinha vista da UENF.....	48
Figura 16: O entorno da UENF: Portelinha, Matadouro e Condomínios.....	66
Figura 17: A Portelinha, a Avenida Alberto Lamego, a UENF e o Paraíba do Sul.....	68
Figura 18: A Construção da UENF e seu entorno no final dos anos 1980 e início do 1990.....	69
Figura 19: A Construção da UENF e seu entorno no final dos anos 1980 e início do 1990.....	70
Figura 20: O Matadouro e a UENF.....	70
Figura 21: Driblando o esgoto a céu aberto na Portelinha.....	74
Figura 22: Moradias no “Morar Feliz”	75
Figura 23: Casas no “Morar Feliz”	75
Figura 24: Lazer na Portelinha.....	77
Figura 25: Campanha política do PSOL na Portelinha em 2018.....	80
Figura 26: A UENF vista de cima.....	82
Figura 27: Visita dos estudantes do Colégio Estadual Padre Mello à UENF.....	83
Figura 28: A chegada da UENF.....	83

Figura 29: A UENF segundo o projeto de Darcy Ribeiro.....	89
Figura 30: Projeto de Extensão de prevenção a DST's na Portelinha/Matadouro.....	94
Figura 31: A Capoeira na UENF.....	103
Figura 32: Passeio do Projeto de Extensão Integração Favela-Bairro - 2004.....	109
Figura 33: Palestra do projeto Integração Favela-Bairro (30 de junho de 2006)	109
Figura 34: Palestra do projeto Integração Favela-Bairro (30 de junho de 2006)	109
Figura 35: Desenhos feitos por meninos da Portelinha na sala da prof. Teresa.....	113
Figura 36: Escola Municipal Francisco de Assis.....	117
Figura 37: Escola Municipal Francisco de Assis.....	117
Figura 38: Bate, bate, bate na porta da UESI.....	119
Figura 39: Atividades na UESI.....	120
Figura 40: Desenho feito na UESI e a difícil fuga da realidade.....	121
Figura 41: Protesto em razão da crise de 2016.....	123
Figura 42: Protesto: SOS UENF.....	124
Figura 43: Ocupação estudantil durante a Greve em 2016.....	126
Figura 44: A região do CCH vista de cima.....	128
Figura 45: A região do Centro de Convenções, CCTA e CBB vista de cima.....	129
Figura 46: A Portelinha vista de cima.....	134
Figura 47: UENF e suas áreas verdes.....	135
Figura 48: Circulação de animais pela UENF.....	136
Figura 49: Adolescentes ajudando seu pai com carroça.....	136
Figura 50: Aproveitando o que UENF dá: capim.....	137
Figura 51: Aproveitando o que UENF dá: capim.....	137
Figura 52: Adolescentes e jovens indo para a quadra jogar futsal.....	138
Figura 53: Meninos da Portelinha (Jorge, Saulo, Igor e Elias) na atividade em homenagem à Marielle Franco.....	139
Figura 54: UENF vista de cima.....	143
Figura 55: Saulo, Vitor e Marcus brincando de sinuca na lanchonete na UENF.....	144
Figura 56: Vitor, Saulo e Jorge no estacionamento do CCH (2018)	146
Figura 57: Leandro, Anderson e Rodrigo parabenizando a professora Luciane Soares na sede da ADUENF pelo seu aniversário em 2017	147
Figura 58 Alguns <i>símbolos de estigma</i>	151

Figura 59: Senhora na Liteira com dois escravos.....	152
Figura 60: A Interação funcionários, estudantes e crianças e adolescentes da Portelinha no CCH	153
Figura 61: Crianças da Portelinha na Piscina – parceria Prefeitura e UENF (2019)	158
Figura 62: Crianças da Portelinha na Piscina – parceria Prefeitura e UENF (2019)	158
Figura 63: Crianças da Portelinha na Piscina – parceria Prefeitura e UENF (2019)	158

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADUENF – Associação dos Docentes da Universidade Estadual do Norte Fluminense

CBB – Centro de Biociências e Biotecnologias

CALF – Consolidação da Alfabetização

CCH – Centro de Ciências do Homem

CCT – Centro de Ciência e Tecnologia

CCTA – Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social.

DEGASE – Departamento de Geral de Assistência Socioeducativa

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DST – Doença Sexualmente Transmissível

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FENORTE – Fundação Estadual do Norte Fluminense

IFF – Instituto Federal Fluminense

LEEA – Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico

LEEL - Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem

NUC – Núcleo de Estudos Cidade, Cultura e Conflito

PTL – Portelinha

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

RU – Restaurante Universitário

SAGMACS – Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais

TCP – Terceiro Comando Puro

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UESI – Unidade Experimental de Som e Imagem

UFF – Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu como um esforço de tentativa de entendimento das relações sociais na cidade e, mais especificamente, das dificuldades de circulação de alguns grupos e indivíduos. O meu olhar para o problema da circulação dos grupos e dos diferentes tipos de uso da cidade surgiu ainda em 2015 quando eu vivi uma experiência de racismo em Bom Jesus do Itabapoana. Precisei de 25 anos mais ou menos para entender que eu era um homem negro num país racista. Precisei de 25 anos para compreender que se eu estivesse no “lugar errado e na hora errada”, poderia sofrer com todos os preconceitos e ações que a população negra neste país está sujeita, independentemente da cor de pele. De lá para cá muita coisa mudou, muitas leituras foram feitas e, como não poderia deixar de ser, a percepção foi sendo alterada e outros problemas e questões foram sendo observadas.

A pesquisa seria, a princípio, sobre a circulação de jovens de duas favelas de Campos dos Goytacazes, Portelinha e Baleeira, e o objetivo seria tentar compreender as dificuldades no uso da cidade por parte desta juventude periférica e as formas de resistência e ressignificação do espaço público. Como seria o deslocamento destes grupos pela cidade, seriam afetados pelo tráfico de drogas e se sim em que sentido? A pesquisa ia se desenvolvendo no sentido de que uma pesquisa sobre os itinerários na cidade e de que forma esta cidade se conformava a partir da circulação destes grupos. Mas o campo vai se desenhando de formas diferentes, e se formos atentos, vamos percebendo dimensões da pesquisa que antes não estavam apresentadas a nós e que podem nos abrir todo um cenário de observações e discussões.

Desde muito cedo, fui percebendo que havia um descompasso na comparação pois os jovens e adolescentes da Portelinha tinham uma diferença muito grande em relação aos da Baleeira: a UENF. A universidade estava a menos de 20 metros dos muros do Conjunto Habitacional cujo apelido é Portelinha.

Logo que iniciei o mestrado na UENF, percebia a circulação dos meninos da Portelinha. Eles praticamente recebiam os estudantes e professores no estacionamento. Eram, às vezes, os primeiros a interagirem com quem vinha de fora como eu, residente de Bom Jesus. Ao mesmo tempo, era visível nas conversas, olhares e no andamento do dia-a-dia da universidade um certo desconforto que alguns estudantes e professores tinham em relação a eles.

A presente pesquisa é uma tentativa de inserção nesta discussão sobre o direito à cidade, focando na circulação de crianças e jovens da Portelinha na UENF. Na tentativa de compreensão da circulação do espaço público, elaborei uma discussão no primeiro capítulo do ponto de vista teórico sobre a cidade e a Teoria Social. Focando em alguns dos trabalhos basilares do campo da Sociologia, busquei apresentar uma perspectiva teórica que desse conta não do consenso ou da integração bem acabada, mas que permitisse perceber o conflito como uma característica da interação. O objetivo era perceber que o conflito se constituía como processo de relação e não apenas como sintoma da desagregação do corpo social.

A partir das contribuições de Karl Marx e Friedrich Engels, foi possível perceber que a cidade constitui-se de grupos diferentes que estão em processo de disputa política e econômica. A dinâmica que procurei explorar foi a da luta de classes como elemento constituidor de uma realidade social e urbana. Com Simmel, o conflito adquire uma dimensão mais interna na medida em que o conflito deixa de ser exclusivamente externo e passa também a possuir uma dimensão interna. Sobressai no argumento simmeliano a dimensão da psique do ser humano contemporâneo em conflito com a intensificação da vida nervosa da metrópole moderna. As contribuições da Escola de Chicago foram importantes sobretudo a partir da tentativa de compreensão do funcionamento das cidades modernas com uma ecologia própria. Por fim, abordo a contribuição de Goffman e seu conceito de *estigma*, na tentativa de compreensão dos fenômenos da interação na cidade a partir dos processos de interação entre indivíduos e grupos. Busquei refletir, a partir do *estigma*, de que modo as identidades e as interações se dão através dos diferentes signos, símbolos e marcas que constituem os diferentes grupos. Além disso, busquei no capítulo um apresentar a cidade de Campos e a Portelinha como campos de pesquisa. Para tanto apresento alguns dados estatísticos e geográficos sobre a cidade de Campos e algumas informações sobre a Portelinha.

No capítulo dois, tentei propor uma reflexão sobre o processo de urbanização de uma região de Campos dos Goytacazes, a região do Matadouro, e suas conexões e desconexões com os processos de modernização no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. Neste sentido, tentou-se dar atenção às especificidades desse processo em Campos a partir da discussão da presença da monocultura da cana-de-açúcar e do latifúndio escravocrata. A leitura de Gilberto Freyre sobre as relações entre casa-grande e senzala se inserem neste objetivo.

Busquei demonstrar de que modo a população do antigo Matadouro vivenciou um processo de segregação social que tem suas raízes no processo de modernização e de reformas urbanas em Campos dos Goytacazes. Busquei apresentar como a Portelinha e seus moradores vivenciam, em Campos, uma socialização marginal, na medida em que uma série de processo de segregação, física, econômica e social-racial tensionam determinados tipos de circulação e de uso do espaço público. Por fim, tentei demonstrar como a experiência na Portelinha não se resume à violência ou ao tráfico, mas que há muito mais vida social atrás dos estigmas e preconceitos de classe e cor.

No capítulo três busquei apresentar primeiramente a dissonância entre o projeto de Universidade pensado por Darcy Ribeiro, aquele proposto pelas elites de Campos e o que foi, enfim, realizado nos anos 1990. Além desta dissonância, busquei dar atenção às formas de interação e de relação entre a universidade e a comunidade do entorno até a crise de 2016. Além disso, apresentei algumas reflexões sobre a experiência de viver e pertencer à Portelinha, com em especial atenção à infância e juventude. Explorei as relações com a universidade via projetos de extensão e outras ações entre professores e funcionários e a comunidade. O objetivo foi perceber de que modo a universidade se insere no cotidiano dos moradores, em especial das crianças, e de que modo, inversamente, os moradores participam do dia-a-dia acadêmico, oficialmente via projetos institucionais ou não

No capítulo quatro, apresento o cenário da crise de 2016, que de formas muito variadas, foi percebida como um fator de transformação na relação entre os moradores do entorno e a UENF. Após isso, exploro as diferentes representações que se faz da UENF pelas crianças e adolescentes, sobretudo e como isso produz na universidade questionamentos e conflitos. O ponto central da argumentação é demonstrar como as crianças e adolescentes ressignificam o espaço da universidade e como esse processo é fruto de dinâmicas externas à UENF mas que se materializam em e novas dinâmicas internas, sejam de circulação ou de interação. Por fim, apresenta-se também algumas reflexões sobre os estigmas e preconceitos que os adolescentes e crianças que frequentam a UENF sofrem e como se dá a interação entre a comunidade acadêmica e esses meninos e meninas.

CAPÍTULO 1: A CIDADE COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

Um dos temas que mais possui lastro nos estudos sociológicos é o da cidade. Ele é um dos mais caros a uma grande quantidade de escolas e estudiosos desde a fundação da disciplina no século XIX. Mas o que é uma cidade? Dado esse longo caminho teórico de interpretação do que seria a cidade, diversas explicações podem ser dadas.

O século XX foi, de certa maneira, o “século da urbanização”. Globalmente falando, é a partir daí que se pode dizer que a maior parte da população mundial passou a viver essencialmente em centros urbanos de diversos tipos. Essa ruptura com séculos e séculos de uma história humana em que a maioria da população do planeta dedicava-se fundamentalmente a atividades agrícolas, e em que a cidade devia ser vista muito mais como uma exceção do que como ambiente familiar para os homens, contribuiu naturalmente para que este mesmo século XX tenha assistido a uma grande eclosão de interesses nos vários campos do saber em estudar este grande enigma e esta trama de complexidade que é a cidade. [...] os historiadores e cientistas sociais produziram ao longo do século riquíssimos estudos e abordagens teóricas sobre as cidades que hoje, no alvorecer do novo milênio, podem ser avaliadas em visão panorâmica. (BARROS, 2007, p.7)

Como argumenta Barros, no século XIX e XX observou-se uma grande quantidade de explicações concorrentes ou complementares sobre a cidade. Sobretudo com a complexificação das vidas nas grandes cidades europeias e com a intensificação do processo de urbanização levado à diante pela Revolução Industrial, tornava-se cada vez mais necessário entender como a cidade funcionava, como ela se desenvolveu até aquele ponto do estágio e qual as características específicas que ela possuía em comparação com outros modos de organização social, como o campo ou outras regiões do globo – num esforço de comparação – ou com outras sociedades distantes no tempo. Neste texto, ser dará atenção à perspectiva de alguns dos “pais fundadores” da Sociologia, a saber Engels e também a George Simmel. A seguir, será explorada a contribuição da Escola de Chicago e algumas das visões sobre a cidade de alguns autores a ela filiados e, por fim, serão apresentados as contribuições do *Interacionismo Simbólico* de Erving Goffman para pensar a cidade. Além disso, serão apresentados a cidade de Campos dos Goytacazes e seu perfil socioeconômico e a Portelinha e a UENF, espaços privilegiados de realização do trabalho de campo e da pesquisa.

1.1. Engels e a questão da cidade

Um grupo de autores clássicos à sociologia para pensar a questão urbana são aqueles vinculados aos movimentos socialistas. Dentro deste grupo, darei atenção a apenas dois autores, tanto por questão de espaço quanto pelo foco dado pelos autores. São eles Karl Marx e Friedrich Engels, mas principalmente Engels. Ambos construíram um conjunto de explicações sobre a sociedade europeia capitalista do século XIX que se tornaram fundamentais para a compreensão do funcionamento do capitalismo da época. Marx e Engels são autores que estão escrevendo sobre muitos fenômenos sociais, políticos e sobretudo econômicos. No espaço que tenho aqui, abordarei brevemente como Marx interpretou o capitalismo e o século XIX e a questão da cidade e seus grupos como elementos presentes nesta teoria. Não vou me prender em apresentar as ideias de Marx e Engels sobre filosofia da história, dialética ou materialismo histórico, seja porque há muitos trabalhos excelentes que fazem isso e pouco poderia acrescentar de novo e porque o espaço aqui exige um certo grau de síntese.

O ponto fundamental ao pensar a contribuição de Marx para a compreensão da sociedade urbana, industrial, capitalista e burguesa que se desenvolveu após as transformações da revolução industrial, é a percepção da cidade como um espaço de circulação de pessoas, mas também de capitais e produtos, e que, por isso, estava sujeita a um conjunto de dinâmicas muito específicas do capital e dos capitalistas. Posto de outra forma, a cidade vai se constituindo como um espaço de produção de riquezas e lucro, pois é sobretudo nela que a burguesia vai assentar as bases da Revolução Industrial. Dado que esse processo se opera através do controle dos meios de produção e da exploração da classe trabalhadora, agora refém da oferta de mão-de-obra como forma de subsistência, há uma pauperização e empobrecimento das camadas mais populares e pobres, o que por sua vez cria, na cidade, espaços cada vez mais pobres em recursos, estrutura pública e qualidade de vida. Além do mais, com o processo de êxodo rural que ocorrerá no final do século XVIII e XIX, as cidades vão se constituindo em espaços cada vez mais populosos, dado que a possibilidade de sobrevivência está muito mais ligada a ela que ao campo. Todo esse cenário é explicitado no texto “A Situação da Classe Trabalhadora Inglaterra” (2010), onde Engels afirma

Adquirindo importância ao converter instrumentos em máquinas e oficinas em fábricas, a nova indústria transformou a classe média trabalhadora em proletariado e os grandes negociantes em industriais; assim como a pequena classe média foi eliminada e a população foi reduzida à contraposição entre pequenos operários e capitalistas, o mesmo ocorreu fora do setor industrial em sentido estrito, no artesanato e no comércio: aos antigos mestres e companheiros sucederam os grandes capitalistas e operários, os quais não tem perspectivas de se elevarem acima de sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho foi introduzida rigidamente e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos industriais foram lançados às fileiras da classe dos proletários. [...] Agora, quem quer que nasça operário não tem outra alternativa senão viver como proletário ao longo de sua existência. Agora, portanto, pela primeira vez, o proletariado encontra-se em condições de empreender movimentos autônomos. Foi assim que se constituiu esse enorme massa de operários que povoa atualmente o império Britânico e cuja situação social se impõe cada dia mais atenção. A situação da classe trabalhadora, isto é, a situação da imensa maioria do povo inglês, coloca o problema: o que farão esses milhões de despossuídos que consomem hoje o que ganharam ontem, cujas invenções e trabalho fizeram a riqueza da Inglaterra, que a cada dia se tornaram mais conscientes de sua força e exigem cada vez mais energicamente a participação nas vantagens que proporcionam às instituições sociais [...] (ENGELS, 2010, p.60)

O ponto fundamental da argumentação de Engels remonta ao processo de transformação ocorrido com a Revolução Industrial que remodelou as relações sociais e de força (sobretudo econômica), permitindo o surgimento de duas classes opostas, a saber, a burguesia e o proletariado. Este se encontra pauperizado e explorado. “[...] a classe média inglesa, em particular a classe industrial, que se enriquece diretamente com a miséria dos operários, nada que saber dessa miséria.” (ENGELS, 2010, p. 61). A grande questão, segundo a ótica marxista é perceber que essa sociedade industrial e a cidade industrial, moderna (em sentido sociológico)¹ constitui-se a partir desta divisão e exploração.

Uma cidade como Londres, onde é possível caminhar horas e horas sem sequer chegar em princípio do fim, sem encontrar o menor sinal que faça supor a vizinhança do campo, é verdadeiramente um caso singular. [...] A massa constituída pelo casario, os estaleiros de ambos os lados, sobretudo acima de Woolwich, os incontáveis navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se sempre mais uns contra os outros a ponto de só deixarem livre uma estreita passagem no meio do rio, na qual se cruzam velozmente centenas de barcos a vapor – tudo isso é tão extraordinário, tão formidável, que nos sentimos atordoados com a grandeza da Inglaterra antes mesmo de pisar no solo Inglês. Mas os sacrifícios que tudo isso custou, nós só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, por uns quantos dias, as pedras das ruas principais, depois de passar a custo pela multidão, entre as filas intermináveis de veículos e carroças, depois de visitar os ‘bairros de má fama’ desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram que sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para

¹ Enquanto modernidade para a História e a Filosofia tem início com o fim do período medieval e o início da Renascença Italiana e a Expansão marítima, sociologicamente, modernidade se refere à sociedade industrial e capitalista do final do XVIII e XIX em diante.

realizar todos os milagres da civilização do que é pródiga a acidade [...] (ENGELS, 2010, p.67-68)

A perspectiva adotada por Engels e Marx posteriormente, darão conta de uma análise que considera a cidade como sendo espaço por definição de produção de valor, mais-valor (ou mais-valia) e, simultaneamente, exploração e desigualdade. Contrariamente àquela perspectiva durkheimiana de que a cidade seria o espaço de funcionamento de um organismo onde o conflito e as disputas são resultados da *anomia*, na perspectiva do materialismo histórico, isto é, de Marx e Engels, a cidade é constituída pelo conflito que gera a desigualdade. Destaca-se nas citações acima o elemento da riqueza também conferido na análise das cidades inglesas. Engels indica que ao lado de uma produção ímpar de desigualdade e exploração e condições de vida muito distantes das adequadas, ele também pondera essa produção e constituição de uma cidade onde as oportunidades e riquezas são extraordinárias. O elemento dialético é claro na perspectiva do materialismo histórico, isto é, Engels apresenta sua análise deixando claro que há uma dualidade no processo de constituição do capitalismo onde as classes sociais se estruturam a partir de relações sociais e econômicas em que estão inseridas e que é do conflito e disputa entre estas classes que o motor da história se movimenta (MARX; ENGELS, 2005).

1.2. Simmel e a Cidade

Outro sociólogo que possui uma produção importante para a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade moderna é George Simmel. Nascido na Alemanha na segunda metade do século XIX (1858) e falecido no início do século XX (1918), Simmel vivenciou e estudou grandes transformações sociais que a cidade de Berlin – e toda a Europa – atravessaram no século². Nesse cenário, os indivíduos lutariam para sobreviver e não serem atomizados e consumido a um nível técnico-

² Segundo Kaap (2011, p.440) “Entre 1858, ano de nascimento deste último, e 1903, ano de publicação do dito ensaio, Berlin se transforma de capital da Prússia, com 400 mil habitantes, muita pobreza e alguma mecanização, em capital política, econômica e cultural do império alemão, com três milhões de habitantes, industrialização, comércio e exposições mundiais, uma linha de metrô recém-inaugurada, iluminação pública, bondes elétricos e automóveis, museus e cinemas, jornais e revistas ilustradas, lojas de departamento e cafés, e um milhão de Mietskasernen, isto é, precárias moradias de aluguel de um ou dois cômodos.1 À diferença de Viena, Munique ou Roma – cidade pela qual Simmel tem enorme admiração –, Berlin é um caldeirão de experimentações urbanas pouco resistente à perda de tradições e à modernização acelerada, que se expressa, por exemplo, na massiva demolição das edificações mais antigas. E à diferença de Londres ou Paris, que em meados do século já eram metrópoles, o crescimento de Berlin coincide justamente com o período vivido por Simmel: primeiro ela se transforma em “grande cidade” (Großstadt), depois, em metrópole (Metropole).”

social. Isto é, a grande questão que se colocava no contexto e que Simmel bem percebeu foi a complexa luta entre os indivíduos e as instituições sociais, políticas, culturais, religiosas e militares por concordância, sujeição e nivelamento. Além de todos os impulsos niveladores, a cidade moderna, a modernidade *intensifica a vida nervosa* (SIMMEL, 2005, p. 577) dos indivíduos, provocando sensações, experiências, emoções e levando-os a experimentar uma condição social e psíquica nunca antes vista. Não é difícil pensar em um jovem que chega numa “cidade grande” e se surpreende, se excita, se admira, se enoja com diversos cenários sociais que ele não tinha visto.

Como um mecanismo de defesa, o ser humano se põe a se resguardar desta posição de desconforto da vida nervosa.

Assim, o tipo do habitante da cidade grande — que naturalmente é envolto em milhares de modificações individuais — cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior o ameaçam: ele reage não com o ânimo, mas sobretudo com o entendimento, para o que a intensificação da consciência, criada pela mesma causa, propicia a prerrogativa anímica. Com isso, a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível das profundezas da personalidade. Essa atuação do entendimento, reconhecida portanto como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares (SIMMEL, 2005, p. 578)

Este processo de socialização cada vez mais frenético, intenso e que expõe o ser humano moderno a cada vez mais propagandas, anúncios, notícias, informes, exigências e etc também é atravessado por um processo de transformação econômico-social muito intenso que é o da mercantilização das relações, pois “O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil” (SIMMEL, 2005, p. 580). Segundo Jessé Souza

O fator mais importante da modernidade, para Simmel, é o advento da economia monetária, cuja análise é marcada por uma ambiguidade fundamental: o dinheiro desempenha um papel central tanto na constituição da liberdade quanto da tragédia modernas. Simmel percebe a liberdade como um resultado de mudanças de constrangimentos, ou seja, ela não se dá num vácuo, mas num contexto de obrigações. Quando das mesmas nos libertamos, temos a impressão da liberdade até que as outras obrigações assumam o lugar das antigas. [...] A partir da generalização desse processo, com a consolidação da economia monetária, podemos falar, do ponto de vista subjetivo, que o dinheiro permite uma margem importante de liberdade pessoal na medida em que separa o desempenho, o qual pode ser comprado por dinheiro, da personalidade, a qual permanece inalienável. A economia monetária, em conjunção com a divisão social do trabalho, permite a essa personalidade libertada de constrangimentos éticos e pessoais uma maior oportunidade de autodeterminação e desenvolvimento, posto que torna a teia de dependências sócias mais rarefeita e múltipla (SOUZA, 2014, P.10-11)

Essas relações cada vez mais aceleradas, contabilizadas e mercantilizadas alteraram todo um conjunto de relações dos indivíduos, provocando uma reação psicossocial muito profunda que Simmel concebe como atitude *blasé*.

Os mesmos fatores que, desse modo, na exatidão e na precisão de minutos da forma de vida, correm em conjunto rumo a uma formação da mais alta impessoalidade, atuam por outro lado de um modo altamente pessoal. Talvez não haja nenhum fenômeno anímico que seja reservado de modo tão incondicional à cidade grande como o caráter *blasé*. Ele é inicialmente a consequência daqueles estímulos nervosos — que se alteram rapidamente e que se condensam em seus antagonismos — a partir dos quais nos parece provir também a intensificação da intelectualidade na cidade grande. Justamente por isso homens tolos e de antemão espiritualmente sem vida não costumam ser *blasé*. Assim como uma vida desmedida de prazeres torna *blasé*, porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova (SIMMEL, 2005, p. 581)

A atitude *blasé* é a síntese deste processo de transformação dos indivíduos nos espaços modernos, na medida em que as interações sociais passam a sofrerem alterações sensíveis. Há, de certo sentido, um processo inevitável de embrutecimento dos corpos sociais e dos indivíduos nesta modernidade intensificada, acelerada e multifacetada. Atomizados neste novo modelo social, a atitude imediata de defesa é o fechamento contra as influências externas na vida psíquica dos sujeitos.

Sobre o dinheiro, Simmel argumenta que

Mas a economia monetária e o domínio do entendimento relacionam-se do modo mais profundo. É-lhes comum apura objetividade no tratamento de homens e coisas, na qual uma justiça formal frequentemente se junta com uma dureza brutal. O homem pautado puramente pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois do individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico — precisamente como no princípio monetário a individualidade dos fenômenos não tem lugar. Pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e Peculiaridade à questão do mero “quanto (SIMMEL, 2005, p. 578-579)

O dinheiro funcionaria como um elemento equalizador ou planificador das relações sociais. Se antes relacionava-se a partir de questões como o pertencimento a um determinado grupo ou estamento, se tínhamos uma relação de pertencimento a determinada região, profissão ou outro elemento identitário, o dinheiro e o fluxo das transformações que o uso dele acarreta transformariam a sociedade e os indivíduos em um conjunto de grupos ou pessoas “quantificáveis”, resumidos a uma mera quantia de valor de troca. As próprias relações ficariam ameaçadas, dado que o principal na

metrópole é o aceleração das trocas comuns, padronizadas, sem particularidades pessoais ou grupais. Em outras palavras, utilizando elementos ou *fichas simbólicas* identificáveis por todos os indivíduos se acelera o processo de padronização contra o qual os indivíduos estão lutando constantemente na modernidade.

Os processos de transformação da sociedade agem sobre o indivíduo alterando todas as formas de sociabilidade dos indivíduos. Atomizados, planificados e giddensianamente³ falando *desencaixados* a reação dos indivíduos na cidade é por Simmel resumida com o conceito de *reserva*. Isto é, dado o aumento no fluxo de relações dia a dia (econômicas, políticas e sociais) nos espaços urbanos, e das complexidades em se viver em metrópoles (medo, contato com o diferente), até mesmo no plano do contato entre os indivíduos e grupos sociais há um impacto deste conjunto de processos discutidos. Se desconheço todos ao meu redor, se me vejo *desencaixado* a atitude perante o mundo é de reserva, ou seja, a de resguardo e proteção contra eventuais riscos à minha estabilidade física, emocional, financeira e etc.

Em Simmel, como se pode perceber, também há uma consideração analítica de que a cidade não é formada por grupos homogêneos que se complementam, completam ou que somente cooperam. Simmel reinsere o conflito como algo constituidor da sociabilidade, na medida em que apresenta uma cidade constituída por indivíduos que se relacionam, se veem, se esbarram e muitas vezes se isolam, num ato de defesa (*atitude blasé*) visando preservar a vida nervosa de se excitar em excesso. Numa perspectiva que se aproxima das discussões do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, Simmel aponta que o dinheiro a monetarização da vida tem alterado e dinamizado a própria constituição das sociabilidades nas cidades, na medida em que as formas de vida e interação são abaladas pela homogeneização que a moeda provoca, na medida em que cada vez mais as relações sociais são perpassadas por dimensões simbólicas, isto é o dinheiro, e as experiências urbanas e particulares perdem espaço.

³ GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

1.3. As reflexões da Escola de Chicago

Por questão de espaço e também de competência, darei um salto cronológico e teórico e enfatizarei nesse tópico as contribuições da conhecida Escola de Chicago para os estudos sociológicos e da cidade. O Objetivo é apresentar as contribuições e limites de alguns trabalhos fundamentais da escola para o entendimento do funcionamento das cidades modernas. Me deterei, sobretudo aos estudos de Robert Park (1979).

É muito difícil descolar a produção de um certo tipo de conhecimento de seu contexto histórico e social e compreender as motivações e questões da Escola de Chicago passa pela compreensão do momento histórico em que os Estados Unidos estavam. Após a Guerra Civil entre 1861 e 1865, os Estados Unidos se encontravam em pleno processo de transformação social, étnica, cultural e principalmente econômica. O fim da escravidão, a imigração de irlandeses, holandeses, italianos e diversos outros povos europeus (fugindo da fome, do desemprego e da guerra), a modernização fruto das transformações do capitalismo e a expansão para os territórios do Oeste (consagrada no cinema nos filmes de “faroeste”) e a industrialização, sobretudo nos estados do norte dos Estados Unidos, tornavam a compreensão da cidade e dos desdobramentos sociais destas alterações fundamentais (EUFRASIO, 1999). Neste sentido, observou-se uma série de transformações acadêmicas nos EUA na tentativa de compreender estas mudanças.

A questão da cidade de Chicago, a partir do final da guerra civil americana, de fato, parece ter sido um dos exemplos mais dramáticos, mais significativos, talvez um caso limite, desse crescimento do fenômeno urbano com toda velocidade, com toda intensidade, com aspas, talvez, com descontrole e com falta de meios efetivos para avaliar o que estava se passando. A Universidade foi criada em 1892 com apoio de recursos da Fundação Rockefeller. Isso é importante, não corrompe a Universidade. Simplesmente mostra que havia a preocupação social muito grande de empresários em investir numa universidade que deveria ser diferente das universidades do leste. [...] Colocava-se o problema de como construir uma democracia numa sociedade como a d Chicago, tão heterogênea, tão diversificada, muito diferente das Treze Colônias originais. Era uma sociedade composta não só de europeus das mais diversas origens, irlandeses, alemães, ingleses, russos, ucranianos, italianos e etc. mas também, como resultado do final da guerra civil, de migrações de negros e de red necks⁴, dos brancos pobres sulistas subindo para Chicago. (VELHO, 2005, p. 55).

⁴ Esta expressão se refere a estadunidenses brancos do interior do país que devido ao trabalho exposto no sol adquirem os pescoços avermelhados, tradução livre do termo red necks.

Em conferência sobre o tema, Howard S. Becker expressa um tom mais crítico sobre a fundação da universidade estar ligada ao apoio financeiro de um grande empresário.

Começarei pela história das organizações. A Universidade de Chicago foi fundada em 1895 a partir de uma grande doação feita por John D. Rockefeller, o milionário americano que fez fortuna na indústria do petróleo ao fundar a Standard Oil. Ele devia ter a consciência pesada e em determinado momento da vida quis fazer alguma coisa com seu dinheiro. Uma das coisas que fez foi beneficiar a Universidade de Chicago com uma enorme doação. (BECKER, 1996, p. 177-178).

Cursos são criados, professores contratados, instituições de ensino são desenvolvidas, tanto com recursos públicos quanto privados, para que se conseguisse compreender o cenário social, político e econômico dos EUA e se projetasse políticas públicas com um certo grau de cientificidade. Neste sentido, a Ciência Social (sobretudo a Ciência Política e Sociologia) nascem nos EUA muito ligadas às questões do funcionamento das cidades e do Estado. É nesse sentido que as pesquisas de Chicago se inserem e se propõe a compreender o que é essa nova cidade e esses novos arranjos sociais fruto dessa confluência de fatores.

Um dos primeiros e mais importantes autores da Escola de Chicago é Robert Park. Com uma trajetória diversificada de leituras e ocupações, Robert Park passa a integrar a Escola de Chicago na passagem do século XIX para o XX. Em 1916 publica um texto fundamental chamado “A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” em que apresenta algumas das concepções fundamentais que vai desenvolver sobre a cidade.

Segundo o ponto de vista deste artigo, a cidade é algo mais que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones e etc.; algo a mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; isto é, um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1979, p. 26).

Não é difícil identificar duas influências importantes no pensamento de Park sobre a cidade, qual sejam a de Max Weber e George Simmel. Ver a cidade como um *estado de espírito*, isto é, como algo para além de uma mera reunião de condições físicas e estruturais, é uma visão que ganhou muita repercussão nos trabalhos de Weber e Simmel. A cidade moderna possui/gera uma psique diferente nos homens e mulheres que nela convivem. A circulação do dinheiro, a oferta de trabalho, a

flexibilidade de ocupações, a presença marcante de um Outro (negro, estrangeiro, imigrante) um conjunto de códigos escritos e normativos que coordenam a vida (leis oficiais no sentido de impessoais de não necessariamente tradicionais), tudo isso gera uma nova concepção de homem e de mulher, do cidadão cidadão em suma, que não está expressa simplesmente numa construção. Outra influência no pensamento de Charles Darwin e do desenvolvimento da teoria da evolução das espécies. Sobretudo a ideia de *produto da natureza*, isto é, a cidade como um resultado *natural* do homem civilizado⁵.

Ao chegar a Chicago, Park mostrou-se uma pessoa muito dinâmica, organizando quase toda a Universidade, pelo menos na área de ciências sociais. Parecia que ele vinha pensando há anos no tipo de trabalho que precisava ser feito. Logo em seus primeiros tempos em Chicago, Park escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma ideia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo, ideia que resumiu ao dizer: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo”. Assim, Park organizou seus alunos para esse empreendimento. O ensaio que resultou desse trabalho é muito interessante: consiste em uma série de tópicos, quase todos constituídos de perguntas cujas respostas se desejava conhecer e que só podiam ser encontradas por meio da pesquisa empírica. Cada uma dessas questões poderia, por si mesma, servir de base para toda uma subárea de pesquisa sociológica – aliás, muitas se tornaram exatamente isso. (BECKER, 1996, p. 181)

Além de todas estas influências, percebe-se na atenção dada à questão da organicidade da cidade o pensamento do sociólogo francês Durkheim. Como apresentado em tópico acima, Durkheim vai dedicar boa parte de sua obra a entender o funcionamento da Divisão Social do Trabalho. Park recupera essa visão e analisa a cidade como esse organismo vivo, complexo, relativamente caótico mas paradoxalmente ordenado que surge com a cidade moderna⁶.

[...] a cidade não é apenas uma unidade geográfica e ecológica: ao mesmo tempo, é uma unidade econômica. A organização econômica da cidade baseia-se na divisão do trabalho. A multiplicação de ocupações e profissões

⁵ [...] a cidade é o habitat natural do homem civilizado. Por essa razão, ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar: ‘É um fato bastante certo, mas nunca inteiramente reconhecido’, diz Spengler, ‘que todas as grandes culturas nasceram da cidade. O homem proeminente da segunda Geração é um animal construtor de cidades. Este é o critério efetivo da história mundial, distinta da história da humanidade: história mundial é a história do homem na cidade. As nações, os Governos, a política e as religiões – todos se apoiam no fenômeno básico da existência humana, a cidade’ (PARK, 1979, p. 28)

⁶ “Na cidade, qualquer vocação, mesmo a de mendigo, tende a assumir o caráter de profissão, e a disciplina que em qualquer vocação o sucesso impõe, junto com as associações a que dá força, acentua essa tendência – a tendência, explicitamente, não apenas de especializar, mas de racionalizar a ocupação de alguém e de desenvolver uma técnica consciente e específica de leva-la a termo. O efeito das vocações e da divisão do trabalho é o de produzir em primeira instância, não grupos sociais, mas tipos vocacionais: o ator, o bombeiro, e o madeireiro. [...] Os efeitos da divisão do trabalho enquanto disciplina, isto é, enquanto meio de moldar o caráter, podem portanto ser melhor estudados nos tipos vocacionais que a divisão do trabalho produziu. (PARK, 1979, p. 38)

dentro dos limites da população urbana é um dos mais notáveis e menos entendidos aspectos da vida citadina moderna. Sob este ponto de vista podemos, se quisermos, pensar na cidade, vale dizer, o lugar e a gente, com todos os dispositivos de administração e maquinaria que compreendem, como sendo organicamente relacionada; uma espécie de mecanismo psicofísico através do qual os interesses políticos e particulares encontram expressão não só coletiva, mas também incorporada. (PARK, 1979, p.27)

De acordo com Eufrásio, na concepção de Park “a cidade integra tudo, desde elementos físicos – sua estrutura física – a manifestações culturais – sua ordem moral –; se estrutura por uma certa associação entre seus elementos e resulta de um processo (1999, p. 50). Em seus estudos Robert Park viu que estes processos de estruturação social, simbólica e econômica de vidas novas, criavam especificidades próprias a cada grupo. As “regiões morais” que vão se constituindo, e seus grupos sociais correspondentes passou a ser um dos principais alvos analíticos de Park e de Chicago. Através desse entendimento do funcionamento destas ‘regiões morais’ com suas normas próprias e regras específicas que se compreenderia melhor o funcionamento da cidade⁷.

O que concede uma importância especial à segregação do pobre, do viciado, do criminoso e das pessoas excepcionais em geral é o fato, uma dimensão tão característica da vida citadina, de que o contágio social tende a estimular em tipos divergentes as diferenças temperamentais comuns, e a suprimir os caracteres que os unem aos tipos normais à sua volta. A associação com outros de sua laia proporciona não apenas estímulo, mas também um suporte moral para os traços que tem em comum, suporte que não encontrariam em uma sociedade menos selecionada. Na cidade grande, o pobre, o viciado, e o delinquente, comprimidos um contra o outro numa intimidade mútua e doentia e de um modo que muitas vezes me faz pensar que aquelas extensas genealogias dos Jukes e das tribos de Ismael não teriam demonstrado uma uniformidade de vício, crime e pobreza tão persistente e tão angustiante a menos que estivessem adequadas da maneira peculiar ao meio em que foram condenados a existir. [...] Devemos então aceitar essas ‘regiões morais’ e a gente mais ou menos excepcional e excêntrica que as habita, num sentido, ao menos, como parte da vida natural, se não normal, de uma cidade (PARK, 1979, p. 66).

Chama a atenção o caráter histórico da leitura de Park. Sem dúvida alguma, um comentário com uma carga tão grande de estereótipos serial alvo de críticas dentro e fora da Academia – ainda que até hoje haja boa parte da população brasileira pelo menos que concorde com as máximas acima citadas. Comentando a obra de Park, assim afirma Hannerz,

⁷ “Os processos de segregação geram distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso torna possível aos indivíduos passarem, rápida e facilmente de um ambiente moral para outro e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa, de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes, e contíguos que, sob outros aspectos são extremamente separados. (PARK apud HANNERZ, 2015, p. 36). Retomarei este ponto a seguir.

Existe pelo menos uma parte da teoria do processo cultural urbano, aqui. Nele, talvez estejamos dispostos a aceitar algumas coisas, mas provavelmente acharemos outras insatisfatórias. O vocabulário já não é mais nosso e podemos nos sentir pouco à vontade com ele. A ênfase na base interacional do crescimento cultural, que podemos ver como o núcleo do enunciado, parece correto e voltaremos a ele. Park, também, cuidadosamente observou que isso era uma análise geral, e não uma que dissesse respeito apenas ao criminal ou anormal. A cidade possibilita a pessoas de diferentes manterem companhias diferentes; e uma companhia com características semelhantes pode dar apoio moral para um comportamento que outros poderiam desaprovar. (HANNERZ, 2015, p. 35)

Buscando uma síntese do pensamento de Park, e em certo sentido, tomando-o como um estudo exemplar da concepção epistemológica e conceitual da Escola de Chicago sobre a cidade, percebe-se que para Park, pensar a cidade como um laboratório social significa poder olhar dentro do próprio ser humano que compõe esta cidade e ver, nele, seus aspectos mais naturais, sejam eles positivos ou negativos (PARK, 1979).

1.4. O interacionismo simbólico de Goffman

Há uma outra forma de compreensão dos fenômenos sociais que foi desenvolvida por Erving Goffman e outros autores e que, devotos da Escola de Chicago e dos clássicos da Sociologia como Marx e Durkheim, aprofundam questões e olhares sobre a circulação e presença na cidade dos mais diferentes grupos e classes. Esta perspectiva será analisada a seguir com o intuito de mostrar a validade de compreensão da cidade como um espaço de circulação, de encontros, de produção de significados e mesmo de produção material, mas também um espaço onde os grupos se cruzam, entram em conflito, constroem no encontro as subjetividades e representações sobre si e o espaço em que estão inseridos.

Como um dos herdeiros e principais autores do “Interacionismo simbólico”, Goffman em seus trabalhos se preocupa em analisar as situações sociais de troca, interação, “encenação” e performance.

A perspectiva de análise sociológica conhecida por interacionismo simbólico compreende um leque de vertentes com influências e desenvolvimentos diversos, algumas constituindo propriamente tradições de pesquisa, como as escolas interacionistas de Chicago, Iowa, Minnesota e Indiana. [...] A tríade de proposições que Blumer creditou ao interacionismo simbólico tem sido retomada em diversas obras introdutórias e convém retomá-las aqui:

- a) As pessoas agem com base no sentido que as coisas apresentam para elas; ‘coisas’ compreendem o que se pode distinguir no mundo: objetos físicos, categorias de objetos, instituições, ideais, atividades e situações;

- b) O sentido dessas coisas é derivado ou emerge da interação social que mantemos com outras pessoas;
- c) Esses sentidos são manipulados e modificados por um processo interpretativo usado pelos agentes para compreender e lidar com os objetos que constituem seus mundos sociais (HORTA, 2017, p. 143-144)

Para o interacionismo simbólico e Goffman, um elemento fundamental na análise social se refere a esta interação, a troca e a relação dos indivíduos e grupos sociais que, constroem, manipulam, criam significados às ações e aos símbolos sociais que valoram. O que isto quer dizer? Quer dizer que em sociedade os indivíduos constroem significados a cada instante e, em sociedades cada vez mais complexas, estas relações e estas redes se complexificam ainda mais. Há uma multiplicidade de significados à medida em que a cada interação, encontro, troca, olhar ou conversa com um outro, produzo um significado sobre minha realidade social e ele também produz sobre a dele e sobre mim. Os símbolos sociais podem não significar – e muitas das vezes não significam – o mesmo para os diferentes grupos, e, mais que isso, os grupos vão produzindo relações e apropriações culturais e simbólicas próprias.

Goffman é assim quase sempre um microssociólogo⁸, interessado em ocasiões e aquilo que nelas ocorre entre indivíduos. [...] Como as pequenas sequencias de interação em que ele está inserido parecem virtualmente onipresentes, no entanto, os contos de Goffman levam seus leitores a aventuras em que passeiam livremente, mas nunca sem objetivos, na percepção da sociedade. [...] Aquilo que é entendido como o ponto de vista típico de Goffman é provavelmente melhor exemplificado por seu primeiro livro, *The Presentation of Self in Every Day* [A Representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2003]. Ele começa aqui a partir daquela metáfora bastante desgastada da sociedade como um palco; mas ele a leva adiante sistematicamente até uma perspectiva dramatúrgica da vida social. O livro passa a ser tratado de maneira como o indivíduo direciona e controla as ideias que os outros forma dele. 'Gerenciamento de impressão', é o termo-chave para essa atividade (HANNERZ, 2015, p. 221)

Uma das questões mais fundamentais nos estudos de Goffman, refere-se ao conceito de “Estigmas”. Segundo Goffman, “*o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos.*” (GOFFMAN, 1982, p.13) Ainda de acordo com o autor, pode-se

Mencionar três tipos de estigmas nitidamente diferentes: em primeiro lugar há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental,

⁸ Muito importante trabalho sobre o caráter Microssociológico de Goffman é o texto “Erving Goffman e a Microssociologia” de Isaac Joseph (2000). Neste texto, Joseph apresenta alguns elementos analíticos da obra de Goffman, tais como as noções e abordagens das questões de civilidades, rituais e dramas e, durante este processo expositivo e analítico, demonstra as apropriações durkheimianas feitas pro Goffman, além de propor uma certa interpretação dos fenômenos da interação segundo o autor.

prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagens e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1982, p. 14)

Estes elementos simbólicos, físicos ou não, presentes no corpo, na face ou qualquer outro espaço traz um conjunto grande de consequências. Sobretudo para os objetivos deste trabalho, pensar como estes estigmas de raça (ou etnia), principalmente a negra afetam a interação de jovens e crianças nos espaços públicos é fundamental. Pois não é possível se apresentar de modo diferente.

Em todos esses exemplos de estigma, o ponto comum é a forma como esse indivíduo é recebido na relação social cotidiana. Uma de suas características é percebida pelos demais como inibidora de possibilidades de estabelecimento de proximidade sendo que esse traço se sobrepõe aos demais atributos que esse indivíduo possa ter. Ele carrega uma característica diferente do que se havia previsto. Aqueles que não se afastam negativamente das expectativas particulares são definidos. (SILVA, 2003, p. 27).

Não é possível se apresentar sem o elemento cor da pele, um signo que possui um conjunto muito grande de significados e que determina – numa sociedade com passado escravocrata como o Brasil –, ou no mínimo influencia e direciona uma série de comportamentos, expectativas de ações e de interações. Na medida em que tende-se a ver uma certa liberdade de circulação mas que é atravessada por estas experiências de rotulação e estigmatização, a convivência na cidade torna-se mais complexa e mais problemática. Mas se é assim, por que nos submetemos a isto? Por que em situações onde nos sentimos envergonhados, humilhados ou ofendidos, nem sempre respondemos com a mesma pulsão que gostaríamos, mas antes agimos de modo blasê?

O que nos leva ao segundo ponto que gostaria de destacar: definindo mal a situação podemos nos expor a outra forma de poder bastante evocada ao longo de todo o livro – o poder do vexame, da vergonha, do embaraço, que é uma forma fundamental de coerção social. Trata-se de um resgate da categoria de “coerção social” discutida por Durkheim em *As regras do método sociológico* (2002). Apesar de tradicionalmente se pensar a coerção social como o poder de impor as leis (por multas, prisão ou violência “legítima”), Durkheim menciona nesta categoria a necessidade, por exemplo, de vestir roupas em público, pois o temor ao ridículo transforma-se em “punição indireta”. Este é o ponto que Goffman (um durkheimiano confesso) desenvolve magistralmente. Na vida cotidiana, não necessitamos de soldados armados ou fiscais com talões de multa para irmos a lugares onde não queremos, conversarmos com pessoas de quem não gostamos ou falarmos coisas que não acreditamos. Por que agimos assim? Porque do contrário poderíamos “pagar um mico”, dar vexame, passar vergonha, “perder a face” (Goffman, 1967). Goffman chama de “face” algo mais do que o rosto, toda a fachada que sustenta um indivíduo. O trabalho de face é o esforço que cada um de nós faz para manter-se à altura da dignidade que projetamos sobre nós mesmos, à altura do tratamento que acreditamos merecer por parte

dos outros. E os perigos estão sempre à espreita, a qualquer momento uma casca de banana pode pôr a perder nossa compostura e dignidade com um tombo ridículo. Nesse sentido, Goffman afirma, analisando a introjeção desta forma de controle, que, na “prisão da vida social”, cada pessoa é seu próprio algoz, “mesmo que alguns possam gostar de suas celas” (*Idem*, p. 10) Essa forma de controle social perpassa todos os meandros de nossa vida cotidiana, apontando sobre cada pessoa uma “espada de Dâmocles” interacional. E, neste caso, qualquer pessoa indistintamente tem a possibilidade de, em algum momento, passar vergonha, seja por causa de uma gafe seja por ser apanhada numa situação indevida. Esse tipo de coerção independe de uma força externa que nos obriga a agir de determinada maneira. Docilmente nos enquadramos, docilmente lemos os livros que todos lêem, docilmente aceitamos um ordenamento social freqüentemente injusto, desigual. Fazer frente a isso pode “pegar mal”, pode “ficar chato”, pode ser embaraçoso. (GASTALDO, 2008, p. 151).

O ponto apresentado por Gastaldo, comentando Goffman é importante: viver em sociedade pode exigir um nível de ação e de representação mais complexo do que se pode imaginar. Na cidade, estas diversas formas de interação agem sobre os indivíduos moldando comportamentos, atitudes e formas de sociabilidade e, ao mesmo tempo, lhes confere uma identidade, facilitam ou dificultam as construções de laços sociais e a própria circulação nos espaços. Os olhares, os sussurros, as conversas de canto de boca, os gestos de acolhimento ou de recusa/repulsa, todo este conjunto de ações e reações a certas características distintivas dos indivíduos, as marcas, símbolos, *estíguas*, permitem aos indivíduos se situarem nos espaços urbanos e constituírem seus espaços de pertencimento. Como, então, pensar a cidade a partir deste recorte Goffmaniano? Que contribuições Goffman pode nos dar para compreender como os indivíduos circulam, se encontram e interagem na cidade?

Pensar a cidade a partir de Goffman apresenta um conjunto novo de possibilidades de interpretação dos fenômenos sociais e urbanos. Longe de buscar provar que Goffman é melhor ou construir uma hierarquia acadêmica de sociólogos urbanos, o que busco é apresentar é uma perspectiva que permita perceber a utilidade dos estudos sociológicos para pensar a cidade e, ao mesmo tempo, as complexas explicações que os fenômenos urbanos receberam de algumas das principais teorias sociológicas. Em Goffman, a cidade adquire um status privilegiado de espaço de interação entre os indivíduos, espaço este onde os self pode se constituir na e para interação.

Ao buscar desvendar ali a lógica normativa das interações face a face, acreditando que ela reside nessas próprias interações – que “geram” um “campo de atividade” organizado por “normas de conjunção” (1971, p. ix) –, Goffman faz sociologia *no* espaço. Porém, como cedo parece enxergar no espaço físico uma variável que interfere nas interações e, pois, em sua lógica normativa, passa a refletir sobre esta problematizando sociologicamente aquele. Em cena, o Goffman sociólogo *do* espaço. A análise aqui realizada

permitiu reconhecer, primeiramente, que a própria visão que o estudioso apresenta sobre as interações sociais tem forte aporte espacial. Mesmo a mais singela “apresentação do *self* na vida cotidiana” acarreta necessariamente, no espaço-tempo restrito das situações, que os indivíduos se localizem e localizem interacional e socialmente aqueles que com eles interagem. Interagir é invariavelmente colocar lugares sociais em xeque: os lugares ocupados na interação e na estrutura social – esta, aliás, todo o tempo de explícita inspiração durkheimiana e radcliffe-browniana. Tal perspectiva assegura para aquilo que chamei de espaços interacional e social o estatuto de pressupostos teóricos da sociologia goffmaniana do espaço (FREHSE, 2008, p. 162).

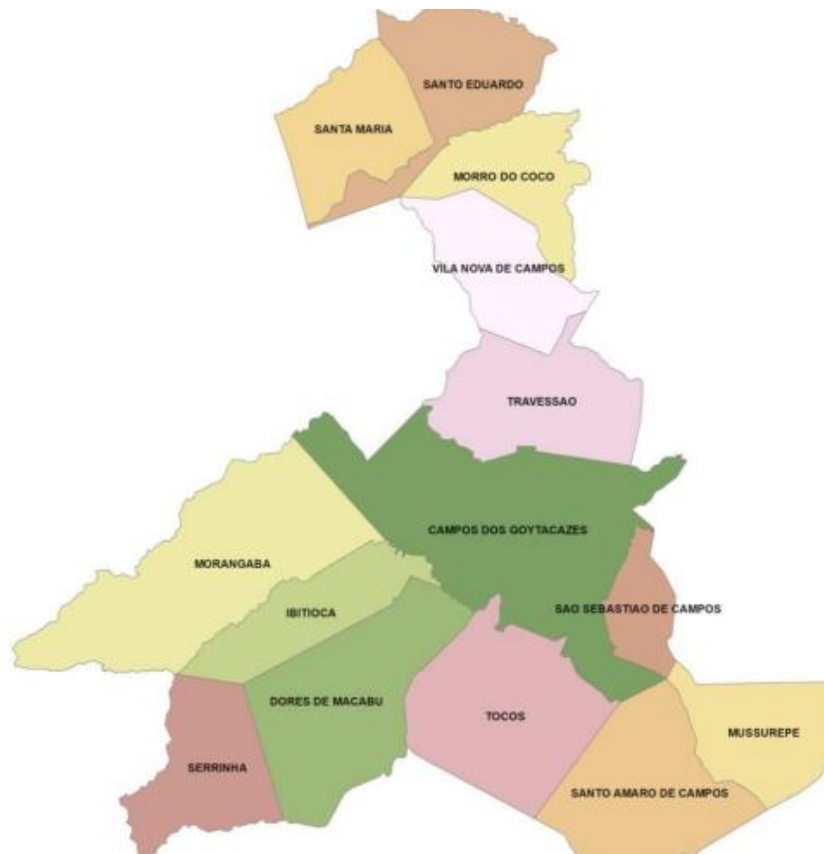
A cidade aparece em Goffman como esse espaço privilegiado onde as cenas e os jogos interpretativos ganham espaço. São na cidade que os papéis sociais vão sendo constituídos e os indivíduos e grupos vão edificando para si, via conflito ou cooperação de grupo, solidariedade e significados sociais. Se em Durkheim a cidade se apresenta como um espaço de constituição de laços sociais e do fato social, por excelência, onde os grupos sociais vão se constituindo e criando suas regras, suas especificidades; se em Marx e Engels a cidade adquire uma nova concepção, como espaço por excelência de produção e circulação da mercadoria fundamental no capitalismo, a saber, a mão-de-obra, mas também de outras mercadorias cada vez mais fundamentais, enfim, se a cidade é um espaço de produção de lucro, de circulação de riquezas e de desenvolvimento econômico desigual, polarizado e capitalista; se em Simmel a cidade é o espaço fundamental de luta do indivíduo para não ser atomizado, anulado, diminuído na sua subjetividade e particularidade ante as pressões homogeneizantes do sistema político e econômico, se a cidade é o espaço fundamental onde os nervos são excitados ao máximo e me defendo adotando a atitude blasé, se é nela que as relações adquirem um caráter mais fluido e fantasmagórico a partir do momento em que o dinheiro transforma as relações sociais; em Goffman a cidade é o espaço de encontro, de cruzamento e de interação face a face dos diferentes indivíduos e grupos sociais em situação de “com-vivência”. Neste sentido, é importante pensar uma sociologia DO espaço, mas também uma sociologia NO espaço, que privilegie não somente os caracteres descritivos das transformações sociais, econômicas e políticas, mas também os significados sociais e subjetivos que são constituídos pelos atores sociais que agem, interpretam e vivem a cidade. Goffman tem uma capacidade importante que é mesclar o alcance macro da sociologia, ao pensar questões como a constituição das instituições da modernidade – “instituições totais” – mas também como os atores sociais participam desse processo. Não se trata de meramente um catálogo dos problemas e situações sociais que mereceriam destaque, mas como os diferentes grupos e atores sociais

interpretam, vivem e ressignificam os diferentes elementos da convivência em sociedade e em grupos urbanos.

1.5. Campos dos Goytacazes: perfil socioeconômico e urbano

Campos dos Goytacazes é um município do Rio de Janeiro, situado no Norte Fluminense e que possui grande importância econômica, política e geográfica para o Rio de Janeiro. Composta por 106 bairros em 14 distritos (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018) e população de 503.424 de habitantes e IDHM de 0,761⁹.

Figura 1: Divisão distrital de Campos dos Goytacazes



Fonte: CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018.

O município de Campos se divide em catorze distritos, a saber: Santo Eduardo, Santa Maria, Morro do Coco, Vila Nova de Campos, Travessão, Campos dos

⁹ Dados de população e IDHM referentes à 2010 e obtidos em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/campos-dos-goytacazes.html>? Acessado em 16/05/2019

Goytacazes, São Sebastião de Campos, Mussurepe, Santo Amaro de Campos, Tocos, Dolores de Macabu, Serrinha, Ibitioca e Morangaba.

Campos teve importante papel no desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro e da região norte e noroeste fluminenses a partir da produção e comércio da cana-de-açúcar no século XIX – e mesmo antes – e a partir da metade do século XX com a extração de petróleo na Bacia de Campos. A importância política se deve à participação de Campos nos rumos políticos do Rio de Janeiro e do Brasil nos anos 1990 e 2000, com a presença política de Anthony Garotinho e Rosinha Garotinho no cenário político nacional e regional. Além disso, dado a demografia da cidade, o contingente de votantes em Campos tem sido relevante para o estado. Geograficamente, Campos tem sua importância por ser um ponto de contato e de cruzamento de diversas rotas e rodovias que ligam Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e outros estados do país. Além disso, Campos é um pólo acadêmico pois concentra três grandes instituições públicas de Ensino Superior: a Universidade Federal Fluminense – UFF; o Instituto Federal Fluminense – IFF/Guarus e IFF/Campus Centro; e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

O crescimento populacional de Campos se deu sobretudo na zona urbana, com o crescimento de loteamentos, bairros em todas as direções. Ao longo de todo o século XX, com destaque para o período das décadas de 1960 e 2010, o crescimento de residentes urbanos em Campos será constante.

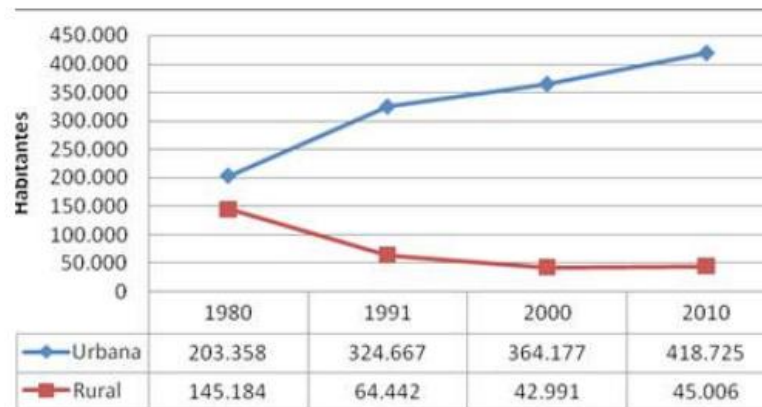
Desde a década de 70, uma série de mudanças profundas têm ocorrido na economia, na sociedade, na política e na cultura regionais, o que vem alterando radicalmente o perfil regional. Assistimos à implantação do PROÁLCOOL, o que significou expansão das áreas cultivadas, investimentos na capacidade de esmagamento das Usinas, ociosidade industrial e sua posterior desativação. Assistimos à crise do petróleo e à instalação na região do maior complexo de extração de petróleo do país, que responde por quase 80% da produção total. Pelo contrário, salvo pouquíssimos dos atuais 22 municípios das duas regiões, estes se tornaram francamente urbanos, alguns mantendo um mercado de trabalho rural urbano, com base na mão-de-obra do bóia-fria, outros tendo que lidar com uma população urbana de origem rural enfrentando um mercado de trabalho urbano absolutamente incapaz de atender à demanda por trabalho. As cidades dessas regiões cresceram desordenadamente, sem infraestrutura, sem urbanização mínima, provocando o surgimento e a proliferação de favelas, da miséria e da violência. (VIANNA, 1997, p. 28/29)

Tabela 1: taxa de crescimento de população residente em Campos dos Goytacazes

Ano	População Residente	Taxa de Crescimento (%)
1940	225.443	-
1950	240.829	0,66
1960	292.292	1,96
1970	318.806	0,87
1980	348.542	0,90
1991	389.109	1,01
2000	406.989	0,50
2010	463.731	1,31

Fonte: IBGE, Censo apud CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018.

Figura 2: Crescimento da População Urbana e Rural entre 1980 e 2010



Fonte: IBGE e Censo apud CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018.

Esse desenvolvimento desordenado analisado por Vianna (1997) gerou uma transformação urbana e Campos. O mapa abaixo representa a divisão em bairros de Campos dos Goytacazes.

Figura 3: Bairros de Campos dos Goytacazes



Fonte: sítio da internet¹⁰

¹⁰ Cf.: http://www.geocities.ws/cerotary_2/custodopolis.html Acessado em 16/05/2019

Para aqueles que estão em bairros ou regiões periféricas ou estigmatizadas “da ponte pra cá”, isto é, moram na margem mais “bem vista” do rio, próximos ao Centro e aos grandes empreendimentos financeiros, urbanos, de moradia ou acadêmicos, mas em espaços segregados, o cenário possui suas semelhanças: o preconceito e a desigualdade social e racial. Um destes espaços segregados é o Conjunto Habitacional do Matadouro, também conhecido como Portelinha.

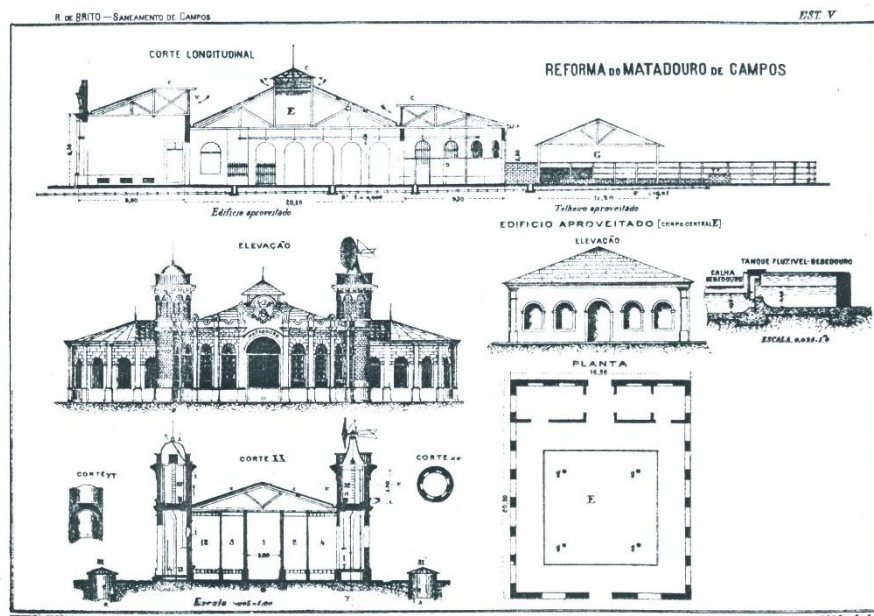
1.6. Do Matadouro à Portelinha

A história do Matadouro Modelo dada do início do século XX e da tentativa de modernizar a cidade de Campos e as práticas sanitárias e alimentares¹¹. Neste sentido, a prefeitura de Campos implementará na primeira metade do século passado uma série de obras e reformas na tentativa de inserir Campos na ordem do dia das práticas sanitárias e urbanas desenvolvidas. Criado em 1872, o Matadouro público de Campos dos Goytacazes tinha como sua principal tarefa cuidar do abate e preparo de carnes que antes funcionavam em condições não adequadas. Dessa forma, o Matadouro Público foi instalado numa região mais afastada da cidade. A dificuldade de acesso e a escassez de transporte fizeram com que os trabalhadores do Matadouro fossem os primeiros habitantes dessa região. Surge, assim, um pequeno bairro operário, construído por trabalhadores do matadouro, trabalhadores da zona rural – corte da cana e outras atividades agrícolas e etc. Em 1902, no Plano de Saneamento da cidade de Campos, elaborado pelo engenheiro sanitário Saturnino de Brito, foi proposta a reforma do Matadouro Público, ampliando suas instalações e atentando para as condições de higiene do local. Como afirmado acima, tal empreendimento se insere nesse esforço de construção de uma nova imagem e de uma nova urbanidade para Campos dos Goytacazes. Associado a este processo de crescimento urbano e modernização, um outro fator contribuiu para o desenvolvimento das atividades econômicas na região do Matadouro: o êxodo rural que durante nos anos 50 a 80 do

¹¹ A base para produção deste item do trabalho é o documentário “Matadouro – Projeto Integração Favela-Bairro” produzido pelo Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico da Universidade Estadual Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, sob a coordenação da professora Teresa Peixoto Faria, a quem agradeço enormemente a cessão do documentário e de um conjunto de dados, fotos e fontes para a pesquisa.

século XX vai ocorrer em todo o território brasileiro¹². O resultado deste processo será o desenvolvimento da região do Matadouro e da absorção de boa parte desta mão-de-obra em atividades do próprio Matadouro, ou pesca ou ainda nas atividades agrícolas que ainda vigoravam no espaço. É importante considerar o lugar que os matadouros locais ou municipais vão desempenhar nas cidades. Como atividades que envolvem sangue, morte de animais, mal cheiro (ou no mínimo cheiro forte de carne e outros produtos), estes espaços sempre foram associados a pobreza e às classes subalternas ou baixas, dado que de certa forma estes empreendimentos depreciam os preços de imóveis e de terrenos, em especial segundo os padrões de uma certa classe média urbana.

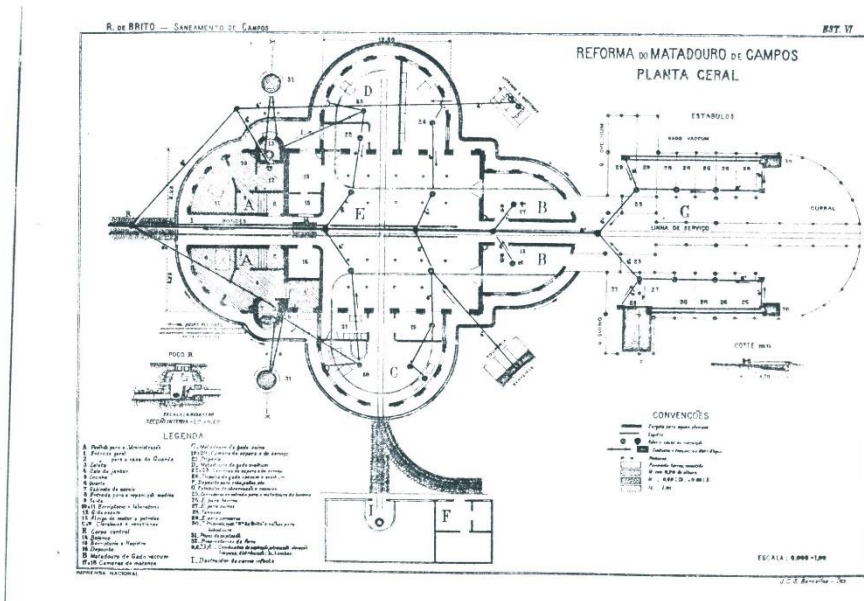
Figura 4: Planta do Matadouro Modelo



Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

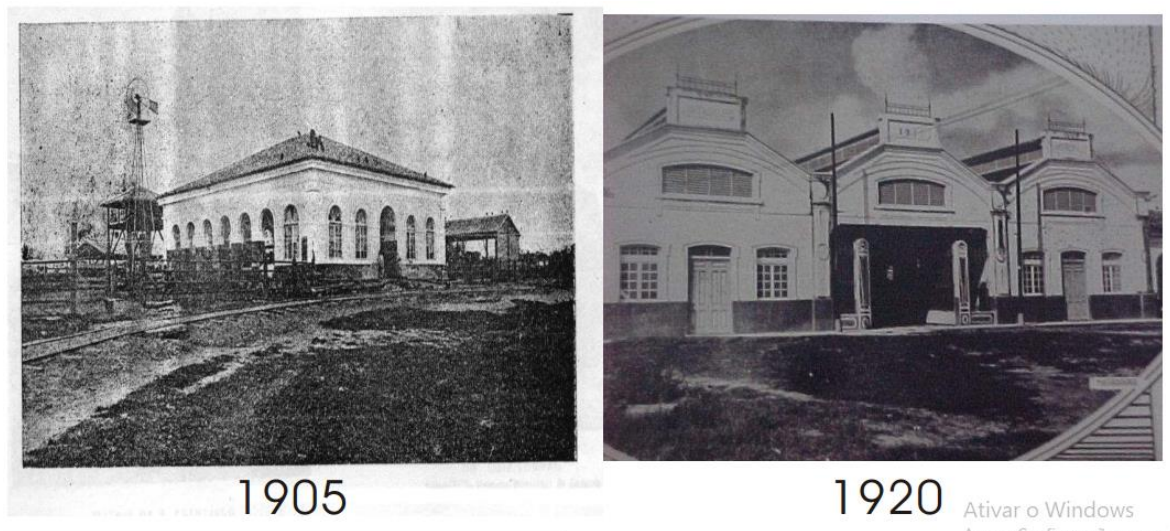
¹² Em pouco mais de cinco décadas o Brasil deixou de ser um país rural, passando a ser predominantemente urbano, em função da diminuição da população rural, de 63,2% em 1950 para 18,8% no ano 2000. O impacto deste crescimento vertiginoso da área urbana acarretou uma série de problemas que vão desde a incapacidade das ações governamentais em promover um ambiente urbano capaz de agregar os diferentes segmentos sociais, até ao agravamento dos padrões de distanciamento socioespacial entre ricos e pobres. (OLIVEIRA; PEDLOWSKI, 2012, 661).

Figura 5: Planta do Matadouro Modelo 2



Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

Figura 6: O Matadouro entre 1905 e 1920



Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

A proximidade com o Matadouro permitia diversas atividades informais na comunidade, tais como a venda de sebo, couro, miúdos, bem como o aproveitamento das partes menos nobres das reses, desperdiçadas pelos “marchantes”, como os moradores chamavam os proprietários do gado que era levado para o abate. Segundo um dos entrevistados para a produção do documentário, “Meu pai matava o boi e

ficava com os “acessórios” do boi, sebo, bucho e outras partes menos nobres), que eram revendidas na praça”. Esta fala se assemelha a de outro entrevistado que afirma:

quando eu era mais novo eu trabalhava aqui no matadouro. Quando às vezes vinha alguma pessoa que tinha necessidade de comida pedir, a gente sempre dava algum miudo. O patrão ia e me mandava embora. Minha mãe então vinha, conversava com ele e pedia para ele me aceitar de volta porque eu precisava trabalhar pra ajudar ela e tal, e eu voltava.

O Matadouro não funcionava apenas como um local de produção de riquezas e de trabalho formal, mas através do trabalho que se desempenhava nele, todo um conjunto de atividades e de possibilidades de consumo de carne, de vida eram constituídos. Como afirma um senhor ao documentário

[...] o Matadouro tinha muita fartura, e hoje é isso aqui...um bairro fracassado. Hoje você encontra mais de miséria que qualquer outra coisa. Mas naquela época não. Quem ficava responsável pelos pedacos de carne “acessórios”, sempre ajudava os mais necessitados que iam lá pedir algum alimento. A gente arrancava um pedaço de rim, ou um pedaço de outra carne de cliente para dar as pessoas.¹³

Como área em desenvolvimento da cidade e formada por trabalhadores urbanos e rurais, o Matadouro foi se constituindo em um bairro operário ou de classe trabalhadora. A partir dos anos 70 o desenvolvimento do bairro vai ganhar um novo impulso com a criação de uma escola de alfabetização.

Figura 7: Funcionárias da Escola Francisco de Assis



Fonte: arquivo profa. Anicéa Pinto cedido por Teresa Peixoto Faria

¹³ Segundo outro entrevistado, a própria atividade pesqueira era afetada positivamente com a presença do Matadouro. Segundo ele, bastava dar uma “tarrafada que pescava peixe de monte”.

Figura 8: Grupo de alunos no pátio da escola, em 1970



Fonte: arquivo profa. Anicéa Pinto cedido por Teresa Peixoto Faria

A partir da criação da Escola Francisco de Assis e com o funcionamento do Matadouro, a circulação de pessoas e as atividades culturais, sociais, esportivas e sociais foram sendo desenvolvidas. Neste sentido, foi fundado o Matadouro Social Clube e o Clube de Futebol 7 de Setembro, bailes, arraiás e festas são organizados periodicamente.

Apesar deste clima urbano, é importante considerar que o Matadouro ainda é, nos anos 60, 70 e mesmo 80 do século passado um bairro (ou uma região) que econômica e socialmente se encontra na fronteira entre o urbano e o rural. Como apresentei acima, não se pode desconsiderar o poder de influência que a sociabilidade patriarcal, do latifúndio e da escravidão ainda possuem sobre as mentes e as vidas dos moradores de Campos. Ainda refletindo sobre o documentário “Matadouro” e suas entrevistas, chamaram-me a atenção duas falas de duas senhoras: D. Antônia, filha do antigo administrador do Matadouro e D. Regina. Primeiro D. Antônia. Durante os 24 minutos de documentário, d. Antônia aparece em diversos momentos. Branca, olhos azuis, cabelos loiros e com a fisionomia de uma senhora já com seus 70 talvez 80 anos, ela se destaca como a única pessoa branca a ser entrevistada no documentário. Chama a atenção que a posição em que ela se encontra é a de, de certo modo, herdeira da cultura, das histórias e da narrativa sobre o Matadouro Modelo. Em certo momento da entrevista o entrevistador lhe pergunta sobre as brincadeiras que haviam na região, e ela afirma que apesar de ter sido ali seu local de primeira paixão e primeiro namorado, de ter encontrado seu esposo e de ter constituído sua vida, nunca teve amiguinhas no Matadouro. Seu pai não gostava

disso. Peço licença para sugerir uma interpretação para esse desgosto paterno: uma pessoa de pele branca, filha de um administrador local se relacionando intimamente com os filhos dos empregados, todos negros de pele bem preta. Não é difícil estabelecer um nexos entre a realidade histórica de Campos e esse fato.

A isto se contrasta a fala de um senhor no documentário quando perguntado sobre as brincadeiras. Diferente de D. Antônia que afirma não ter brincado com as crianças da região do Matadouro por oposição do pai, ele afirma que nunca brincou de bola porque nunca teve tempo: desde muito cedo foi necessário trabalhar para ajudar a sustentar a casa e a família. Homem negro, cego do olho esquerdo e com uma fala sóbria, de pouco riso e com um olhar crítico às transformações ocorridas na região do Matadouro, senhor Floriano trás no semblante e na narrativa toda uma carga histórica pesada, densa, tensa e problemática, na qual o negro surge – escravizado ou não – como braço do desenvolvimento econômico agrícola ou urbano de Campos dos Goytacazes.

A segunda fala que me chamou a atenção é a de D. Regina, personagem que retornarei no capítulo 3 com maiores detalhes. Narrando como era ser crianças na região do Matadouro, d. Regina diz que uma das brincadeiras mais comuns entre meninos e meninas, para além de brincarem de bolas-de-gude, piques, de casinha e de bonecas era a simulação de estarem casados.

Quando nós brincava a gente dizia: “você vai cortar cana e eu vou cuidar da casa, quando você chegar em casa vai estar tudo prontinho”. A gente falava assim porque era o trabalho que tinha né, tinha o serviço braçal, fazíamos de conta que éramos família”.

Assim como Seu Floriano, D. Regina com um comentário simples nos lembra que a sociedade de Campos, em especial das regiões mais afastadas do centro da cidade, ainda possuíam grande relação com a agricultura e boa parte dos empregos estavam ligados à produção agrícola e açucareira. É curioso pensar como as brincadeiras de crianças vão reproduzindo certos padrões, perfis e construções sociais de classe, gênero, raça e da própria subjetividade dos atores sociais. Brincar de cortar cana é muito poderoso no seu efeito de nos fazer pensar até que ponto se normaliza um certo padrão de atividades econômicas de baixa remuneração e de alta exploração e degradação da saúde. É quase como se D. Regina estivesse refletindo uma certa noção de que o lugar de cortar cana está predefinido para aqueles que nasceram com essa atribuição pela natureza. Claro que D. Regina é uma mulher negra, filha de pais negros e que tem como seus colegas e crianças que crescem,

brincam e se constroem como indivíduos meninos e meninas negras também. Ainda aqui está presente o elemento de *longa duração* da constituição da sociedade brasileira que é a exposição da população negra e pobre a condições de trabalho não ideais e de grande poder de exploração.

Aos poucos o matadouro agregou, de forma frágil, aquela área ao restante da cidade. Funcionou plenamente até os anos 60, contudo, sendo considerado o abate de animais uma atividade “suja”, a ideia de *glamour* embutida na política de urbanização não alcançou a região. Serviços básicos de saneamento e iluminação pública foram inexistentes por muito tempo, como alguns ainda o são. O matadouro era considerado um bairro de trabalhadores, uma área de atração de migrantes que conseguiam reproduzir na região um estilo de vida bucólico, com criação e trato de animais, além de pequenas plantações e complementação da renda com trabalho sazonal das lavouras de cana (MOTA, 2012, p. 46).

O quadro de mínimo desenvolvimento urbano e crescimento econômico-social muda com a crise do Matadouro. A partir dos anos 70, com o fechamento do Matadouro Modelo e sua transferência para o bairro de Guarus o cenário de pobreza, miséria e abandono se intensificará.

Figura 9: Ruínas do Matadouro (lado)



Fonte: Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

Figura 10: Ruínas do Matadouro (frente)



Fonte: Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

A passagem dos anos 70 aos 90 do século XX foi marcada por dois processos importantes no entorno do Matadouro: de um lado um empobrecimento brutal das condições de sobrevivência e subsistência por parte dos moradores da região do Matadouro, acrescido de um aumento da criminalidade, consumo de drogas, tráfico miséria. De outro, houve o surgimento de uma série de condomínios fechados e de médio e alto poder aquisitivo, criando toda uma alteração na questão da terra e no acesso a ela na região.

Somado a isso, a virada do século XXI trouxe uma série de transformações para a região.

Acompanhando a história da ocupação da favela do Matadouro, o período da última década merece destaque pela expansão domiciliar. Isso porque em 2001 uma enchente assolou a cidade de Campos dos Goytacazes, as comunidades situadas em áreas de risco e, principalmente, as que se localizavam à margem do Rio Paraíba do Sul foram deveras afetadas. Famílias moradoras das favelas do Matadouro e Tira-Gosto perderam suas casas e a prefeitura municipal adotou como medida paliativa o alojamento em casas de madeira improvisadas, construídas pela prefeitura, no entorno das ruínas do antigo matadouro público. Inicialmente apenas oito famílias foram removidas para as ruínas do matadouro, onde além das casas improvisadas, foi construído um banheiro comunitário. A situação era vista como temporária, pois o poder público havia prometido doar casas populares a estas famílias em pouco tempo. Todavia, a notícia da promessa de doação de casas populares logo se espalhou mais famílias começaram a ocupar a ruína do terreno, na expectativa de também serem contempladas. No ano de 2001 oito famílias ocupavam as ruínas do matadouro, já no ano de 2006 eram 80 famílias morando precariamente em barracos improvisados e sem qualquer estrutura sanitária. O crescimento de mais de 1000% do número de famílias

se justificava pela promessa da casa popular, pela espera do cadastramento da prefeitura e a remoção⁴⁸. O que a princípio era uma medida paliativa, perdurou por muitos anos. (MOTA, 2012, p. 48-49)

Figura 11: Moradores alojados pela prefeitura após as enchentes de 2001



Fonte: Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

A promessa de uma casa própria e a esperança e uma melhora nas condições de vida, vez com que muitas famílias passassem a morar nas ruínas do Matadouro, visando ter direito a esta moradia. Estas casas de telhado de amianto e cor azul na foto acima foram construída pelas prefeitura e provisoriamente atenderiam às famílias desabrigadas pelas cheias. Entretanto, como afirmado por Mota (2012), a partir do momento em que as famílias foram se informando da possibilidade de obterem uma casa, passaram a residir nas ruínas buscando esse direito.

Figuras 12, 13 e 14: Alguns barracos construídos nas ruínas do Matadouro





Fonte: Fonte: PEIXOTO, Teresa. S/D.

Esse é o cenário em 2007-2008 quando o Conjunto Habitacional Matadouro ou Portelinha como passará a ser popularmente conhecido foi criado. Muitas daquelas famílias que haviam morado nos arredores do Matadouro, cujos pais e avós haviam trabalhado no Matadouro agora residiam em um conjunto habitacional de mesmo nome, com toda uma complexa nova configuração social, urbana, econômica e cultural que pouco lembraria aos antigos do bairro do Matadouro de fins dos anos 1960.

Figura 15: Portelinha vista da UENF



Fonte: Mota (2012)

1.7. Sobre Raça e Classe no Brasil

A questão social no Brasil é atravessada pelas dimensões de classe e de raça. Com uma história de mistura cultural mas subjugação e mercantilização de parte da população que constituiu o país, a saber e negros africanos, a discussão racial tomou caminhos muito diferentes ao longo do tempo. A princípio, no período colonial e sobretudo imperial no século XIX vigorou a concepção de que o Brasil seria um caso especial onde os conflitos raciais haviam sido resolvidos de modo diferente daqueles dos EUA, por exemplo. Seríamos marcados por relações sociais não conflituosas ou no máximo muito pouco conflituosa.

A princípio, prevaleceu a compreensão de que se tratava realmente de um mito fundador da nacionalidade. Afinal, o Brasil teria sido percebido historicamente como um país onde os brancos tinham uma fraca, ou quase nenhuma, consciência de raça (cf. Freyre, 1933); onde a miscigenação era, desde o período colonial, disseminada e moralmente consentida; onde os mestiços, desde que bem-educados, seriam regularmente incorporados às elites²; enfim, onde o preconceito racial nunca fora forte o suficiente para criar uma “linha de cor”. (GUIMARÃES, 2006, p. 269).

Ao mesmo tempo, a passagem do século XIX para o século XX foi marcada por uma alteração nas questões raciais: ganham força no Brasil as explicações biológicas sobre o racismo.

Foi só com a proximidade do fim da escravidão e da própria monarquia que a questão racial passou para a agenda do dia. Até então, como ‘propriedade’, o escravo era por definição o ‘não cidadão’. No Brasil, é com a entrada das teorias raciais, portanto, que as desigualdades sociais se transformam em matéria da natureza. Tendo por fundamento uma ciência positiva e determinista, pretendia-se explicar com objetividade – valendo-se da mensuração de cérebros e da aferição das características físicas – uma suposta diferença entre grupos. [...] Dessa maneira, em vista da promessa de uma igualdade jurídica, a resposta foi a ‘comprovação científica’ da desigualdade biológica entre os homens, ao lado da manutenção peremptória do liberalismo, tal como exaltado pela nova República de 1889. (SCHWARCZ, 2012, p. 38).

As teorias raciais eugênicas, ou seja, que defendiam que haveria diferenças biológicas, cognitivas e potenciais entre brancos e não-brancos, e tais diferenças justificariam as hierarquias sociais existentes. Esse cenário vai mudar nos anos 1930, com a publicação de “Casa-Grande e Senzala” de Gilberto Freyre (2006). Novidade do ponto de vista teórico, metodológico e temático, o livro de Freyre não se propõe a negar o valor da miscigenação, mas a demonstrar que isso teve um caráter positivo nas relações sociais brasileiras. Os negros ensinaram engenharia, música, culinária,

arte e uma série de outras contribuições deram à sociedade brasileira. Associado a isso, forma fundamentais na fundação da cultura, dos hábitos, das formas de sociabilidades brasileiras. Freyre não desconhece o sofrimento e o horror da escravidão, mas explora outros caminhos da relação entre negros escravizados e a descendentes de europeus. Estas teses vão colaborar, o autor gostando ou não, com a criação do *mito da democracia racial*, isto é, da ideia de que no Brasil os conflitos raciais foram resolvidos e que o país seria um local de harmonia racial.

A exaltação de uma certa diferença nacional, dada por alguns elementos de distinção e particularidade, passou a ser sistematicamente celebrada por nossos bardos: de um lado, o elogio da natureza- o calor, o mar, os trópicos; de outro, a experiência brasileira de relações raciais que incluía a geração de mestiços bonitos, saudáveis, de hábitos alegres, por vezes zombeteiros, no mais das vezes harmoniosos. O tom zombeteiro das músicas, o perfil irônico e sem compromisso dos personagens ajudam a compor um espécie de tipo nacional, que incorpora a valorização da presença da cor e exalta essa pirueta de transformar a mulata em símbolo e motivo de orgulho nacional. (SCHWARCZ, 2012, p. 68)

Schwarcz (2012) aponta para essa distinção que se operará no nível do discurso e das práticas, sobretudo culturais, com os anos 1930 de valorização da mestiçagem e do mestiço como símbolos nacionais. Ao mesmo tempo, essa valorização invisibiliza, esconde e mascara uma história e uma sociabilidade racista e que se manifesta nas desigualdades sociais no acesso a consumo, formação e educação e ascensão social. A crítica dura a esta tradição surge no Brasil com a geração de sociólogos nos anos 1950 e 1960 que questionarão o status destas discussão e discurso.

O argumento do “círculo cumulativo de desigualdades” foi construído originalmente pelos sociólogos Carlos Hasenbalg ([1979]* 2005) e Nelson do Valle Silva (1978), no final dos anos de 1970. Com base na análise dos dados censitários (ou de amostras domiciliares) de renda, educação, naturalidade, origem rural ou urbana, ocupação, ocupação dos pais, estado de residência, cor e outros, eles demonstraram, de modo estatisticamente irreprochável, que a cor dos indivíduos tinha grande peso na explicação da pobreza e na sua reprodução. A pobreza seria, portanto, as cores preta e parda. [...] A democracia racial era realmente um mito e uma farsa, tal como algumas lideranças negras e alguns sociólogos já diziam desde o final dos anos de 1960 (depois do golpe militar). (GUIMARÃES, 2006, p. 281)

Os trabalhos de Sociologia nos anos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva apontam para uma compreensão dos fenômenos raciais distinta da visão da “democracia racial” no Brasil

Estudos demográficos demonstraram as disparidades raciais quanto às probabilidades de superar o primeiro ano de vida e à esperança de vida ao nascer. As pesquisas sobre educação indicam que crianças não-brancas completam menos anos de estudo do que as brancas, mesmo quando se consideram crianças de mesma origem social ou renda familiar per capita. As

disparidades no acesso, permanência e finalização dos ensinos médio e superior são ainda mais acentuadas. A desigualdade educacional entre brancos e não-brancos irá se refletir posteriormente em padrões diferenciados de inserção desses grupos de cor na estrutura ocupacional. (HASENBALG, 2006, p. 261).

A parte da diferença de renda atribuída à discriminação é obtida por meio de um contrafactual. Aplica-se a equação de renda dos brancos aos não-brancos e o valor obtido é comparado ao valor observado. A diferença entre esses valores é a atribuída à discriminação. Usamos outros procedimentos nos trabalhos sobre diferenças na realização educacional e sobre a mobilidade social dos grupos de cor. As diferenças de desempenhos de brancos e não-brancos são sempre observadas usando as variáveis de controle pertinentes, ou seja, a igualdade de outras condições, tais como origem social, renda familiar e nível educacional. [...] Em todos os temas analisados durante mais de vinte anos, os não brancos acabam em desvantagem. (HASENBALG, 2006, p. 260).

O que os trabalhos desta geração demonstraram, foi a relação entre desigualdade social e a questão racial, na medida em que pessoas não-brancas tem mais dificuldade de acesso à educação e mobilidade social. Raça ainda é um elemento importante de compreensão das condições e da realidade das populações mais pobres no Brasil.

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA REGIÃO DO MATADOURO/PORTELINHA E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS¹⁴

Se no capítulo anterior busquei apresentar um certo olhar sobre a cidade do ponto de vista da teoria social, buscando apresentar algumas reflexões sobre como a cidade e o urbano pode ser pensado a partir da contribuição de autores como Engels, Simmel e Goffman, neste buscarei apresentar uma certa interpretação do fenômeno das favelas e periferias no Brasil que se valerá de contribuições da História e da Sociologia. Julgo necessárias algumas considerações iniciais.

¹⁴ Peço licença ao prezado leitor para fazer uma explicação um *disclaimer*: no texto que se segue procurei apontar com citações os principais trabalhos que pude ler de Sociologia Urbana e Favela para a produção do trabalho. Talvez como um mecanismo de defesa, talvez pelo medo de não ser capaz de produzir um texto corrente completo, recorri à prática de citar sempre que possível os trabalhos que julguei importantes, mesmo que as citações fossem longas. Acredito que isso cause algum desconforto ao leitor, por isso minhas sinceras desculpas, embora eu acredite que tal escolha não inviabilize algum valor acadêmico do trabalho. Mas isso, claro, nunca é cem por cento objetivo. Também é importante considerar que em muitos momentos recorri à descrição simples como um meio de apresentar uma certa narrativa que entendo ser coerente com o trabalho. Também espero que não torne a leitura amarrada ou enfadonha e que possa contribuir com a compreensão dos objetivos do trabalho.

Em primeiro lugar, acredito ser importante considerar o lugar de onde falo no trabalho. Tendo me graduado em História, é muito difícil não tentar apresentar um problema sem recorrer a um passado, recente ou não, que o contextualize. A História enquanto disciplina surge no Brasil muito ligada a uma concepção das Ciências Sociais. Grandes trabalhos no campo da História do Brasil serão escritos por sociólogos e Cientistas Políticos e, de igual modo, trabalhos de historiadores reconhecidos são incorporados a trabalhos e ao campo das Ciências Sociais. Nesse sentido, tentarei expor de modo organizado e com maior ênfase os elementos sociológicos que ajudam a pensar a construção e desenvolvimento da sociedade de Campos dos Goytacazes e em especial do Conjunto Habitacional da Portelinha, mas reconheço que a influência do olhar histórico é muito frequente.

O segundo ponto a se considerar é qual o valor de análises ou revisões bibliográficas de alcance médio ou longo, seja no tempo ou no espaço. No caso aqui em questão, proponho pensar o desenvolvimento da sociedade de Campos do final do século XIX ou começo do século XX até o século XXI. Ao mesmo tempo, proponho uma certa leitura da história do Brasil e mais especificamente do Rio de Janeiro por comparação, pois busco perceber certas permanências sócio históricas, mas também diferenças marcantes que delimitam, influenciam, tensionam e se fazem presentes na discussão sobre a circulação dos indivíduos e grupos sociais em Campos, sobretudo na Portelinha. Com tudo isso, busco perceber aquilo que aproxima e aquilo que diferencia as relações sociais em Campos e na Portelinha de outras regiões, sobretudo Rio de Janeiro.

O terceiro ponto a se considerar se relaciona à discussão levantada no último tópico do capítulo anterior, seria possível perceber que tanto há uma construção social das individualidades e subjetividades nos espaços públicos e a partir da interação com os outros, quanto estes próprios espaços são constituídos, transformados, mexidos, alterados, consolidados e ressignificados nestas relações. Não se pode conhecer as formas de circulação, vida e interação dos atores sociais de um dado recorte espacial temporal sem se reconhecer a própria história do lugar/território em que estes atores estão envolvidos. Não se trata de uma visão determinista geográfica que compreende que os indivíduos são resultado tão-somente das condicionantes geográficas dos espaços. Não se trata disso. Mas sim de reconhecer que há uma certa tensão dialética entre os territórios e os grupos que nele vivem, em que cada um influencia e de certa forma ajuda na constituição do outro.

O último ponto é a crítica de que tal ação pode se mostrar arrogante ou soberba: cobrir mais de cem anos de desenvolvimento histórico e social, tanto de Campos dos Goytacazes quanto do Rio de Janeiro por comparação em determinados momentos. Reconheço que o espaço é curto e não seria possível, talvez nem se ele não o fosse, dar conta deste empreendimento. A história do Rio de Janeiro no século XX e de Campos dos Goytacazes é riquíssima para ser sintetizada em poucas páginas e muitos foram aqueles que já o fizeram. O que proponho aqui é um panorama de como alguns trabalhos fundamentais da Ciência Social e a História pensam a questão da desigualdade social e racial e o lugar que os negros e pobres vão desempenhar na estrutura social urbana do Rio de Janeiro e de Campos dos Goytacazes.

2.1. Apontamentos sobre a história das Favelas no Rio de Janeiro

A história do Brasil nunca foi única na medida em que nunca foi resultado de um único ator social ou de um único grupo. Dela fizeram parte os colonizadores portugueses que desde o século XVI lhe imprimiram diretrizes administrativas; os nativos que já viviam e habitavam as regiões que hoje formam o Brasil, com sua diversidade étnica, linguística, cultural, política e social; e também nos negros escravizados que para cá vieram em navios negreiros servir de mão-de-obra nas lavouras de cana-de-açúcar, café, na mineração e em qualquer outra atividade econômica que se desejasse, seja nas cidades ou no campo. Recente historiografia tem mostrado a quantidade e importância da mão-de-obra negra nas cidades, funcionando e desempenhando todo um conjunto de atividades econômicas que não estavam circunscritas apenas ao serviço braçal rural (SOARES, 2007). “Escravos de ganho”, “escravos de aluguel”, negras quituteiras, escravos vendedores ambulantes, nas cidades do século XIX são muitas as funções desempenhadas pelos escravizados (MACHADO, 2004) nas cidades brasileiras. Sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, estas populações circulavam e faziam-se na cidade, seja do ponto de vista da circulação e da visibilidade física mesmo, seja do ponto de vista da própria produção de alguma riqueza e acúmulo que permitia, por exemplo, em alguns casos a própria compra da alforria.

Como se sabe, o ponto de virada das cidades brasileiras e das populações negras e pobres que viviam nas grandes cidades será o final do século XIX e um processo duplo de transformação: a abolição e as reformas urbanas. O processo de abolição da escravatura apesar de longe de representar uma transformação social radical na vida da maioria dos escravizados, vai permitir uma presença maior de grupos destes ex-escravos nas cidades, desempenhando atividades urbanas. Aliado a isso, o desenvolvimento urbano e industrial de São Paulo e da capital Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX, vai atrair grandes levas de populações pobres e negras que vão ‘tentar a sorte’ nos centros.

Falar de favela é falar da história do Brasil desde a virada do século passado. É falar particularmente da cidade do Rio de Janeiro na República, entrecortada por interesses e conflitos regionais profundos. Pode-se dizer que as favelas tornaram-se uma marca da capital federal, em decorrência (não-intencional) das tentativas dos republicanos radicais e teóricos do embranquecimento – incluindo-se aí os membros de várias oligarquias regionais – para torná-la uma cidade europeia. Cidade desde o início marcada pelo paradoxo, a derrubada dos cortiços resultou no crescimento da população mais pobre nos morros, charcos e demais áreas vazias em torno da capital. (ZALUAR; ALVITO, 2006, p. 7).

No contexto das reformas urbanas que visavam transformar as cidades brasileiras em réplicas inspiradas de Paris é que se insere todo um conjunto de práticas de segregação e de produção de um espaço urbano racialmente desigual e socialmente hierarquizado.

Mas a favela ficou também registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz. Dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, surgiram as imagens que fizeram da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas políticas estratégicas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, um ‘outro’, distinto do morador civilizado da primeira metrópole que o Brasil teve. (ZALUAR; ALVITO, 2006, p. 7-8).

Datam da transição do século XIX para o XX os relatos desse processo de favelização do Rio de Janeiro e de ocupação dos territórios em morros, encostas e áreas alagáveis por esta população negra e pobre que vai ser objeto destes projetos de remodelamento da cidade do Rio de Janeiro. Esta vasta literatura vai seguir, grosso modo, no sentido de apresentar uma leitura estereotipada e simplista dessas favelas como espaço de crime, de vadiagem, consumo de bebidas e entorpecentes em excesso e todo tipo de ilegalidade. “A ideia da favela como um foco, a menção à ‘limpeza’, isto é, a retórica centrada nas concepções de uma ‘patologia social’ e da ‘poluição’ estava destinada a uma longa permanência na cena institucional carioca do

século XX” (ZALUAR; ALVITO, 2006, p. 9). Esta é a interpretação que se tem das favelas. E dado a entendida necessidade de modernização das cidades, os cortiços serão alvo da ação governamental desde muito cedo, contribuindo assim para o processo de expansão das favelas no Rio de Janeiro.

Percebido como o espaço, por excelência, do contágio das doenças e do vício, sua denúncia e condenação pelo discurso médico-higienista foram seguidas por medidas administrativas: primeiro, uma legislação proibindo a construção de novos cortiços no Rio; em seguida, uma verdadeira “guerra” que resultou na destruição do maior de todos, o “Cabeça de Porco”; e finalmente, a grande reforma urbana do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, que se propunha a sanear e civilizar a cidade acabando com as habitações anti-sanitárias. Os estudiosos do cortiço no Rio de Janeiro mostram que essa forma habitacional correspondeu à “semente da favela”. Seja por já se notar no interior do famoso “Cabeça de Porco” a presença de casebres e barracões (Vaz, 1994, p. 591), seja por ter havido uma relação direta entre o “bota abaixo” do centro da cidade e a ocupação ilegal dos morros no início do século XX (Benchimol, 1982; Rocha, 1986; Carvalho, 1986). Alguns estabelecem uma relação direta entre o “Cabeça de Porco” e o desenvolvimento inicial do morro da Providência, depois conhecido como morro da Favella. Isto porque, antes da chegada dos soldados de Canudos, e durante a destruição do maior cortiço do Rio de Janeiro, o prefeito Barata havia permitido a retirada de madeiras que poderiam ser aproveitadas em outras construções. Alguns moradores teriam então subido o morro por detrás da estalagem. Por coincidência, uma das proprietárias do “Cabeça de Porco” possuía lotes naquelas encostas, podendo, assim, manter alguns de seus inquilinos (Vaz, 1986; Chalhoub, 1996, p. 17). Somente após ferrenha campanha contra o cortiço as atenções começam a se voltar para esse novo espaço geográfico e social que vai despontando, gradativamente, como o mais recente território da pobreza.⁹ Em especial, *uma* favela cataliza as atenções, mais precisamente o morro da Favella, que entrou para a história por sua associação com a guerra de Canudos, por abrigar ex-combatentes que ali se instalaram para pressionar o Ministério da Guerra a lhes pagar os soldos devidos. O morro da Favella, até então denominado morro da Providência, passa a emprestar seu nome aos aglomerados de casebres sem traçado, arruamento ou acesso aos serviços públicos, construídos em terrenos públicos ou de terceiros, que começam a se multiplicar no centro e nas zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro. Segundo pesquisa realizada por Abreu (1994), apenas na segunda década do século XX é que a imprensa passa a utilizar a palavra favela de forma substantiva e não mais em referência exclusiva ao morro da Favella, surgindo assim uma nova categoria para designar as aglomerações pobres, de ocupação ilegal e irregular, geralmente localizadas em encostas. (VALLADARES, 2000, p. 7)

Dentro do arranjo econômico e produtivo da cidade, as favelas vão ocupar um importante espaço, pelo menos de oferta de mão-de-obra. Este é o argumento desenvolvido por Gonçalves (2012) (2016) na discussão sobre os processos de contenção da favela e remoção das favelas ao longo do século XX. O que mostra Gonçalves é que houve uma certa flexibilidade na interpretação sobre o que era a favela e a maneira com a qual o setor público lidaria com este “problema”.

A favela foi historicamente relacionada como o principal *locus* de pobreza na cidade, sendo considerado um espaço socialmente homogêneo e perigoso. Ora, se aparência atual das favelas revela um importante dinamismo econômico, com suas construções em alvenaria de vários andares e seu

comércio diverso e abundante, essa realidade não se manifestou de maneira mais rápida no decorrer do século XX, devido, em parte, à política de contenção das favelas que procurou manter a precariedade e a provisoriade destes espaços. (GONÇALVES, 2012, p. 272).

Mais do que qualquer outra coisa, importa perceber como a favela estará presente nos discursos políticos e práticas políticas das mais diferentes formas, seja na defesa de sua contenção ou limitação, seja na defesa de sua remoção ou eliminação.

A partir dos anos 1930-1940¹⁵ o status das favelas vai mudar radicalmente, tanto do ponto de vista conceitual e sociológico quanto do próprio ponto de vista de seus moradores e do poder público. Seja através da música, da arte, da cultura ou da própria inserção das populações residentes nas favelas como alvo de políticas públicas, há uma certa renovação. Oliveira e Marcier (2006) apontam para a mudança no status da favela via música, o samba, Cecchetto (2006) sinaliza uma outra questão sobre as favelas e a cultura que é o funk, em especial o ethos guerreiro no funk. Silva (2009) vai analisar como o Funk vai se constituindo como uma produção muito além de meramente cultural, mas constituindo mesmo todo um conjunto de relações econômicas que sofre abalos na medida em que os bailes funks são proibidos pela Polícia Militar. O próprio estado brasileiro e fluminense vai passar a adotar uma série de práticas diferentes, como de valorização ainda que limitada da música, da cultura, da arte das favelas (sobretudo a partir do governo Vargas no Estado Novo até os dias atuais com suas diferenças e especificidades), que se não excluem o processo de contenção e de remoções que as favelas sofrerão no século XX, tornarão complexa a relação entre as favelas e o poder público.

¹⁵ Do ponto de vista sociológico e conceitual, político e de política pública, talvez o marco fundamental da transformação nos estudos sobre favelas no Rio de Janeiro seja o relatório da SAGMACS (Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais), criada em 1947 mas que em 1969 produziu e publicou um longo estudo sobre as favelas no Rio de Janeiro em que lançavam toda uma nova visão e interpretação, baseadas em novas abordagens do fenômeno das favelas, novas metodologias quantitativas e qualitativas, que renovou e permitiu uma série de novas ações do ponto de vista conceitual e empírico sobre e para as periferias e favela. Sobre isso, afirma Machado da Silva: "A importância verdadeiramente única desse estudo, segundo me parece, é a feliz combinação entre extensão e profundidade, orientada segundo um foco na produção autônoma do conhecimento, sem o compromisso de gerar informações diretamente aplicáveis a alguma política pública específica. Nesse sentido, ele não é apenas único, mas pioneiro e exemplar. (SILVA, 2012, p. 51-52)

2.2. Campos dos Goytacazes: entre a cana, o petróleo e a modernização

Inserido nesse processo de modernização, Campos dos Goytacazes também vai passar por um conjunto de transformações e mudanças ao longo do século XX que vai impactar na organização das cidades e na própria experiências de grupos pobres e negros nela viventes. Como uma região de clima tropical, Campos foi desde o início de sua colonização um território de muita produção agrícola e pecuária. Segundo Pinto (1995) a cana-de-açúcar vai se tornar o principal produto produzido em Campos durante o século XIX, tanto através da produção de engenhocas que manufaturam o produto, quanto pela introdução de engenhos e Usinas formais que dinamizaram e aceleraram a produção campista. A mão-de-obra utilizada é a do escravizado negro nas fazendas e engenhos que posteriormente deram lugar às Usinas de Açúcar e Álcool.

A imagem do Norte Fluminense ficou marcada, historicamente, pela atividade econômica mais persistente, a da agroindústria açucareira, tendo Campos exercido a condição do grande pólo regional. Campos, sozinho, tinha mais engenhos, ao final do século XVIII, do que Pernambuco, Sergipe e Bahia e quase tantos quanto S.Paulo (Silva, 2002:15). Essa importância foi acentuada a partir da segunda metade do século XIX, a tal ponto que Campos teve que importar cereais e bois a partir de então (Silva, 2002:9,24). O período registrado como o primeiro ciclo econômico positivo da região, situase, segundo Silva (op.cit.), entre 1850/1920, que o denominou “Ciclo Áureo do Norte Fluminense”, quando a pecuária, o café, a cana e o açúcar, produziam a percepção de uma economia dinâmica, associada a uma agropecuária, agroindústria e indústria diversificadas, articulada, como já foi dito, ao crescimento da importância da província do Rio de Janeiro (Rozendo, 2002:20). Além da diversificação agropecuária, a região tem tradição de diversificação manufatureira, nos ramos têxtil – no qual Campos chegou a ter projeção nacional, no início do século XX, de cerâmica, de aguardente e doces – nesses dois, a região chegou a ter fama nacional, também, no início do século XX – de barcos e de mobiliário, conforme assinala Silva, alguns dos quais permanecem ativos até hoje, tendo atravessado ciclos dinâmicos, recentemente, particularmente na conjuntura de expansão sucroalcooleira dos anos 70/80, “sem que, contudo, houvesse mudanças significativas no processo produtivo” (Silva, 2002:39). Do ponto de vista da construção simbólica, a grande região de que se fala, historicamente, sempre foi polarizada pelo município de Campos (VIANNA, 2003, p. 89)

O texto de Vianna expressa o quanto a cidade de Campos dos Goytacazes produziu, durante a segunda metade do século XIX uma grande riqueza, sobretudo a partir da agricultura, com importante significado nacionalmente.

O desenvolvimento da indústria, neste último quartel do século 19, anunciava o aparecimento de uma nova realidade sócio-econômica e política no Brasil: a entrada do modo de produção capitalista e o fim do poder individual dos “senhores”. O advento das usinas provoca a perda definitiva do prestígio individual do senhor de engenho, já ameaçado pelo movimento abolicionista, intensificado depois da suspensão do tráfico de escravos, em 1855. Assiste-

se, então, em Campos, ao início do capitalismo. Este fenômeno é tão importante que os habitantes da zona rural próxima emigram para a cidade, trazendo conseqüências para o espaço urbano. A competição fica cada vez mais forte entre a produção industrial de açúcar em grande escala e a pequena produção, pois as usinas logo dominam a produção, até a eliminação completa dos engenhos sob a pressão do capital. Lamego Filho (1978) descreve as conseqüências da concentração da produção de açúcar pelas usinas e a perda do poder de influência dos senhores de engenho em Campos: (...) uma vez extinta a rígida estrutura patriarcal das fazendas e uma vez substituído o prestígio individual do senhor de engenho - que exercia uma influência considerável na vida rural pelo poder exclusivo que o capital lhes conferia - o "feudalismo" que, durante décadas, dominou a região deixa também de existir. A influência das usinas e das indústrias provoca o desmantelando dos núcleos culturais organizados pelos senhores de engenho (1978, p. 153) (PEIXOTO, 2008, p. 49).

Como argumenta Peixoto, a introdução de uma série de transformações sociais e econômicas fruto da ação das usinas de cana e de maior capital de investimento, provocou uma mudança social importante que foi essa desarticulação dos núcleos dos senhores de engenho. Apesar disso, outra questão a ser considerada são os reflexos dessa construção social agrária. Pode-se argumentar que por mais que você não tenha formalmente uma estrutura social como antes, baseada no engenho e no senhor de engenho, as conseqüências culturais e sociais deste desenvolvimento se mantêm por muito mais tempo.

O movimento de progresso e desenvolvimento não foi linear. O projeto modernizador, embora pretendendo a integração do território e a construção de uma identidade nacional, não resolveu as contradições e nem apagou os contrastes entre as cidades do litoral, prontas para receber o capitalismo e aquelas situadas no interior do país, ainda ligadas à tradição agrícola. Campos dos Goytacazes situava-se entre estas duas realidades: a adequação a esta nova ordem - representada pela cidade - e a manutenção dos antigos modos de vida - representados pelo campo. É na relação entre estes dois mundos que se constituiu a realidade urbana da cidade. Sua indústria açucareira modernizou-se acompanhando as exigências do capitalismo, ao mesmo tempo em que a cidade ganhava equipamentos modernos, infra-estrutura e novos serviços. Criaram-se bancos, companhias de seguro, companhias de navegação; construíram-se vias férreas; instalaram-se esgotos, água corrente e iluminação elétrica. (PEIXOTO, 2008, p. 41.)

O que se pode finalmente depreender dos progressos e evoluções da sociedade que habitou os fins do século XIX e se derramou pelo começo do XX, é que a cultura e os novos modos de viver de uma população crescentes são frutos da economia do açúcar. Com estradas de ferro que se formalizaram, com a energia elétrica dando um toque de civilização moderna, com a maior proximidade da capital da República, Campos, como quarta cidade brasileira em população, maior centro açucareiro do Brasil, como centro de ideias e de grandes lideranças, só poderia olhar seu futuro com confiança e sem destemor. (PINTO, 1995, p. 137)

Campos dos Goytacazes insere-se, pois, neste processo de modernização de modo muito aprofundado, com as transformações sendo sentidas nos campos dos

transportes, iluminação pública, navegação fluvial e vários outros setores. As próprias ruas e espaços urbanos serão afetados por essas transformações e por essas modificações na malha urbana de Campos.¹⁶

Todo esse movimento de entrada e saída de mercadorias fez com que a Rua Beira Rio (depois da República nomeada Avenida XV de Novembro) se transformasse no lugar mais animado da cidade. Aliás, ela era a porta de entrada da cidade de modo que não era surpreendente ver projetos de urbanização visando embelezá-la e alargá-la para permitir uma circulação mais fácil (PEIXOTO, 2008, p. 43)¹⁷.

A cidade se transmuda porque uma concentração maior passa a ser mais exigente. O progresso, os bons modos, o luxo exige realce. A riqueza pesa, exigindo sofisticação. A competição entre os barões, os comendadores e comerciantes ricos, obriga o desdobramento arquitetônico urbano. Começam a surgir os sobradões. São construções tipo sobrados de até três andares. Primeiro se concentram na Praça da Matriz, ponto central da cidade e daí avançam a se derramar pela Rua Direita. Os forasteiros se surpreende com a grandiosidade dos mesmos. Há uma mudança de hábitos na vida social da planície. A figura patriarcal do chefe de família registra um tempo que não irá se desfazer. (PINTO, 1995, p. 114)

Apesar de todo esse projeto de modernização da estrutura urbana de circulação e de habitação e também da estrutura produtiva que toma lugar em Campos no século XX e tem como fator fundamental a incorporação de novas técnicas e formas de produção da cana-de-açúcar, a sociedade de Campos permaneceu com traços do período da escravidão e do engenho, a saber, a desigualdade social que atingia por motivos óbvios a brancos e negros, ricos e pobres de modo diferente. Que as estruturas urbanas e sociais de Campos estavam passando por mudanças não se discute, mas sim o alcance destas transformações na produção de uma nova sociedade, com novos valores, oportunidades, opções e relações sociais. O que estou colocando em questão é: até que ponto esta emergente sociedade moderna segundo os padrões civilizacionais europeus de fins do século XIX e início do XX de fato, realizou os ideais de modernização apregoados de liberdade, igualdade e de acesso ao trabalho e riquezas para todos¹⁸.

¹⁶ Para uma visão das reformas passadas em Campos dos Goytacazes no período do final do século XIX e início do XX no âmbito da saúde ver RISSO (2006). O autor vai desenvolver uma análise muito interessante sobre como a saúde pública foi pensada em Campos e as epidemias e questões sanitárias vão entrar no discurso político e sofrerão alterações com essa modernização que a cidade passa.

¹⁷ Pohlmann (2003) apresenta uma análise sobre esse processo de modernização que deixam claro como a própria mídia local foi impactada por esses planos reformadores que a elite de Campos dos Goytacazes vai desenvolver.

¹⁸ Há um importante trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Sociologia Política em que a autora, Heloísa Manhaes analisa as reformas urbanas no século XX em Campos dos Goytacazes e a participação, organização, discussão e efetivação de Campos como capital do estado e cidade desenvolvida nos moldes europeus. Cf. MANHÃES, Heloísa. A Elite local e a modernização urbana de Campos dos Goytacazes: um projeto dos anos 1930-1950. Tese de Doutorado em Sociologia Política, UENF, 2013.

É necessário notar que as usinas, a exemplo dos engenhos, se localizavam fora dos limites da cidade, exceto três delas que, em consequência do crescimento da cidade, foram inseridas no “perímetro urbano”. Os usineiros como os senhores de engenho, vivem nas suas propriedades, os empregados especializados são hospedados em casas construídas pelas usinas ou engenhos ((PEIXOTO, 2008, p. 49)

Não se pode perder de vista este elemento sociológico fundamental para o entendimento da sociedade de Campos dos Goytacazes, a saber, a presença do braço negro e do latifúndio da monocultura do açúcar, tanto nos arredores quanto dentro da cidade de Campos.

é o negro a grande mola propulsora do progresso e do desenvolvimento da atividade açucareira. Ele é quem planta a cana-de-açúcar, limpa os canaviais, mantém assegurada a produção agrícola, desdobrando-se em horas e horas diárias de trabalho. Mal alimentado, mal tratado, mal avaliado, o negro contribuiu de modo decisivo para manter a produção agrícola por mais de 200 anos. Dentro das fábricas e das fabriquetas entendia de tudo, porque tinha uma qualidade: era inteligente e sabia aprender com rapidez e competência. Assim, para ele os misteres da fabricação não se tornaram segredos insolúveis, mas foram absorvidos e eles acabaram conquistando os lugares dos brancos que entendiam da fabricação. Sabiam como moer, como cozinhar o caldo, como cristalizar, como encaixotar o produto. E sabiam reparar os cilindros de madeira e as engrenagens que moviam o engenho. Nas construções eram melhores ainda. (PINTO, 1995, p. 112)

Segundo Pinto, “Por volta da primeira década do século XX, existiam em Campos 27 usinas de açúcar e aguardente. Não se falava mais em engenhos centrais. As usinas possuíam 1 ou 2 ternos de moendas” (1995, p. 140). A cidade de Campos em comparação com outras cidades como o próprio Rio de Janeiro e outras possui uma especificidade muito importante para a compreensão de certas características próprias desta cidade: o fato de possuir desde o final do século XIX e ao longo de boa parte do século XX usinas de cana dentro dos espaços urbanos da cidade. Que consequências esse fato pode acarretar? Sobretudo em um país com uma marca racial escravocrata e latifundiária tão grande, a presença e desenvolvimento da cidade, “moderna” se se preferir, com esses traços de “atraso” – sobretudo na chave de interpretação da sociologia da modernização – constituirá uma sociedade muito marcada pela desigualdade de acesso a condições de moradia dignas, educação, saúde, saneamento básico e mesmo democracia.

Assim, a prosperidade econômica da cana se construía de forma intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de uma sociabilidade verticalizada, patriarcal e marcada por códigos de honra, prestígio e por lealdades assimétricas, dada a centralidade da figura do senhor de engenho ou usineiro e dos recursos que dominavam. É verdade que a cidade de Campos experimentou um surto de modernização na segunda metade do século XIX e início do século XX, que penetrava a esfera dos costumes, das

artes, da música, da literatura e das manifestações artístico-culturais em geral, conforme Smiderle (2004:41). No entanto, esta mesma cidade chegou a possuir, no século XIX, 36% de sua população formada por escravos, constituindo-se no terceiro maior consumidor de mão-de-obra negra do Brasil, como registra o Projeto Memorial do Norte Fluminense – Solar da Baronesa (2002) (SMIRDELE, 2009, p. 36-37)

Um dos grandes trabalhos da sociologia brasileira que nos ajuda a pensar essas questões é “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre. Refletindo sobre a experiência de colonização e de escravidão no Nordeste brasileiro, Freyre busca compreender os efeitos sociais, culturais, políticos e mesmo psicológicos que a escravidão e o patriarcado da monocultura do açúcar legaram às gerações futuras. Na clássica frase o início de seu consagrado capítulo quatro, Freyre busca mostrar como a presença do negro na família e na cultura do Brasil é sentida em várias áreas, “na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deleitam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em todo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.” (FREYRE, 2006, p. 367).

Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Aquele mórbido deleite em ser mau com os inferiores e com animais é bem nosso: é de todo menino atingido pelo sistema escravocrata. (FREYRE, 2006, p.454)

A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida e da família; e moleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos. Expressiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dele deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande e principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio. FREYRE, 2006, p.462)¹⁹

O argumento de Freyre, como visto, entende que esta presença da escravidão na história do Brasil marcará nossa sociedade de modo único, transformando as relações sociais e as próprias mentalidades. Esse traço de sadismo²⁰, isto é, de prazer na dor do outro, de gozo com a subjugação do corpo e da mente do outro, em especial do negro e do pobre no país, se fará presente em todas as relações e processos sociais, seja com maior ou menor presença. Em Campos dos Goytacazes também.

¹⁹ Ricardo Benzaquen de Araújo promove uma análise muito profunda da obra de Gilberto Freyre onde o elemento do sadismo e das contradições ou, segundo o linguajar desenvolvido por Araújo, “antagonismos em equilíbrio” que se desenvolvem no Brasil. Ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Guerra e Paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

²⁰ Em Freyre a relação entre Casa-Grande e Senzala não produziu apenas o sadismo, mas também compadrio.

Constituindo-se a partir da marca da relação da casa-grande e senzala, do braço escravizado e do latifúndio monocultor exportador, Campos traz na sociabilidade desigual, classista e racista esse elemento sádico que Freyre analisa. Sobretudo no século XX, os diversos processos de transformação dos espaços urbanos vão produzir segregação espacial e racial e reforçarão os traços de desigualdade existentes²¹.

O processo de remodelação da cidade de Campos dos Goytacazes recebeu um grande impulso com a criação, em 1913, do imposto de exportação do açúcar, que proporcionou um aumento nas finanças da Prefeitura. Foi na gestão do prefeito Luiz Sobral que a cidade de Campos viu a concretização da construção dos símbolos da modernidade. Durante os seis anos em que administrou a cidade (1915/1920), Sobral buscou implementar as principais obras do Plano de Saneamento de Brito (1943) elaborado em 1902, como Mercado Municipal, Matadouro Modelo*, Triturador de lixo e alargamento das ruas centrais**. Luiz Sobral realizou a retirada dos cortiços da área central considerando a crescente pressão dos grupos imobiliários e os interesses dos grupos empresariais atentos às oportunidades de investimentos, desapropriando prédios insalubres e terrenos da zona de utilidade pública, conforme demonstra o Relatório da Prefeitura de Campos dos Goytacazes apresentado ao Conselho de Vereadores, em novembro de 1915. Isso gerou a valorização do solo urbano, principalmente na área central da cidade, ocasionando uma mudança no estilo arquitetônico, na morfologia social e urbana, como também nas representações e práticas culturais. Paralelamente às obras públicas de infra-estrutura (instalação de água, esgoto, iluminação, alargamento de ruas), iniciou-se a ocupação deste espaço por casas comerciais de luxo, cafés, teatros e nas adjacências desta área, começaram a ser construídas as edificações da burguesia, dos intelectuais e dos profissionais liberais que faziam parte da elite social campista (POHLMANN, 2003, p. 82-83)

O fechamento de algumas usinas de açúcar, em 1924, vinculou-se à modernização e mecanização da agricultura. A partir de então, a região começou a ingressar num processo de decadência (Guimarães & Póvoa, 2005, p. 9) levando ao surgimento das favelas. [...] De fato, várias são as favelas que surgiram em decorrência da mudança das condições de trabalho e do fechamento de usinas (MESQUITA, 2013, p. 119)

²¹ Pode-se argumentar que Freyre ao produzir sua análise está pensando em uma sociedade diferente da de Campos dos Goytacazes, a saber, o Nordeste do século XIX e início do XX. Sim, há um deslocamento das teses freyreanas no espaço e no tempo, mas o próprio Freyre em outro texto posterior ao Casa-Grande e Senzala reconhece uma certa “sociologia do açúcar” que se fazia presente então, e insere Campos neste cenário. Sobre isso ele afirma, “Repita-se que trabalhos como alguns dos de autores como nossos contemporâneos – o há pouco falecido Wanderley de Pinho, os dois Lamegos, o pai e o filho, Manuel Diegues Júnior, Gonsalves de Mello, Barbosa Lima Sobrinho, Garibaldi Dantas [...] se incluem entre as mais valiosas contribuições parassociológicas para uma sistemática Sociologia do Açúcar. Sociologia essa, já em começo de sistematização, que talvez se encontre em formação mais adiantada no Brasil que em qualquer outro país ou área marcada pelo impacto do açúcar sobre sua economia ou sua sociedade, sua história ou sua cultura e seu ethos”. (FREYRE, 1975, p. 29). Como se percebe pela citação a Alberto Lamengo (pai e filho), Freyre tem consciência de que Campos dos Goytacazes e a sociologia sobre Campos se insere dentro desta emergente “Sociologia do Açúcar”, dado que apesar da distância física, Campos compartilharia de certas características e traços históricos semelhantes com o Nordeste de Casa-Grande e Senzala.

Estes projetos de reorganização e modernização da cidade de Campos a partir do século XX, se inserem exatamente na mesma chave das reformas urbanas que tomarão lugar no Rio de Janeiro no começo do século XX, com os cortiços e moradias populares sendo demolidos e as populações removidas para áreas periféricas da então capital do Brasil, seja nos morros ou nas baixadas.

2.3. Viver e ser “ptl”: a experiência de viver na Portelinha

A primeira questão que gostaria de tratar neste item é pensar se é possível sociologicamente chamar a Portelinha de favela. Enfim, o que é uma favela?

A idéia de comunidade, tão presente no arraial analisado por Euclides da Cunha, acaba se transpondo para a favela, servindo como modelo aos primeiros observadores que tentaram caracterizar a organização social dos novos territórios da pobreza na cidade. À semelhança de Canudos, a favela é vista como uma comunidade de miseráveis com extraordinária capacidade de sobrevivência diante de condições de vida extremamente precárias e inusitadas, marcados por uma identidade comum. Com um *modus vivendi* determinado pelas condições peculiares do lugar, ela é percebida como espaço de liberdade e como tal valorizada por seus habitantes. Morar na favela corresponde a uma escolha, do mesmo modo que ir para Canudos depende da vontade individual de cada um. Como comunidade organizada, tal espaço constitui-se um perigo, uma ameaça à ordem moral e à ordem social onde está inserida. Por suas regras próprias, por sua persistência em continuar favela, pela coesão entre seus moradores e por simbolizar, assim como Canudos, um espaço de resistência. Observadores de uma viagem bem mais próxima que aos sertões baianos, os jornalistas visitantes dos morros do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX também se portam, tal como Euclides de Cunha, como testemunhas. Espantam-se não só com o aspecto desorganizado do espaço físico nas encostas ocupadas, mas também com a miséria, a insalubridade e a resistência de seus moradores. Luiz Edmundo (1938, p. 255) chega a convidar o leitor para a “nossa peregrinação pela favela angustiosa” [...] As habitações, “todas feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, fôlhas-de-flandres, taquaras” (*idem, ibidem*), testemunhavam o estado de miséria da população, que aproveitava os restos da cidade — a madeira dos caixotes que transportavam a banha ou o bacalhau, o vasilhame servido e assim por diante. Começava a se impor a idéia da favela não apenas como espaço inusitado, desordenado e improvisado, mas também como reduto da pobreza extrema, onde vivem “mendigos [...], capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte, mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida [...], sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte [...]” (Edmundo, 1938, vol. 2, p. 252). Um universo exótico em meio a uma pobreza originalmente concentrada no centro da cidade, em cortiços e outras modalidades de habitações coletivas,²⁴ prolongava-se agora morro acima, ameaçando o restante da cidade. Estava descoberta a favela... e lançadas as bases necessárias para a sua transformação em problema. Observadores qualificados haviam dado seu testemunho, registrado e divulgado as

primeiras evidências de um novo fenômeno. (VALLADARES, 2000, p. 11-12)²²

A análise clássica de Valladares (2000) sobre o surgimento das favelas e da interpretação sobre as favelas nos ajuda a pensar o problema da Portelinha como favela ou não. Classicamente, como visto, as favelas surgem como um espaço inusitado, desordenado e improvisado, ambiente de miséria e de miseráveis e onde habitam muitos grupos de indivíduos moralmente condenáveis na cidade – vagabundos, mendigos e etc. Silva (2016) também analisa a questão das primeiras interpretações sobre a favela apontando para algumas consequências importantes de certos pressupostos tomados pelos primeiros trabalhos sobre as favelas.

A primeira linha de análise parte geralmente do pressuposto – explícito ou não – de que é preciso “integrar” as favelas e os favelados à “comunidade nacional”, o que implica, obviamente, afirmar que as favelas são autônomas, com uma vida própria e mais ou menos independente. Em geral, a ideia de autonomia é expressa em termos de “marginalidade” sociopolítica-econômica da favela e seus moradores. Não há dúvida de que, em certo sentido, a favela é marginal; ela é marginal, por exemplo, pela dificuldade de acesso a certos serviços urbanos, a certos tipos de bens de consumo duráveis, a certas formas de comunicação de massa²³ e etc – embora desfrute sempre, em diversos graus de tudo isso. Mas essa abordagem é perigosa, em primeiro lugar porque tende a ignorar ou reduzir a importância das íntimas vinculações entre a favela e o sistema global. De fato, a favela não é uma comunidade isolada: sua própria existência depende muito mais de determinadas condições estruturais das sociedade global do que os mecanismos internos desenvolvidos para mantê-las. Em segundo lugar, porque a noção de que a favela é uma “comunidade marginal” não passa de um julgamento de valor que dá origem, por um lado, a uma atitude paternalista e assistencialista e, por outro, fornece as bases “teóricas” para tentativas de imposição das normas e valores dos grupos de classe média que detém o poder de escolha das “soluções” por eles (e não pelos próprios favelados) consideradas as mais adequadas para o “problema das favelas”. (SILVA, 2016, p. 33)

A análise de Silva (2016) nos ajuda a pensar certas interpretações equivocadas ou simplistas sobre a favela. A primeira delas é a ideia de que a favela não está integrada ao ambiente social da cidade. Como discutido no capítulo anterior, a interação entre os atores sociais na cidade se dá de diferentes formas e modos e esta interação se dá através de toda um rede de relações econômicas, de trabalho consumo e lazer, políticas, culturais e artísticas e mesmo religiosas. Em segundo lugar, essas tentativas de interpretar a favela como um “problema” podem levar a

²² Não vou explorar o texto todo de Valladares (2000) aqui, mas apenas a a título de esclarecimento do argumento da autora, nas páginas seguintes, Valladares aponta como a favela passou a ser entendida como um Problema – tanto urbano de engenharia e arquitetura, quanto de saúde – e, posteriormente, nos anos 30 e 40 vai assumindo um caráter de problema a ser administrado e controlado. Esta perspectiva se assemelha às análises promovidas por Gonçalves (2012) (2016) sobre as ações e projetos governamentais sobre a favela, tanto do ponto de vista da contenção como da remoção.

²³ Publicado originalmente em 1967, o texto de Silva (2016) não analisa, obviamente, o impacto da telefonia móvel e das redes sociais na configuração e percepção dos moradores de favela sobre si e sobre o mundo.

interpretações moralistas que tendem a desconsiderar as demandas próprias dos moradores de favela e imprimir valores e expectativas de outras classes sociais sobre estes conjuntos de moradores.

É importante considerar um outro fator: a multiplicidade das experiências e práticas das favelas. Como apontado por Valladares (2000), boa parte dos primeiros analistas das favelas vão empreender um esforço de homogeneização das favelas, sobretudo a partir do exemplo do Morro da Favella. Neste sentido, é necessário reconhecer que, seja no Rio de Janeiro, seja em Campos dos Goytacazes, há muitas favelas: com arranjos econômicos, políticos, sociais e culturais que possuem laços e parentesco mas ao mesmo tempo diferenças substanciais e perceptíveis. Há favelas no Rio de Janeiro que se localizam nos morros cariocas, outras tem uma configuração mais plana e mesmo dentro das favelas cariocas a multiplicidade de práticas e sociabilidades é enorme, por exemplo na formação étnica e social dos moradores de dada região. Campos dos Goytacazes possui uma configuração espacial muito diferente das favelas da Zona Sul carioca: Campos é uma cidade plana. Nesse sentido, Campos se aproximaria de certas regiões faveladas da Baixada Fluminense e da Zona Oeste e Norte do Rio de Janeiro. Um ponto de aproximação da experiência da Portelinha com outras regiões do Rio de Janeiro é que a Portelinha surge a partir de um projeto governamental de remoção e de construção de casas populares. Assim como, por exemplo a Cidade de Deus, a formação da comunidade se deu em função de uma ação do poder público municipal.

Por tudo o que foi apresentado, neste texto adotarei a terminologia favela da Portelinha ou Conjunto Habitacional da Portelinha para me referir a este conjunto de moradias populares construídas pela prefeitura de Campos e entregues em 2008 aos moradores do antigo Matadouro Modelo. A seguir, apresentarei algumas reflexões sobre a vida na Portelinha.

2.3.1. A Portelinha nas muitas Margens

Figura 16: O entorno da UENF: Portelinha, Matadouro e Condomínios



Fonte: Googlemaps, 2019.

A foto acima apresenta a configuração social e urbana da região da UENF e da Portelinha. À esquerda a Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mais à direita o Conjunto Habitacional Matadouro, ou Portelinha. Ainda temos em vermelho 4 condomínios que existem na região próxima à UENF (“Bougainville” à direita, “Privilege” bem à esquerda, Verdes Campos no centro). Ademais, para ilustrar o argumento, estou considerando apenas os condomínios fechados, as casas e prédios de alto valor econômico não foram considerados. Esta imagem já nos permite pensar uma das questões mais fundamentais quando se pensa no processo de formação e transformação das cidades e de sua estrutura urbana – e por que não mundiais – que é a profunda desigualdade social. Segundo estimativas feitas a partir de um contato com um dos moradores do “Privilege” e interlocutor da pesquisa, uma casa neste condomínio em frente à UENF está custando entre R\$ 600.000,00 e R\$ 1.000.000,00. De fato, trata-se de um privilégio²⁴, conferido a poucos a possibilidade de pagar este valor numa casa²⁵.

²⁴ Pensar a noção de privilégio nos abre a perspectiva de pensar o processo de construção da desigualdade no Brasil e de exploração de uma classe sobre outra que propicia esta situação.

²⁵ É interessante pensar a contribuição de Henri Lefebvre (2013) e David Harvey (2003) sobre a produção da cidade e a transformação das cidades a partir de uma série de fluxos, influxos, determinantes e problemáticas que o grande capital empreenderá. Nas suas palavras, “A revolução neoliberal, na forma de financeirização de

Pode-se refletir sobre o fato de que quem reside no “Privilege” reside a menos de 500 metros da Portelinha, e vice-versa. Ou seja, quero ressaltar o abismo econômico que separam estas famílias e indivíduos, muito embora residam próximos e, mais importante ainda, as consequências sociais, culturais, simbólicas e de acesso aos bens públicos decorrentes desta diferenciação econômico-social²⁶. Claro que esta situação de desigualdade social não é uma exclusividade de Campos dos Goytacazes, muito pelo contrário: a sociedade brasileira foi constituída a partir desta diferenciação. O Brasil é um país fruto de um processo de colonização e sobretudo da escravidão negra. Historicamente as populações pobres estiveram segregadas dos espaços de políticos e econômicos de decisão.

Retomando o argumento acima exposto, pensar o processo de desigualdade social em Campos dos Goytacazes passa por pensar o papel da escravidão e da grande lavoura canavieira em Campos dos Goytacazes²⁷. Campos foi uma das principais zonas de produção de açúcar no século XIX e mesmo no século XX e o braço escravizado negro foi utilizado em larga escala aqui na cidade e nos seus

tudo, acompanhada por ajustamentos estruturais (através das privatizações, do disciplinamento das forças de trabalho e da retirada do Estado da provisão social), a abertura dos mercados globais e a criação de bons climas de negócio em todo lugar, varreu o mundo todo. O poder de classe tem sido restaurado pelas ou dado às novas elites ricas (como na Rússia e na China). As cidades têm cada vez mais se tornado cidades “de fragmentos fortificados”. A cidade está em todo lugar: “*dividindo-se em diferentes partes separadas, com a aparência de formação de muitos ‘microestados’*. [...] Estas são as cidades neoliberais que o capital construiu na sua tentativa desesperada de absorver os excedentes que ele mesmo cria. Dentre tais cidades, vemos “a completude da liberdade para aqueles cuja renda, lazer e segurança não se precisa realçar e uma mera pitada de liberdade para o povo que pode em vão tentar fazer uso de seus direitos democráticos para ganhar abrigo do poder dos detentores da propriedade”. A liberdade da cidade foi apropriada por uma elite financeira da classe capitalista em seu próprio interesse. Tem ainda que ser contraposta pelos movimentos populares. (HARVEY, 2003, p. 16)”

“Daí o esforço para sair da confusão, considerando o espaço (social), assim como o tempo (social), não mais como fatos de “natureza” mais ou menos modificada, e nem como simples fatos de “cultura”; mas como *produtos*. O que conduzia a uma modificação no emprego e no sentido desse último termo. A produção do espaço (e do tempo) não os considerava como “objetos” e “coisas” quaisquer, saindo das mãos ou das máquinas, mas como os aspectos principais da *natureza segunda*, efeito da ação das sociedades sobre a “natureza primeira”. [...] Como pensar a Cidade (sua explosão-implosão generalizada, o Urbano moderno), sem conceber claramente o espaço que ela ocupa, do qual ela se apropria (ou que desapropria)? Impossível pensar a cidade e o urbano modernos enquanto *obras* (no sentido amplo e forte da obra de arte que transforma seus materiais), sem primeiramente concebê-los como produtos”. (LEFEBVRE, 2013, p. 124-125)

²⁶ Uma das dimensões da desigualdade e da questão da moradia, por exemplo é analisada por Pedlowski e Oliveira (2012).

²⁷ Refletindo sobre o caráter duradouro da estrutura agrícola patriarcal baseada no latifúndio e no particularismo agrário, afirma Mesquita “as elites políticas da cidade administram o erário público predominantemente de forma particularista, o que pode explicar a manutenção de amplos problemas sociais na maior cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Portanto, ainda hoje, os recursos oriundos dos royalties do petróleo, a partir de 1998, não tem sido capazes de contribuir satisfatoriamente para a geração de emprego e renda e a melhoria de condições de vida desses seguimentos. (MESQUITA, 2013, p. 121)

arredores. Após os anos 50, quando Campos passa por uma transformação na sua matriz produtiva e o petróleo passa ser a mola do desenvolvimento regional, a estrutura social se mantém com os ecos do período anterior. Foi a partir da utilização da mão de obra escravizada ou assalariada negra que se construiu as riquezas campistas, as ruas iluminadas, as suntuosas casas e casarões antigos e toda a pujança econômica e cultural da cidade. Não somente a Portelinha, mas diversas áreas da cidade de Campos possuem essa marca da desigualdade social, do estigma da violência e do crime e a segregação. Como argumentam Assis (2016) e Pinheiro (2018), a cidade de Campos, em especial os bairros analisados por eles que se localizam “da ponte pra lá”, ou seja, do outro lado do Rio Paraíba, no bairro de Guarus e proximidades, possui espaços sobre os quais há uma perceptível segregação social, racial e econômica muito claros na mentalidade e no discurso da população e mesmo dos gestores públicos. Não é raro ouvir pessoas que moram em Guarus dizerem que “vão a Campos” como se se tratasse de lugares diferentes.

Retornando à Portelinha, se por um lado estes moradores e as crianças e a juventude em especial estão cercados por condomínios fechados de alto poder aquisitivo, de outro estão limitados pelo Rio Paraíba do Sul. Espremidos entre um limite geográfico e um limite econômico-urbano, estas populações pobres precisam ressignificar suas vidas, práticas sociais e reinventar modos de vida, de brincadeiras, de diversão e de usos da cidade.

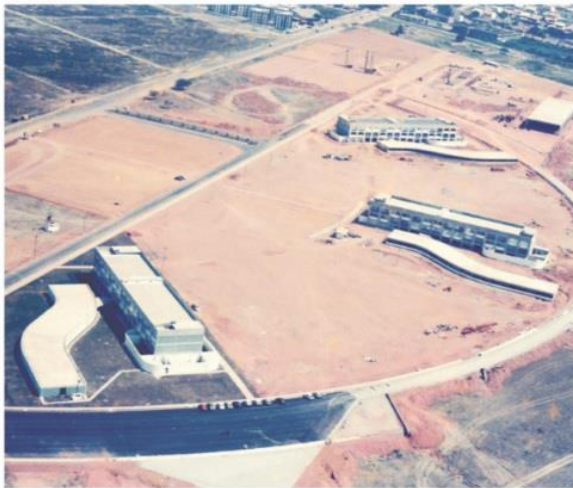
Figura 17. A Portelinha, a Avenida Alberto Lamego, a UENF e o Paraíba do Sul



Fonte: googleimagens

Se a estrutura econômica e social é um elemento de diferenciação da população da Portelinha em comparação com outras no redor da UENF, na medida em que dificulta o acesso a bens e dispositivos urbanos e à utilização e participação de políticas públicas – sem contar na dificuldade em se fazerem ouvir ou serem ouvidos pelo poder público –, a limitação geográfica também exerce um papel importante de limitação da circulação. Em uma das conversas com jovens da Portelinha em 2018, alguns dos interlocutores afirmavam que quando não estavam na Portelinha estavam ou na UENF ou tomando banho de rio no Paraíba. É interessante pensar como esta população possui um laço histórico com a região e, como ribeirinhos, já estão presentes no entorno do que hoje é a UENF há pelo menos duas, três ou quatro gerações, muito antes da construção da UENF no início dos anos 1990 e muito antes da criação do Conjunto Habitacional Matadouro.

Figura 18 e 19: A Construção da UENF e seu entorno no final dos anos 1980 e início do 1990.



Um dia Darcy Ribeiro passou por uma avenida de Campos e falou: 'prefeito, desapropriate esta área'. Assim foi feito, e o terreno foi preparado para a construção da UENF.



A planície dos sobares e das senzalas passaria a ser vista em nova perspectiva. No plano das ideias, viria a ser lugar de pesquisa, efervescência e conhecimento, reorientando as bases da vida regional.

Fonte: Revista Nossa UENF ([agosto - 2011](#))

Figura 20: O Matadouro e a UENF

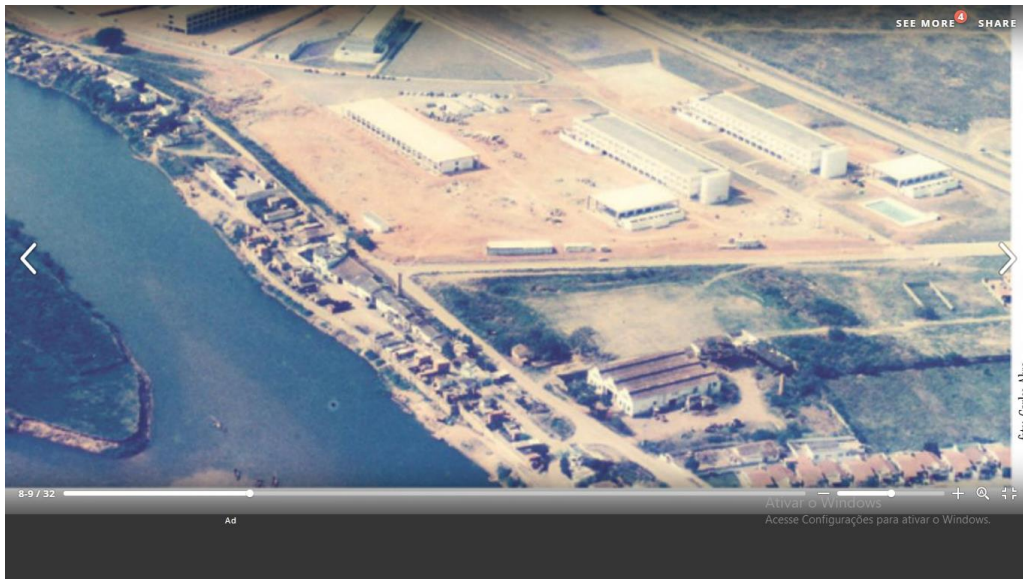


Foto: Carlos Alves

2.3.1.1. O caso Dona Márcia²⁸

Uma das interlocutoras do trabalho possui um relato sobre sua relação com a UENF e que se relaciona com o que vem sendo discutido aqui: com mais ou menos 5 anos, ela brincava no terreno onde hoje é a UENF. Naquele tempo ela brincava de correr, de pique entre o canavial e a terra que aqui tinha. Brincavam muito. Quando fizeram a UENF ela assistiu a tudo. Quando houve a inauguração, ela segurou a mão do Governador Leonel Brizola pra subir a rampa de inauguração da UENF. Já mais velha, conseguiu trabalhar na UENF na limpeza. Foi nessa época em que ela engravidou do segundo filho²⁹. O professor Marcos Pedlowski, tocado a ajuda-la, a presenteou com muitas fraudas. Deixou de trabalhar quando engravidou. Passa-se mais alguns anos, o filho dela, Rodrigo, da Cena 1 descrita na introdução, brinca e circula quase o dia todo, praticamente todos os dias da semana na UENF. Em quatro momentos distintos, a UENF está presente na vida da interlocutora e, ao mesmo tempo, ela está presente na “vida” da UENF desde antes da existência da própria universidade. Ao mesmo tempo, as condições de vida e de reprodução da vida são as

²⁸ Os nomes dos interlocutores são fictícios. Exceção foram os nomes dos moradores que foram entrevistados quando da realização do documentário “Matadouro”.

²⁹ Hoje ela tem mais um, três no total mais dois netos filhos da primeira filha. Todos moram com ela em um dos apartamentos da Portelinha. O pai dos filhos não mora mais com ela.

mais difíceis possíveis. Dona Márcia morava na Portelinha junto com os 3 filhos, sendo que a filha mais velha (20 anos) já tinha dois filhos e ela, trabalhando em um supermercado próximo à Portelinha ainda ajudava a sustentar o pai e o irmão. Quais são as condições de vida e de consumo, uso da cidade e de progresso que se pode ter num contexto tão adverso como esse? Quais são as chances reais de produção de uma nova realidade social mais inserida nos circuitos sociais de consumo ou formação acadêmica e, assim, de superação das barreiras de classe?

2.3.1.2. O caso Dona Regina

Dona Regina foi uma das interlocutores que fiz amizade logo de cara quando passei a frequentar a UENF. De sorriso fácil e boa conversa, a conheci em um restaurante/bar ao lado da Portelinha que ela administra e onde reside nos fundos. Desde o começo de 2017, sempre que frequentava a Portelinha, parava para lhe cumprimentar, saber as novidades e bater papo. Até então, minha relação com ela era de interlocutora sobre como era o dia-a-dia da Portelinha, qual não foi minha surpresa quando vi no documentário “Matadouro” (S/D), desenvolvido sob a coordenação do LEEA e da professora Teresa Peixoto, Dona Regina sendo entrevistada e apresentando uma série de informações sobre a região do Matadouro Modelo e da vida nos anos 60 e 70? Além do relato sobre as “brincadeiras de família” em que ela e seus colegas representavam constituir família e trabalharem na lavoura de cana e como dona-de-casa, Dona Regina também discorreu em vários momentos sobre o tipo de sociabilidade que se tinha naquele momento no Matadouro: a divisão dos miúdos ou “acessórios” dos bois no matadouro, as brincadeiras de roda, as festas, bailes e celebrações que se organizavam, os jogos de futebol que ocorriam, a escola onde ela afirma ter se alfabetizado. Após ver e ouvir esses relatos, percebi que Dona Regina não é uma exceção mas sim um exemplo de relato muito comum na região. Isso porque após vários anos, assim como Dona Márcia vai possuir outra forma de relação com o entorno da Portelinha e sobretudo com a UENF, Dona Regina também terá. Foi na UENF que ela estudou Pedagogia, como um resultado de um programa da prefeitura de Campos – onde Dona Regina trabalhou – ela teve a oportunidade de se formar em Pedagogia além de ter feito outros cursos segundo ela – embora ela não tenha entrado em detalhes. E mais recentemente – sobretudo antes da crise econômica atingir gravemente a UENF – ela estava vinculada à Universidade como fornecedora de almoços para terceirizados, professores e alunos. A UENF estava na

vida de Dona Regina há, pelo menos 20 anos e, tão importante quanto, Dona Regina fazia parte da região da UENF há 50 anos. Ela, assim como Dona Márcia e outros tantos moradores brincaram nas plantações de cana-de-açúcar, correram por entre as ruínas do Matadouro Municipal Modelo e viram a UENF ser erguida, transformar a região e suas próprias vidas.

2.3.2. A Portelinha é um Gueto? Pensando a Portelinha com Wacquant³⁰

Uns dos trabalhos mais importantes para a elaboração deste texto foram os que Loic Wacquant (2005a) (2008) desenvolveu sobre o gueto e as cidades modernas. A análise de Wacquant permite refletir sobre a modernização enquanto um processo de transformação social, política e econômicas e também os problemas da segregação social, racial e a desigualdade. Partindo de uma discussão teórica com outros trabalhos que se debruçaram sobre o fenômeno do gueto, Wacquant propõe um olhar diferente para o gueto: não como um fenômeno fruto ‘natural’ da sociedade mas como um processo, um fenômeno fruto transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Neste sentido, “O gueto não é uma “área natural”, produto da “história da migração” (como Louis Wirth defendia), mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano” (WACQUANT, 2005a, p. 155)³¹. Nesse sentido, pensar sobre o gueto necessitaria um esforço histórico-sociológico de análise da produção daquele espaço (LEFEBVRE, 2013). Na busca por um esclarecimento e aprimoramento teórico do conceito, Wacquant faz uma crítica aos usos do tempo ao longo do tempo por outros trabalhos e pesquisadores, ressaltando a multiplicidade de interpretações sobre o gueto que, apesar de muito descritivas, pecavam pela ausência de análise do termo. Para tanto, Wacquant propõe que se pense o Gueto como sendo constituído por quatro características principais:

Podem ser detectados nesse momento inaugural os quatro elementos que constituem o gueto, isto é, o *estigma*, o *limite*, o *confinamento espacial* e o *encapsulamento institucional*. O gueto é um meio sócio-organizacional que usa o espaço com o fim de conciliar dois objetivos antinômicos: maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor e minimizar o contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão simbólica e de contágio. Esse mesmo raciocínio duplo de

³⁰ Gostaria de aproveitar a oportunidade e agradecer à professora doutora Juliana Blasi pelas sugestões, críticas e questionamentos sugeridos e feitos quando da disciplina Metodologia de Pesquisa e do II Fórum Discente de Sociologia Política, sobretudo sobre o uso adequado ou não de Wacquant para pensar as favelas no Brasil, em especial em Campos dos Goytacazes. Espero ter conseguido dar conta de suas sugestões e críticas tão importantes e valiosas.

³¹ Wacquant também se preocupa em analiticamente diferenciar o Guetto de outras formas de segregação espacial e social, como as “*cités-guetos*” francesas. Conferir: Wacquant, Loic. Para acabar com o mito das “*cités-gueto*”. In: Wacquant, Loic. *As Duas Faces do Gueto*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008

exploração econômica com ostracismo social dominou a gênese, a estrutura e o funcionamento do gueto afro-americano na metrópole fordista durante a maior parte do século XX. (WACQUANT, 2005a, p. 157-158).

Surgido no contexto da segregação a judeus no período moderno, o guetto seria essa construção que possui 4 características fundamentais, a saber o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional. Além disso, segundo Wacquant

Reconhecer que o gueto é o produto e o instrumento de um poder de grupo permite perceber que, em sua forma completa, ele é uma instituição de duas faces, na medida em que cumpre funções opostas para dois coletivos que ele une em uma relação assimétrica de dependência. Para a categoria dominante, sua razão de ser é confinar e controlar, o que se traduz pelo que Max Weber chama de “cercamento excludente”, da categoria denominada. Para essa última, no entanto, trata-se de um instrumento de integração e proteção, na medida em que livra seus membros do contato constante com os dominadores e estimula a colaboração e a construção comunitária dentro da esfera restrita das relações por ele criada (WACQUANT, 2008, p. 82).

É importante perceber que Wacquant, além de estabelecer uma série de critérios sociológicos para o conceito de gueto, compreende uma relação muito complexa de fechamento externo e construção de integração internamente, é o caráter bifacial do gueto – arma e escudo ao mesmo tempo (WACQUANT, 2008, p. 90).

Apesar de ser um conceito importante para pensar o trabalho, não acredito ser possível afirmar que a Portelinha se enquadra perfeitamente na descrição de gueto de Wacquant. Apesar de haver limite físico e estigma – sobretudo ligado ao tráfico, consumo de droga, crime e miséria – não há confinamento espacial nos termos propostos por Wacquant. Além disso, o encapsulamento institucional não está claro para mim também. Isto é, os moradores da Portelinha sofrem com certos estigmas e possuem um limite claro fixado no espaço pelo muro, mas não há uma proibição de circulação, no sentido forte do termo, muito menos percebe-se uma criação interna de solidariedade nos moldes apontados por Wacquant no gueto das cidades dos Estados Unidos. O que proponho como uma forma de reflexão – ainda que careça, reconheço, de um estudo mais aprofundado – é que os moradores da Portelinha experimentam uma “**sensação ou experiência de gueto**”, segregados no território da Portelinha, exprimidos entre o Rio Paraíba e os condomínios de alto poder aquisitivo, estigmatizados pela cor da pele e pelo local onde vivem, tendo negligenciadas suas

pautas e reclamações quando da construção do Conjunto Habitacional³², homogeneizados arquitetonicamente com moradias que pouco se relacionam com as formas de uso do espaço anteriores³³, sem qualquer área verde, parque, praça ou área de lazer e circulação livre, pauperizados pelas relações produtivas e econômicas desiguais na cidade de Campos, excluídos em muitos momentos de circularem livremente e curtirem os aparatos e dispositivos urbanos à vontade.

Figura 21: Driblando o esgoto a céu aberto na Portelinha



Fonte: Mateus Gomes

Campos dos Goytacazes não é Paris, Nova Iorque ou Detroit, mas possui muitas configurações de desigualdade, seja racial ou social. Pensar em “**sensação ou experiência de gueto**” pode nos ajudar a pensar uma série de situações e de regiões da cidade. Gueto não é favela, mas nas favelas vive-se diversas experiências que se assemelham muito às dos Guetos dos Estados Unidos.

Em 2016 no âmbito da disciplina de Territórios Periféricos e Modernidade fizemos uma visita ao Conjunto Habitacional “Morar Feliz” em Ururá. Mais de 10km

³² Os moradores com quem pudemos conversar narram questões desde falta de água até rede elétrica defeituosa. Segundo um dos interlocutores que conversei, muitos dos moradores não paga nem água nem luz e por isso estes serviços são muitas vezes provisórios e inconstantes.

³³ Conferir Oliveira (2009) em especial o capítulo 3. Oliveira mostra, por exemplo, como a política de habitação piorou a vida dos moradores do ponto de vista da renda e da possibilidade de complementar o orçamento com outras atividades econômicas.

separam a rodoviária do “Shopping Estrada” em Campos do conjunto habitacional. Ao chegar, uma coisa chama a atenção: todos os moradores são negros. Pardos, pretos ou de outros tons de pele mas todos são negros. Lá poucos são os ônibus, não havia rede elétrica em todas as ruas, muitas casas não possuíam rede de água, várias ruas não tinham calçamento e serviço de saúde e educação não existia. Os moradores reclamavam que estavam abandonados e, neste contexto, a presença do tráfico e de consumo de drogas e da violência já era percebido por vários deles.

Figura 22: Moradias no “Morar Feliz”



Fonte: Folha 1³⁴

Figura 23: Casas no “Morar Feliz”



Fonte: G1³⁵

34

Link:
[https://www.google.com/search?rlz=1C1AVNE_enBR682BR682&biw=1195&bih=580&tbm=isch&sa=1&ei=jg3P_XLLxN_TR5OUP1dCU4A8&q=morar+feliz+urura%C3%AD+&oq=morar+feliz+urura%C3%AD+&gs_l=img.3...2162_0.22016..22216...0.0..0.119.455.0j4.....1....1..gws-wiz-img.DXcl0rmrTRQ#imgrc=rdSTcxyKwy3gAM:](https://www.google.com/search?rlz=1C1AVNE_enBR682BR682&biw=1195&bih=580&tbm=isch&sa=1&ei=jg3P_XLLxN_TR5OUP1dCU4A8&q=morar+feliz+urura%C3%AD+&oq=morar+feliz+urura%C3%AD+&gs_l=img.3...2162_0.22016..22216...0.0..0.119.455.0j4.....1....1..gws-wiz-img.DXcl0rmrTRQ#imgrc=rdSTcxyKwy3gAM;) Acessado em 05/05/2019

35

Link:
[https://www.google.com/search?rlz=1C1AVNE_enBR682BR682&biw=1195&bih=580&tbm=isch&sa=1&ei=jg3P_XLLxN_TR5OUP1dCU4A8&q=morar+feliz+urura%C3%AD+&oq=morar+feliz+urura%C3%AD+&gs_l=img.3...2162_0.22016..22216...0.0..0.119.455.0j4.....1....1..gws-wiz-img.DXcl0rmrTRQ#imgrc=rdSTcxyKwy3gAM:](https://www.google.com/search?rlz=1C1AVNE_enBR682BR682&biw=1195&bih=580&tbm=isch&sa=1&ei=jg3P_XLLxN_TR5OUP1dCU4A8&q=morar+feliz+urura%C3%AD+&oq=morar+feliz+urura%C3%AD+&gs_l=img.3...2162_0.22016..22216...0.0..0.119.455.0j4.....1....1..gws-wiz-img.DXcl0rmrTRQ#imgrc=rdSTcxyKwy3gAM;)

É muito difícil deixar de perceber essa situação dos moradores do Morar Feliz como uma experiência de gueto, de segregação, estigmatização, limite e mesmo confinamento espacial pois, dado que o poder público não se faz presente ou integra esta região ao restante da cidade com uma rede viária efetiva nem aparelhos governamentais de saúde, educação e segurança, estas populações estão metafórica e literalmente – pelo menos em parte – abandonadas³⁶.

Em perspectiva comparada, olhando para a Portelinha talvez não seja possível descrevê-la exatamente como o Morar Feliz de Ururá, mas talvez seja possível falar em “experiências de gueto” diferentes em Campos. Nenhuma delas exclui a outra, mas elas se complementam para que se compreenda como a cidade de Campos segrega moradores pretos e pobres.

2.3.3. Viver na Portelinha

A primeira coisa que é importante destacar é que os moradores da Portelinha tem cor. Quando digo isto, quero ressaltar que há perceptivelmente um cor que se destaca quando se anda pela rua da Portelinha e se adentra as vielas e corredores que separam os diferentes prédios. Quando circulamos pelos corredores dos prédios, uma cor com seus diferentes tons é percebida: a com negra.

Como ressaltado anteriormente, a sociedade campista não pode ser analisada ou pensada sem se recorrer ao passado escravocrata e agromanufatureiro e a presença negra está intimamente ligada a isso. Nas primeiras visitas que fiz à

[XLLxN_TR5OUP1dCU4A8&q=morar+feliz+urura%C3%AD+&oq=morar+feliz+urura%C3%AD+&gs_l=img.3...21620.22016..22216...0.0..0.119.455.0j4.....1....1..gws-wiz-img.DXcl0rmrTRQ#imgrc=Mr-9S_xst1PFyM](http://www.folha1.com.br/conteudo/2017/04/geral/1218198-qual-o-futuro-do-morar-feliz.html): Acessado em 05/05/2019

³⁶ Em reportagem de 2017, afirma uma moradora: “Estamos aqui desde o mês de outubro. E continuamos na expectativa por respostas. Estamos investindo em melhorias necessárias, como pintura, reparos na laje, por conta da ausência de telhado. Enquanto isso, improvisamos uma varanda e tampões para as portas e janelas. Gastamos aproximadamente R\$ 1,5 mil. Mas, não temos garantia se poderemos permanecer no imóvel”. Assim como outra moradora se manifesta: “Minha casa está rachando, Quando chove mola tudo. Tenho muito medo de morar aqui, mas, infelizmente, não tenho outro lugar para ir. Como disseram que a minha casa também seria demolida, fico com receio de ajeitar ela e depois a Prefeitura derrubar. Além de perder a casa, eu perderia o dinheiro que investi, que já é tão sofrido. Preciso de uma confirmação. A minha esperança era poder ficar aqui, onde sempre vivi. E aos poucos, com muito trabalho ir ajeitando a minha casa”, contou a cozinheira, Sílvia Nascimento Nunes, de 47 anos, que mora em uma casa de três cômodos às margens da linha, com o filho ajudante de pedreiro, de 25 anos. Tanto os moradores da “Margem da Linha”, favela de onde vieram muitos dos moradores do Morar Feliz de Ururá, não tem segurança se serão ou não removidos e terão suas casas demolidas, e por isso não podem promover reformas com o risco de perder o investimento, quanto aqueles que para lá foram também não tem certeza das condições de sobrevivência. Ver: <http://www.folha1.com.br/conteudo/2017/04/geral/1218198-qual-o-futuro-do-morar-feliz.html> Acessado em 05/05/2019

Portelinha, me chamava a atenção como eu estava a 100 metros da UENF, na verdade menos, a um atravessar de rua de distância mas em termos sociais estava em outra realidade, pois se na UENF eu era, como negro, quando muito representante de 1/3 dos estudantes, na Portelinha eu era como todos, ou todos eram como eu. Essa percepção de que a menos de 50 metros maiorias diferentes habitavam espaços diferentes, ainda que próximos, mexeu muito comigo.

Figura 24: Lazer na Portelinha



Fonte: Mateus Gomes

Como diversas áreas de periferia no Rio de Janeiro e em Campos, na Portelinha o comércio de drogas e a circulação do tráfico é constante. A presença de símbolos do TCP (Terceiro Comando Puro), facção criminosa que controla o tráfico de drogas em diversas áreas do Rio de Janeiro e do interior também é visível. Um dos primeiros elementos a sinalizar esse arranjo diferente é uma guarita improvisada que, de dentro da UENF mesmo, se pode ver no muro da Portelinha. Em um dos primeiros momentos de entrada no campo que tive, fui informado indiretamente de algumas regras que funcionavam nos arredores da Portelinha: um interlocutor conversando com outro rapaz perto de mim avisa: “não pode usar som alto no carro, vidro abaixado”. A presença de homens a serviço para o tráfico é constante, ainda que eu

não tenha visto nenhum deles portando arma publicamente. Em 2018 em uma visita à noite à Portelinha acompanhado pela professora Luciane Soares encontrei, na saída, dois adolescentes que frequentavam a UENF. Conversamos e eu os convidei a andarem de carro conosco, darem uma volta. O passeio transcorreu tranquilamente, eles ansiosos querendo ouvir funk e eu tentando apresentá-los a “Racionais Mc’s”. Quando retornamos ao quarteirão e chegamos na rua que separa a Portelinha da UENF, a realidade de que eu estava em um território com outras regras paralelas e simultâneas às do estado me bateu intensamente. Ao chegarmos na Portelinha, vi que a única luz que se via na rua era a do farol, o silêncio era entrecortado pela batida de funk que ecoava dos alto falantes do carro. Sem perceber nem me dar conta da quebra de rotina, a professora me chamou a atenção: “abaixa o farol e o som”. Poucas lições me entraram tão profundamente quanto esta: entenda e respeite as regras onde você está, pesquisando ou não. Esse clima de medo ou respeito a uma regra instituída por grupos de traficantes não é fenômeno novo na Sociologia Fluminense.

Estou sugerindo que a representação da “violência urbana” reconhece um padrão específico de sociabilidade, que proponho chamar de sociabilidade violenta. Para descrevê-lo, creio ser possível começar lembrando que a característica central da representação da “violência urbana” é captar e expressar uma ordem social, mais do que um conjunto de comportamentos intersticiais, isolados uns dos outros e sem continuidade no tempo. Ou seja, as ameaças percebidas à integridade física e patrimonial provém de um complexo orgânico de práticas, e não de ações individuais. Assim, pode-se apresentar a característica mais essencial da sociabilidade violenta como a transformação da força, de meio de obtenção de interesses, no próprio princípio de coordenação das ações. (SILVA, 2008, p. 41).

Seria possível pensar nesta sociabilidade violenta como uma espécie de gramática social que perpassa diversas esferas da vida social nas favelas e territórios periféricos e de pobreza. Apesar disso, não pode ser esquecido que o conceito é um conceito em construção, isto é, os processos analisados e que estruturam o próprio conceito estão se desenvolvendo, o que torna o conceito aberto a alterações e reelaborações. O efeito desta sociabilidade violenta nas comunidades é assim descrito por Machado da Silva

Dada a contiguidade territorial nas favelas (e nos territórios de pobreza em geral), a sociabilidade violenta, levando nestes locais a ameaças à integridade pessoal ao paroxismo, gera medo nos atores que não estão preparados para nela integrar-se ativamente, seu estatuto sendo o da vítima submissa. A consequência é o desenvolvimento de uma desconfiança generalizada, cujo resultado é uma tácita “lei do silêncio” mais perniciosa do que se costuma pensar. Não se trata apenas de manter as aparências e esconder dos “de fora” os aspectos menos abonadores da vida local, mas da

incomunicabilidade e do esgarçamento das tradicionais relações de vizinhança produzidos pelo medo e pela desconfiança. (SILVA, 2008, p. 45)

Esta perspectiva do silêncio, do apagamento das relações sociais anteriores e de uma nova forma de convivência com os vizinhos e moradores do entorno, está presente nos relatos de seu Floriano no documentário “Matadouro”: “o Matadouro tinha muita fartura, e hoje é isso aqui...um bairro fracassado. Hoje você encontra mais de miséria que qualquer outra coisa.” Complementando a fala de seu Floriano, seu Sebastião afirma que: “naquela época não tinha esse negócio de droga, bebida não, os jovens se reunia para conversar, não tinha nada de maldade como hoje não”.

Assim como o tráfico³⁷ e a facção que controla o tráfico e que cria uma dinâmica própria na Portelinha, outro elemento que também está presente na Portelinha é o consumo de drogas (lícitas ou ilícitas). Nas visitas que fiz ao campo chamou sempre a minha atenção a circulação e o consumo de drogas tanto de noite quanto principalmente de dia. Conversando com os colegas e com professores, sempre manifestei meu medo de estar olhando com excessivo moralismo e preconceito para estas situações, mas é difícil deixar de considerar como algo muito preocupante a quantidade de jovens – meninos e meninas entre 15 e 30 anos – que conversam, pedem dinheiro, compram e consomem drogas ao ar livre, inclusive na presença de crianças pequenas e de colo. Numa das visitas ao campo vi uma mãe com uma criança no colo amamentando e pedindo dinheiro para “inteirar” para comprar droga. É muito difícil não pensar em quais as chances essa criança pobre e negra terá de se desenvolver, crescer saudável e produzir academicamente ou no mundo do trabalho de modo a prosperar. Novamente, não pretendo com isso produzir um discurso homogeneizante sobre a Portelinha mas destacar como são complexas as condições de vida e de sociabilidade na Portelinha.

Longe de representar a totalidade das experiências de vida na Portelinha, estas práticas sociais e questões são algumas das quais os moradores enfrentam. Mas há muito mais que isso. Em 2018 fui convidado a participar de um arraiaá que aconteceria na Portelinha. Durante o período das eleições alguns candidatos estiveram presentes

³⁷Sobre o tráfico na Portelinha e a própria imagem estigmatizada da favela. Ver <http://www.nfnoticias.com.br/noticia-14856/pm-apreende-grande-quantidade-de-drogas-na-portelinha> Acessado em 05/05/2019. E <http://www.nfnoticias.com.br/noticia-11721/policia-militar-apreende-drogas-na-comunidade-da-portelinha-em-campos> Acessado em 05/05/2019

ali pedindo apoio e o voto dos moradores. Um dos que mais chamou a atenção foi o candidato a governador Tarcísio do PSOL³⁸.

Figura 25: Campanha política do PSOL na Portelinha em 2018



Fonte: Acervo Luiz Henrique Gomes Moraes

Outro elemento importante da sociabilidade na Portelinha são as igrejas evangélicas. Seja dentro da Portelinha ou nos arredores, a presença evangélica é muito forte. Essas igrejas funcionam como ambientes de integração, de solidariedade e apoio mútuo, contribuindo em muitos casos para que os jovens a elas pertencentes e que são de favelas e bairros periféricos consigam circular pelos ambientes com alguma liberdade (MESQUITA, 2013) (MESQUITA;BERTOLI, 2014).

Como todas as periferias, a Portelinha é complexa, formada por um conjunto de moradores pobres, em sua maioria negros e que desempenham diversas atividades – das lícitas às ilícitas. Como mostra Zaluar (1994), a favela é composta por diversos tipos de moradores, e constituem uma moralidade complexa, antitética e muitas das vezes valorativamente hierárquica.

³⁸ Ver <http://www.folha1.com.br/ conteudo/2018/09/politica/1239146-com-proposta-de-diversificar-economia-e-investir-na-uenf-tarcisio-caminha-por-campos.html> Acessado em 05/05/2019

Busquei mostrar a complexidade e a diversidade de experiências que ligam a história da região do Matadouro de meados do século passado até as vivências contemporâneas atravessadas por questões como drogas, desigualdade e pelo pentecostalismo. Ao mesmo tempo, espero ter ficado claro a permanência de certas estruturas excludentes, em especial as questões ligadas à cor da pele e à desigualdade social.

Capítulo 3: A INFÂNCIA E A JUVENTUDE ENTRE A PORTELINHA E A UENF³⁹

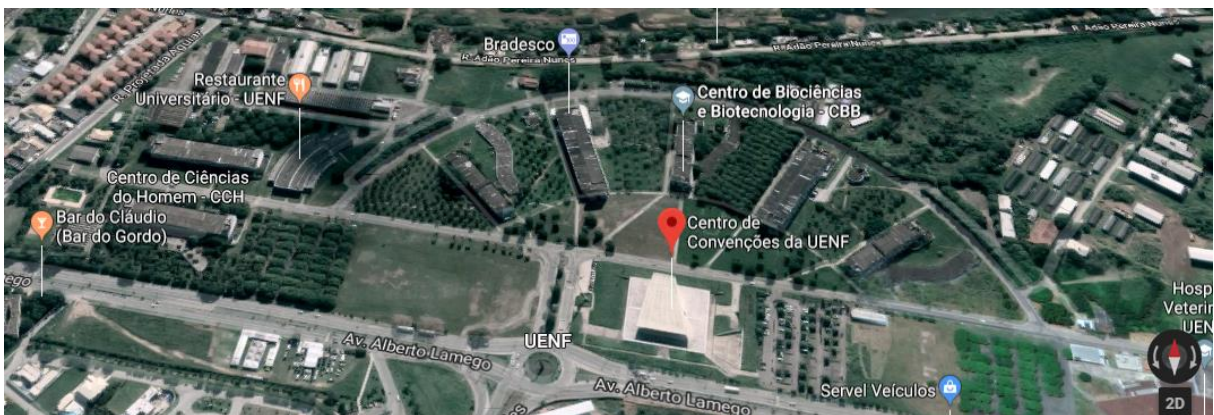
Se nos capítulos anteriores abordei em pontos mais amplos, a saber, uma discussão descritiva de como a cidade foi pensada segundo uma certa tradição de estudos sociológicos e uma aproximação entre experiências de urbanização e reformas que ocorreram no Rio de Janeiro no começo do século XX e principalmente em Campos na região do Matadouro, o que proponho aqui é uma descrição de como as crianças, especialmente os meninos e adolescentes, da Portelinha circulam pela UENF, suas motivações e interesses e as dinâmicas de interação e de conflito decorrente dessa circulação. Buscou-se destacar as representações que estes grupos fazem da universidade e pensar como a universidade, sobretudo professores, mas também por alunos e funcionários tem se relacionado com estes jovens. Com isso, acredito ser possível propor uma reflexão sobre os usos do espaço público em Campos e como questões como raça, classe e gênero podem interferir nas dinâmicas de circulação dos grupos. Ademais, pretendo pensar também o papel das instituições de ensino na cidade, sobretudo na sua relação com comunidades periféricas e as tensões entre discurso e prática do fazer na universidade.

³⁹ Antes de prosseguir, gostaria de fazer algumas observações sobre a forma do texto deste capítulo. A primeira coisa que gostaria de justificar é o fato de utilizar as falas sobrepostas dos entrevistados. Ainda que estilisticamente isso deixe o texto mais repetitivo, acredito que seja importante demonstrar uma certa visão consensual sobre situações e questões ligadas à universidade e seu funcionamento. Na medida do possível, tentei construir coerentemente os argumentos evitando o excesso de sobreposições de falas, mas não foi possível deixar de fazê-las em várias situações. A segunda observação que julgo importante refere-se à utilização das fotos. Assim como no capítulo 2, busquei sempre recorrer a imagens para ilustrar e compor os planos da pesquisa de modo coerente.

3.1. A Universidade como espaço público

A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) fica situada em Campos dos Goytacazes e foi fundada em 7/02/91 pelo Decreto 16.357. Como toda universidade de médio e grande porte, em especial as estaduais e federais, a UENF possui um espaço físico e aberto muito grande. Na chegada é possível avistar o “apito”, Centro de Convenções desenhado por Oscar Niemayer e que possui um formato de apito. Após atravessar a avenida principal da universidade é possível avistar os principais prédios da UENF: Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias (CCTA), Centro de Biociências e Biotecnologias (CBB), Centro de Ciência e Tecnologia (CCT) e o Centro de Ciências do Homem (CCH). Além destes prédios, há entre as construções da UENF o restaurante universitário (RU), o prédio da Reitoria, a prefeitura da universidade, o Hospital Veterinário e todo um conjunto de casas de vegetação, estufas, e áreas de cultivo experimental de plantas e de criação de animais, haja visto que a universidade possui cursos de Agronomia e Zootecnia.

Figura 26: A UENF vista de cima



Fonte: Googlemaps

A universidade também conta com duas quadras poliesportivas que se localizam na parte de trás do prédio da reitoria e do CCH e também possui uma piscina. Além de todas estas estruturas, a UENF possui um “Espaço da Ciência” coordenado pelo prof. Dr. Ronaldo Novelli que possui uma grande coleção de animais empalhados (segundo o prof. Novelli principalmente animais que foram encontrados em ruas, rodovias ou que morreram no Hospital Veterinário, nunca animais que forma mortos para serem empalhados) e que regularmente é visitado por estudantes da rede

pública municipal e estadual de ensino. Por exemplo em 2017 estudantes de minhas turmas em Bom Jesus do Itabapoana foram e visitaram o Espaço Ciência, por ocasião de uma atividade que realizamos na UENF.

Além de todo este espaço de construções, a universidade possui uma série de campos abertos onde se pode jogar futebol e outros esportes, é muito comum observarmos moradores do entorno e principalmente alunos e professores circulando pela universidade fazendo caminhadas e andando de bicicleta. É comum também se observar jovens e adolescentes circulando pelo espaço da universidade para tirar fotos de aniversário, casamento ou por ocasião de gravidez.

Figura 27: Visita dos estudantes do Colégio Estadual Padre Mello à UENF



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 28: A chegada da UENF



Fonte: googlemaps

Por tudo o que foi exposto, percebe-se que a universidade é um espaço aberto e por ser público, destina-se a todos os grupos, classes e pessoas que tem interesse em circular e aproveitar as oportunidades que a universidade oferece de

lazer, ao utilizar o espaço físico, e também acadêmicos, com a possibilidade de entrada garantida via vestibular (ENEM) e o sistema de cotas que vigora no Rio. A UENF é um espaço público e como tal o público tem direito a circular pela universidade.

3.2. A UENF como a universidade do 3º milênio

O plano de construção da Universidade Norte-Fluminense data do final da década de 1980, período em que ao sair de um regime ditatorial militar que durou 21 anos, União e os estados reorganizam sua legislação e elaboram novas cartas constitucionais. Nesse contexto,

Aproveitando os ventos democratizantes da nova Constituição Federal, promulgada em 1988, cidadãos campistas se mobilizaram para apresentar uma emenda popular prevendo a criação da Universidade na Constituinte Estadual. Um total de 4.141 assinaturas qualificadas (com dados de identificação completos) embasou a emenda pró-Uenf, afinal aprovada e inserida no Artigo 49 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual⁴⁰

O plano não era novo, desde os anos 1970 já havia o desejo de transformar Campos dos Goytacazes na sede de uma universidade pública de qualidade e de importância. É fundamental lembrar que desde o início do século XX, a elite campista ansiava por inserir Campos no circuito político do poder fluminense e brasileiro no século XIX, inclusive com a transferência da sede do estado para Campos, na medida em que o Rio permaneceria como capital do país. (MANHÃES, 2013)

Através da Comissão Pró-Emenda Popular pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, o ofício foi entregue ao presidente da Comissão Constitucional da Alerj, deputado Josias Ávila. Durante a audiência na Comissão de Constituição e Justiça da Constituinte Estadual, Mário Lopes pôs na mesa a proposta de fusão da Fundação Cultural de Campos (responsável pelas faculdades de Filosofia, Odontologia e Direito) e da Fundação Benedito Pereira Nunes (mantenedora da Faculdade de Medicina de Campos). Até então, esta era a concepção que norteava o projeto da UENF. Na mesma época, conta Mário Lopes, a deputada Ivete Vargas propôs o monopólio do ensino superior estadual para a Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, à época a única universidade estadual). A iniciativa, também ancorada em proposta popular, contava com mais de 50 mil assinaturas. Porém, segundo Mário Lopes, acabou sendo aprovada a previsão de criação da UENF, com a ressalva de que, se o artigo não fosse regulamentado no prazo de 18 meses, os novos cursos previstos seriam implantados pela Uerj. De acordo com o artigo 49 das Disposições Transitórias da Constituição Fluminense, a UENF teria sede em Campos e

⁴⁰ As informações foram obtidas no site da UENF. Link: <http://www.uenf.br/dic/ascom/wp-content/uploads/sites/4/2018/08/Hist%C3%B3ria-da-UENF-1.pdf> . Acessado em 10/05/2019

curso de Medicina Veterinária em Santo Antônio de Pádua, de Agronomia em Itaocara e de Engenharia em Itaperuna.⁴¹

Apesar do tempo escasso, consegue-se o número de assinatura, aliás até ultrapassa-se, e o projeto de desenvolvimento da universidade vai ganhando corpo. Quando da posse do novo governador Leonel Brizola, ele deixa a cargo de Darcy Ribeiro a tarefa de transformar esse projeto de universidade em algo real, vivo e produtivo. É aqui que o projeto da universidade encontra alguns desafios. Inicialmente, acreditava-se que as faculdades existentes em Campos seriam reunidas e transformadas em instituição pública estadual.

Interessante notar que o projeto de universidade que constava no escopo da “Emenda Popular” de 1989 estava circunstanciado, a partir dos círculos intelectuais e políticos de Campos, pela proposta de criação de uma universidade pública para a cidade através da fusão das instituições de ensino superior de caráter privado, existentes na cidade, a saber: a Faculdade de Filosofia de Campos, criada em 1961, a Faculdade de Direito, de 1963, a Faculdade de Medicina, de 1966, e a Faculdade de Odontologia, construída em 1967. O projeto de universidade defendido pelos círculos campistas passava pela afirmação de um perfil institucional assentado nas carreiras mais tradicionais e pela formação profissional tendo em vista abastecer o mercado de trabalho local e regional, sob a rubrica de suas fundações mantenedoras: a Fundação Cultural de Campos, que geria as faculdades, de Filosofia, Direito e Odontologia, e a Fundação Benedito Pereira Nunes, responsável pela Faculdade de Medicina. (MATIAS, 2019)

Acreditou-se que o modelo adotado pelo governo Brizola e por Darcy Ribeiro seria o de institucionalizar os cursos que já existiam e que por sinal simbolizam o que de mais tradicional há no Ensino Superior: Direito, Medicina e Odontologia, além de Filosofia e Ciências Humanas e Sociais. Ademais, o objetivo era funcionar como uma promotora de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho local e regional, mas que pouco poderia contribuir com o desenvolvimento científico e econômico-social do país, via pesquisa e inovação. Esta proposta não foi encampada pelo governo Brizola e sobretudo por Darcy Ribeiro que possuía outra visão utópica, sonhadora e planejada para a UENF⁴².

⁴¹ As informações foram obtidas no site da UENF. Link: <http://www.uenf.br/dic/ascom/wp-content/uploads/sites/4/2018/08/Hist%C3%B3ria-da-UENF-1.pdf>. Acessado em 10/05/2019

⁴² Em Darcy, reside a idéia da universidade constituindo-se como um projeto intencional, sobretudo, planejado, provocado. A proposta de Darcy é assim marcadamente contra-factual, ou seja, está baseada em algo oposto ao que existe para superar o estágio existente do atraso brasileiro: uma universidade proporcionadora do desenvolvimento autônomo em face de um cenário de dependência e colonização cultural. Deste modo, o Plano Orientador da UENF aparece, de fato, como uma atividade político-intelectual de planejamento de uma universidade pautada na “missão”, consciente, pois, de seu papel, mas também de suas limitações históricas, definida por Darcy Ribeiro nestes termos: “*Sua missão é adonar-se, cultivar e ensinar a ciência e as tecnologias de ponta, que constituem o patrimônio cultural maior da humanidade, para colocá-las a serviço da modernização e do progresso econômico e social da região e do Brasil.*” (Ribeiro, 1993a, p. 16). (MATIAS, 2009, p. 39)

O projeto UENF assinado por Darcy Ribeiro revela uma tentativa de reconceituação da universidade pública, a apostar na Ciência e Tecnologia, em pesquisas de ponta, no futuro, na modernidade, pretende ser a “Universidade do 3º Milênio”, a contribuir de modo fundamental para o alcance de um processo de desenvolvimento econômico-social-cultural autônomo para a cidade, para a região e para o País, com o objetivo específico de superação do “atraso” (Cf. Ribeiro, 1975a), que, ao ver de Darcy, marcaria passo a passo a formação histórica brasileira, do não reconhecimento dos direitos básicos à existência livre e plena em sociedade. (MATIAS, 2009, p. 19)⁴³

A UENF foi pensada como um projeto que permitisse ao Norte e Noroeste Fluminense, mas mesmo o Rio de Janeiro e o Brasil, superar o atraso histórico, social, econômico que marcaria nossa sociedade⁴⁴. Ao entrevistar alguns professores, o relato sobre o início do funcionamento da universidade é muito claro.

[...] num primeiro momento, a UENF, o pessoal da cidade, inclui todos mundo, a UENF era como um disco voador que chegou a Campos. Então a gente era completamente era fechado a sociedade, porque quando se cria emenda parlamentar, quem fez foi o povo campista. A ideia deles era juntar as universidade e formar uma universidade estadual, e a UENF não fez isso, fez o contrário. A UENF trouxe praticamente de fora, todos os professores vieram de fora, tinha que ter doutorado e muitos professores daqui de Campos não tinham. Além disso, a UENF era centrado em realizar pesquisa, pesquisa de ponta, feito pela universidade brasileira. Porque nossos doutores são formados na universidade brasileira, e essa pesquisa de cunho básico, não tem uma aplicação direta. Na verdade até tem, o CCTA com o viés de agricultura, pecuária e tinha uma aplicação direta sim e o próprio CCH que veio bem depois, mas de qualquer maneira, o que a gente faz é geração de conhecimento. Então isso tudo afastou a UENF da sociedade e só foi quebrado bem mais tarde. Então, relatando isso, a sociedade sempre nos viu como seres extraterrestres. (DAMATTA, 2019)⁴⁵

Então o Darcy Ribeiro propôs o novo modelo de universidade⁴⁶, que ele falou que seria a última filha dele né, porque inclusive as outras filhas não deram tanto certo o quanto ele queria e ele chamou essa universidade de terceiro milênio, onde aqui teriam só doutores e, enfim, era um modelo, é, eu diria único no Brasil, onde 100% do corpo docente seria constituído de doutores e com dedicação exclusiva. Uma coisa rara. [...] ele falava que para aqui vão vir grandes cérebros, grandes cientistas, e não sei o que e isso gerou uma certa, fora o aspecto que se pensava que a UENF seria uma coisa antes e virou outra e vai chegar essa poção de extraterrestres aqui, isso gerou um

⁴³ No prosseguimento do argumento, Matias (2009) nos apresenta elementos que nos indicam que não houve uma disputa irreconciliável e antagônica, mas antes uma acomodação dos processos. Em especial sugere-se a leitura dos capítulos 1 e 4 de MATIAS, 2009.

⁴⁴ “Assim é que estamos desafiados, agora, a inventar as universidades da quarta idade, em que a pesquisa, o ensino e a experimentação se integrem no estudo dos temas e problemas mais relevantes para o desenvolvimento do Brasil. [...] Nossa UNIVERSIDADE DO TERCEIRO MILÊNIO não terá como paradigma a velha OXFORD ou a vestusta SORBONNE, mas o MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY – MIT e o CALIFORNIA INSTITUTE OF TECHNOLOGY – CALTECH. Um e outro muito empenhados no cultivo das humanidades clássicas, mas voltados essencialmente para operar nas fronteiras do saber científico e tecnológico. [Grifos do autor] (RIBEIRO, 1993, p. 12).

⁴⁵ Entrevista realizada com o professor Dr. Renato Damatta em 08 março de 2019.

⁴⁶ Inclusive a UENF surge com um modelo de universidade com Ciclo Básico e Ciclo Avançado, em que os estudantes de todos os cursos cursariam disciplinas juntos, buscando assim permitir que os estudantes dos cursos de Ciências Exatas tivessem uma formação humanista e os estudantes de Ciências Humanas tivessem uma formação matemática básica.

certo, e eu senti essa dificuldade quando fui alugar meu primeiro lugar para morar, sabe, as pessoas perguntavam você é de onde, você é daqui, qual seu sobrenome, então tinha essa coisa de achar que a gente ganhava muito dinheiro, os preços eram normalmente, meio elevados (REZENDE, 2019).⁴⁷

A expectativa de certa elite intelectual campista era de que a universidade então em processo de criação incorporasse as já existentes em Campos e pudesse funcionar nos mesmos padrões de antes, ao que o projeto darcyniano não encampou. A UENF sempre foi vista por determinados grupos em Campos dos Goytacazes como esse extraterrestre, distante de parcela da população campista, seja ela de moradores pobres, ribeirinho, negros que tem dificuldade de acessar a universidade via vestibular, seja a elite que por mais que possa entrar na universidade via vestibular, não se identifica com o modelo pensado para as questões do século XXI propostas por Darcy. Além disso, não é possível deixar de perceber como esse afastamento e recusa em receber integralmente o projeto UENF como sendo reflexo da experiência particularista, latifundiária, escravocrata e elitista vivenciada em Campos. A cultura bacharelesca do diploma de “doutor” (médico, advogado ou engenheiro) é um dos traços mais marcantes da Sociedade colonial brasileira. A Universidade do Terceiro Milênio, com concursos públicos meritocráticos e que só aceita doutores – de verdade – em seus quadros, exige pesquisa e extensão como critérios e exigências básicos de admissão e de carreira e que se abre para receber a dezenas de professores e estudantes de todos os lugares do Brasil e do mundo⁴⁸ foi desde logo vista como algo estranho. E apesar de 25 anos terem se passado desde o primeiro vestibular em 1993, e centenas, milhares de alunos terem se formado nela, muitos deles campistas, ao conversarmos com alguns moradores de Campos, sobretudo do entorno, a UENF ainda goza de um título não tão agradável de “disco voador”. Desagradável mas revelador do quanto o projeto da universidade se distancia das ações e projetos das elites campistas do latifúndio e da produção baseadas na cana-de-açúcar.

Com a ajuda desta equipe, não só compusemos o corpo docente inicial da UENF como também a seleção de diversos cientistas estrangeiros do mais alto nível, que proximamente estarão integrando também o quadro de docentes da UENF. Eles virão principalmente da Rússia, porque lá existem, hoje, uma vasta disponibilidade de cientistas altamente qualificados e predispostos a vir par o Brasil. Dentre eles, destacam-se os seguintes

⁴⁷ Entrevista realizada com o professor Dr. Carlos Eduardo de Rezende em 04 março de 2019.

⁴⁸ Por exemplo, desde a criação da UENF um grupo de professores russos será convidado par ministrar aulas na universidade. Além deles, dezenas de professores latino-americanos também vem lecionar na universidade do Darcy, até porque dado que Ribeiro esteve presente em diversos países latino-americanos quando do exílio da Ditadura Militar, ele conhecia muito esses países e possuía uma certa notoriedade com suas publicações e experiências como docente.

pesquisadores: Prof. Wladimir Poliakov / Prof. Andrei Potionkim / Prof. Serguei Marashov e Prof. Boris Samerin – INSTITUTO DE AÇÕES E LIGAS DE MOSCOU; Prof. Wladimir Blinov / Prof. Andrey Pokrovsky / Prof. Profa. Nina Feyduk / Prof. Eugene Agapov / Prof. Valery Bakayev / Profa. Ludmila Perelyginna / Profa. Elena Kaminskaya e Profa. Marina Sukoyen – INSTITUTO VECTOR; Profa. Reisa Botenko / Prof. Alexander Vershimin / Profa. Nadeszda Dmelianchute / Profa. Natalia Katreva / Prof. Alexander Pogov e Profa. Ludimila Malysheva – INSTITUTO DE FISILOGIA VEGETAL DE MOSCOU. (RIBEIRO, 1993a, p. 40-41).

Sobre isso, argumenta Smirdele

Os quadros seguintes, baseados em informações fornecidas pela Gerência de Recursos Humanos (GRH) da Uenf em agosto de 2004, informam o perfil do corpo profissional vinculado à Uenf 11 anos após sua implantação. No que se refere aos docentes (professores doutores do quadro permanente, titulares ou associados), acentua-se a presença de 17,25% de estrangeiros (tabela 2). Mesmo sendo os brasileiros maioria (82,75%), nota-se que a maior parte dos docentes da Uenf é originária de outros locais que não o estado do Rio de Janeiro. Somando-se os estrangeiros aos naturais de outros estados brasileiros, a proporção é de 60,77% (tabela 3). (SMIDERLE, 2004, p. 73)

Segundo o informador Ricardo Andrade Pohlmann — técnico de nível superior da Universidade, figura encarregada de acompanhar os primeiros passos dos indivíduos de outras nacionalidades atraídos pela instituição —, a Uenf chegou a abrigar num mesmo momento entre 112 e 115 estrangeiros (em sentido estrito). Por ocasião da realização da entrevista concedida a esta pesquisa (26/03/04), havia pouco mais de 70 estrangeiros na Universidade, na maioria (44) professores e, em menor escala, pós-graduandos. A julgar pelos dados obtidos junto ao informador, a adaptação dos estrangeiros ao cenário de Campos se teria dado “de uma maneira muito natural”. Conforme seu depoimento, os russos são sempre muito abertos e interagem com quem quer que seja; os peruanos, que geralmente vêm para fazer pós-graduação, acabam ficando e constroem uma “íntima relação com o Brasil”; os cubanos têm um pouco mais de dificuldade, apegados que são à própria cultura; já os europeus ocidentais têm tal capacidade de adaptação, que pouca diferença faria estarem em Campos, na França, na Inglaterra, na África ou na Ásia. (SMIDERLE, 2004, p. 102).

Um outro elemento importante no projeto de Darcy Ribeiro sobre a UENF e sobre a universidade do terceiro milênio em si refere-se à possibilidade da UENF possuir uma Escola Normal Superior e uma Escola de Professores. Segundo Darcy

*A Escola Normal Superior*⁴⁹ será um CIEP ampliado, para 500 alunos de 1ª a 5ª série e para 100 professorandos estudando e trabalhando em regime integral. Ali se formarão tanto no nível teórico como no prático, pelo treinamento em serviço. Esta mesma Escola tratará também do ensino e das práticas educativas concernentes ao pré-escolar e à educação infantil. Cabe a ele, ainda, ministrar programas para o aperfeiçoamento do magistério e para os Cursos de Madureza. *A Escola de Professores*⁵⁰ funcionará também em regime de tempo integral para alunos e professores. Se assentará num Ginásio Público para 500 alunos, de 6ª a 8ª série e de 1ª a 3ª do nível médio. Também ela se dedicará a cursos de aperfeiçoamento do magistério de nível médio e à pós-graduação. Outro encargo da *Escola de Professores* é o preparo do magistério para o ensino técnico. Contará, para isso com uma *Escola Técnica* implantada em colaboração com o SENAI, encarregada de

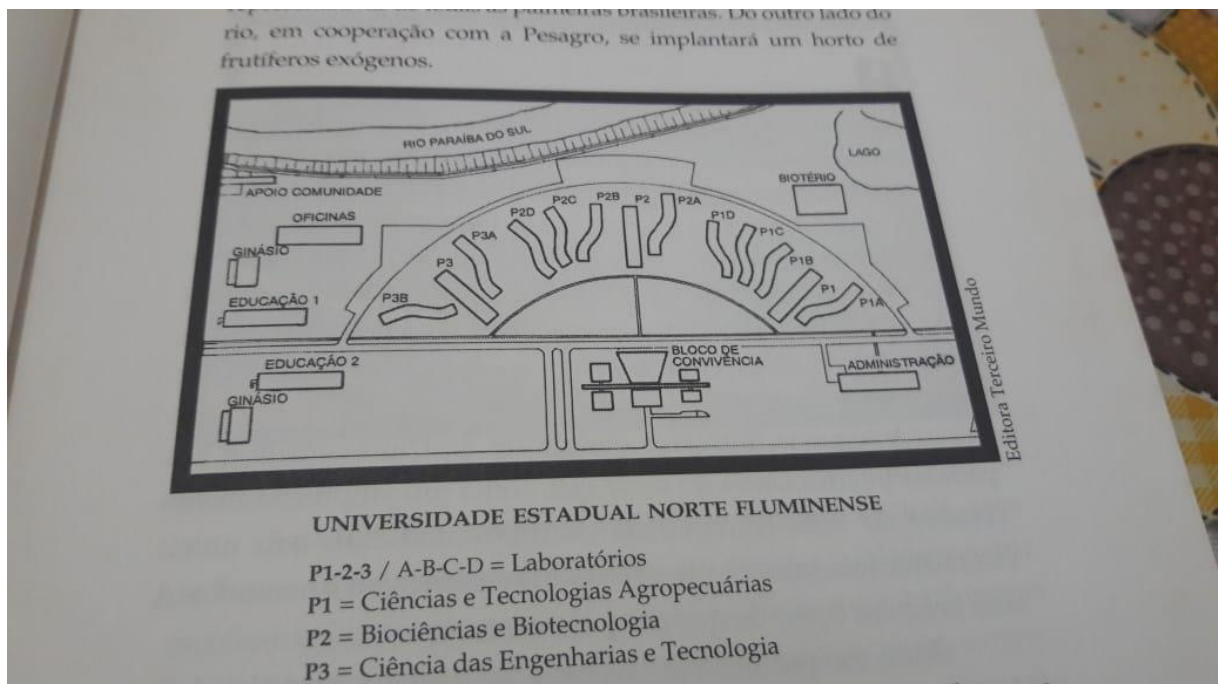
⁴⁹ Grifo do autor.

⁵⁰ Grifo do autor.

dar cursos técnicos tanto aos alunos da universidade como ao seu próprio alunado, em cursos mais longos, de nível primário e médio (RIBEIRO, 1993b)

Dentro do plano para a UENF e a Campos dos Goytacazes e região darcyniano de transformação social, econômica e acadêmica se inseria uma nova forma de pensar a educação que passava pela discussão do currículo, da reorganização da escola visando o horário integral, a práxis docente ensino e pesquisa, teoria e prática, formação teórica e profissional. Não que os planos de Darcy Ribeiro para a educação sejam novos. A título de lembrete, ele foi um dos responsáveis pela criação da UnB (Universidade de Brasília) e seu primeiro reitor. Além disso, nos anos 1980 tinha sido secretário de educação do estado do Rio de Janeiro quando Leonel Brizola foi governador, e o grande idealizador dos CIEP's (Centro Integrado de Educação Pública), projeto inovador de ensino básico que além das aulas do currículo básico, ofereciam oficinas e aulas no contra turno e uma série de projetos e atividades educacionais diferenciadas.

Figura 29: A UENF segundo o projeto de Darcy Ribeiro



Fonte: RIBEIRO, 1993a, p. 19.

No plano de Darcy Ribeiro e dos formuladores e idealizadores da UENF, haveria uma projeção de integração UENF-comunidade muito grande, tanto do ponto de vista acadêmico universitário, mas também ligado ao Ensino Básico, com o funcionamento de uma escola de aplicação de mais de 1000 alunos.

Com a UENF o Governo Leonel Brizola, movido pela mesma preocupação, se alça ao nível superior. Ao fazê-lo, solicita da nova Universidade que dê especial atenção às tarefas da educação pública, convertendo-se, ela própria, num centro dinâmico de renovação e modernização das linhas de formação e aperfeiçoamento do magistério brasileiro. A UENF retoma, deste modo, outra ambição incumprida da Universidade de Brasília, que, iluminada pela sabedoria de Anísio Teixeira, começou a criar um novo modelo de Faculdade de Educação que forçasse nossas universidades a fazerem, pela educação primária e média, o que fazem já pela medicina e engenharia. Vale dizer, operar como um núcleo de pesquisa, de experimentação, e de formação de toda sorte de trabalhadores da educação. (RIBEIRO, 1993a, p. 22)

Sobre isso, expressa-se o professor Carlos Eduardo de Rezende

[...] se tem uma coisa eu sinto falta, uma coisa que a gente não conseguiu fazer foi uma escola aplicação, pra poder formar, quando...Quando nós viemos pra cá eu tinha um sonho dos meus filhos não terem que estudar em escola privada, que eles pudessem ter o ensino essa é a proposta de ter uma escola de aplicação, porque nos moldes como era no passado (REZENDE, 2019).

Sobre o funcionamento da universidade e sua organização, afirma Petreski

Não tenho a maior ilusão que terá um colégio de aplicação, a gente já tem o pré-vestibular social. Eu acho que a universidade foi criada pra ser um centro de pesquisa, originalmente, os curso de graduação eram um mal necessário, a universidade foi fundada aqui em campos, e esse era um dos motivos que eu rejeitava, porque Campos é o segundo maior colégio eleitoral e o pessoal queria voto pro garotinho. Se eu fosse escolher um lugar pra fundar uma universidade, eu colocaria fluminense ou bom Jesus, meio barro, meio tijolo. Acabou se tornando um centro de ensino universitário, os cursos de licenciatura ser mais, são mais, preferido, essa é a palavra, eu fui coordenador da licenciatura na década passada, por 4 anos. E cara era uma dificuldade, poxa, brigava, briguei com um monte de gente, porque a galera não queria dar aula a noite, o curso é noturno, na época não tinha essa...PQP velho. Mudou a sala pra cá. Não botou ar condicionado, cara, tu entra pra dar aula na sala, fundamento da computação, um calor fudido, você tem 20 máquinas, 30 alunos, numa sala que não tem ar-condicionado. Quais são as prioridades da universidade? Pesquisa primeiro lugar, Ensino em segundo lugar, formação de professores vem em terceiro". (PETRESKI, 2019)

A expectativa de que uma nova instituição com um novo projeto educacional pudesse transformar a experiência didática e as vidas de estudantes e professores se perdeu. Uma problematização possível é se, de fato, os estudantes desta Escola de Aplicação e Ginásio seriam oriundos das comunidades ao redor da UENF ou se seriam filhos de professores e funcionários. Não foi possível definir isto com base nos dados obtidos nos textos de Darcy Ribeiro sobre os projetos da UENF (RIBEIRO, 1993a; RIBEIRO, 1993b). Não foi possível pesquisar os motivos da não consolidação da Escola de Professores ou a Escola Normal Superior, mas apesar disso, percebe-se na fala do interlocutor a decepção com o projeto inacabado, e a percepção de que hipoteticamente a interação entre Portelinha e UENF poderia ter tido caminhos completamente diferentes e a UENF poderia ter desempenhado um papel diferente e decisivo na estrutura social, cultural e profissional do Matadouro/Portelinha.

3.3. A relação entre UENF e o entorno até a crise de 2016

Se a relação da universidade com a elite intelectual da cidade não foi sempre pacífica ou menos conflitiva como agora, a relação da UENF com o entorno guarda algumas especificidades interessantes. Infelizmente não consegui fotos da UENF dos anos 1990, mas os relatos dão conta de que desde sempre a universidade sempre esteve aberta à comunidade do entorno.

Nem eu sei como a coisa aconteceu, mas tiveram algum marcos interessantes, mas quando a gente fez a tela em volta da universidade, a universidade era totalmente aberta a parte de trás. A parte da frente era fechada tinha uma tela, mas a parte de trás não tinha, então era transito livre, como sempre foi. Porque isso aqui antes de ser a UENF, era um terreno baldio, cheio de capim, essa figueira ali sempre existiu as pessoas sempre fizeram festas ali, gente que cuida do jardim, falando que que dançava forró embaixo da figueira. Isso era parte da comunidade deles, um espaço que eles ocupavam, botando bicho – que tem muita gente que tem cabra e cavalo –, durante a construção a gente conviveu com isso. Tem até um caso de que teve um professor que caiu e tinha uma corda e a corda enrolou na perna dele e quebrou a perna porque o cavalo saiu andando arrastando ele. Nem sei se é verdade, mas esses animais sempre nos incomodaram muito, a mim particularmente, porque fui eu quem plantou as árvores, no estacionamento, o estacionamento do CBB foi o primeiro a receber essas arvores, a UENF plantou, no dia seguinte já não tinha mais folha nenhuma, as cabras comiam as folhas e isso sempre me incomodou muito, metade delas ficaram e cresceram, a outra metade a gente foi plantando, eu chamava o CBB e a gente plantava, porque não adiantava só plantar, tinha que colocar a proteção. A gente botou a proteção ai vieram os filhotes de cabra e vieram e enfiavam a cabeça entre a grade e comia tudo, então isso, quando veio a grade, eu achei interessante, mas professor nossos aqui, que é professor emérito, Wilmar⁵¹ vai fazer 90 anos, e está ligado a pós- graduação, ele ficou uma arara, achou um absurdo, separava isso da comunidade, a universidade deve ficar preocupado com todo mundo, e isso foi uma coisa que ficou no registro, e outra coisa é que as crianças sempre tiveram aqui... (DAMATTA, 2019).

Logo no inicio, A UENF começou sem muros, não tinha muros. Então aqui, no jardim, no gramado da UENF pastava cavalo, tinha tudo aqui dentro. Então era uma coisa complicada, às vezes vinha porco pra cá. Então o muro foi uma opção mais, não era nem para as pessoas não passarem pela UENF, tanto é que os muros ficaram com algumas lacunas entre eles para as pessoas passarem, o objetivo era tentar evitar que animais ficassem circulando, porque até questão de higiene, nessa área de animal. (REZENDE, 2019).

Uma das questões que chama a atenção no relato dos professores é essa dimensão de uma universidade do Terceiro Milênio numa sociedade e numa cidade ainda com fortes laços sócio-históricos com estruturas como a segregação racial e social surgidas a partir do latifúndio da cana-de-açúcar. As comunidades no entorno da universidade ainda possuíam uma série de atividades econômicas e mesmo de

⁵¹ Referência ao professor Doutor Wilmar Dias da Silva, professor emérito do CBB.

relação com a terra e a região onde moram que remontam ao século XIX e início do XX, ou seja, atividades agrícolas e de pecuária que exigiu dos gestores uma série de negociações e de compreensão de que o espaço e a região em que a UENF foi instalada já possuía uma dinâmica própria de uso do terreno e de circulação⁵².

[...] a primeira vez que eu vim à UENF já instalada, em 94 quando vim, com doutorado, vim visitar meus pais, enfim, vim a UENF fazendo os primeiros contatos, como estava funcionando e o que ocorria, que eu percebia, não havia muros e nem grades. Foi exigência posterior do tribunal de contas, os animais circulavam aqui. As pessoas passavam pelo caminho mais fácil, o terreno vazio é da mesma proprietária, foi uma desapropriação, inclusive todas essas partes do terreno, é da família herdeira, Cardoso, uma gleba pertencente a uma família, enfim foi desapropriado, pra implantar a UENF. Era todo aberto o terreno, caminho natural, uma trilha, as pessoas faziam, tudo [...] os animais que era uma característica interessante, anedotas inclusive, histórias não verdadeiras, que eles subiam as rampas. Os mais antigos diziam, enfim, então era assim um espaço integrado, mas sem os muros havia uma circulação, as pessoas passavam de bicicleta, a pé, como caminhos até chegar as comunidades. (PEIXOTO, 2019)⁵³

Segundo o relato dos entrevistados, não foi possível apresentar grandes transformações na interação entre os moradores do entorno e a UENF. Nas falas, sobressai a visão de que as relações se alteram com a crise de 2016. Não foi a única crise, por certo, mas segundo os relatos esta foi diferente.

O que a gente faz aqui é geração de conhecimento, então não necessariamente vai ser aplicado imediatamente. Então isso tudo afastou a UENF da sociedade, e isso só foi quebrado bem mais tarde. Então eu tô relatando isso justamente porque a sociedade sempre nos viu como seres extraterrestres, metidos e que não queriam se relacionar com a sociedade, isso num primeiro momento, era bem característico. Hoje em dia já não é mais. Até porque nessa última crise que nós tivemos, e foram várias, a pior é sempre a última. Mas realmente parece que essa última pegou pesado. A gente teve crise todos os anos, impressionante, de 2 em 2 anos a gente teve crise. No início a gente achava que ia fechar a universidade, eu casei e vim, comprei o apartamento quando teve a primeira crise, que tiraram o reitor, então o Vanderlei queria que a gente voltasse pro rio, “eu vou arrumar lugar pra todo mundo no Rio.” Poxa acabei de comprar meu apartamento, não quero isso, não quero ir pro Rio de Janeiro, quero fica em Campos. Então eu vivi esse drama todas as vezes, mas o nessa última crise a gente chamou muito a cidade, inclusive os empresários, vieram aqui, fizeram manutenção, 0800, a gente entrou em contato com jornais pedindo ajuda pra fazer eventos, a Folha da Manhã [jornal] por exemplo, eu tive esse contato ai a pessoa falou comigo: “agora vocês estão procurando a gente, agora que vocês estão mal vocês procuram a gente né...” (DAMATTA, 2019)

Esta leitura sobre o contexto do ano de 2016 e a crise de 2016 ser diferente das outras é compartilhado pelo professor Leonardo Miguel.

⁵² Esse relato das atividades rurais que eram praticadas pelos moradores no entorno e mesmo dentro da UENF se completa à fala da Dona Márcia descrita no item 2.4.2.1 sobre as brincadeiras e sobre as atividades que se faziam na região antes da chegada da UENF.

⁵³ Entrevista realizada com a professora doutora Teresa Peixoto no dia 03 de abril de 2019.

[...] quando [a circulação das crianças da Portelinha] começou a se tornar um problema, depois a gente vai falar que tipo de problema, ou seja, Que chamou mais a atenção negativa lá por volta de 2016. Que eu me lembre foi em 2016. Coincide com a greve a crise. Só que eram, óbvio, com outras crianças e tal, outros meninos e esses ficavam até maiores e já eram mais marrentos, ficavam pedindo dinheiro, e ninguém dava dinheiro mas aí eles ficavam rondando (MIGUEL, 2019).

A universidade desenvolveu trabalhos de extensão, visitas técnicas de observação e estudo das questões ambientais no entorno mas a circulação de moradores e em especial de crianças e jovens pelo espaço da universidade é reduzido e bem localizado segundo os relatos que obtive. Infelizmente, por questões de tempo, de espaço, de dificuldade de acesso a dados e relatórios e de entrada no campo, não foi possível explorar todos os projetos de extensão que a Universidade desenvolveu nesses 25 anos, mas a narrativa dos entrevistados dá conta de que até 2016 a presença da comunidade na UENF era reduzida, embora a relação entre UENF e Portelinha não o seja. Um dos trabalhos de Extensão na comunidade da Portelinha que merece destaque é o de prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's).

No ano de 1999, iniciou-se um trabalho envolvendo as áreas de educação e saúde na comunidade do Matadouro em Campos dos Goytacazes, contando, inicialmente com a parceria da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ e, posteriormente (ano 2000) com a Prefeitura de Campos dos Goytacazes, por meio da Secretaria Municipal de Saúde/Programa Municipal DST/AIDS. A escolha da comunidade do Matadouro foi motivada pela proximidade da mesma ao Campus Leonel Brizola da UENF. Através do contato com os moradores, começou a se delinear um trabalho que se voltaria à formação e à atuação de multiplicadores de informações sobre a prevenção das DST/HIV/AIDS na referida comunidade. Já nessa época, a proposta ganharia fôlego trazendo à tona pontos de partida atualmente ainda caros à extensão universitária: não se esquivar de constituir tendo por apoio o tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, expressão das funções primordiais das Universidades atualmente, e, por outro lado, não se focar numa proposta assistencialista. Nesse sentido, ao manter um contato direto com a comunidade, por meio da Associação de Moradores, houve aceitação do projeto, tendo em vista as informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis, o que segundo seu presidente só traria benefícios à própria comunidade. O grupo do projeto define uma primeira estratégia que se volta a tentar conhecer vários aspectos sobre a comunidade que, até então, não possuía quaisquer estudos acadêmicos ou pesquisas divulgadas sobre a mesma. Percebeu-se, então, que o ponto de partida seria a realização de uma pesquisa ampla sobre a mesma, o que possibilitou uma maior aproximação com as mulheres residentes no Matadouro. A aplicação de questionários, que totalizaram um número de trezentos e quarenta, nos lembra Barros (2009, p.120-121), possibilitou não só o levantamento de dados sobre a comunidade, mas também “a escuta de depoimentos das pessoas envolvidas na pesquisa, com suas histórias de vida e representações, momento em que contamos com a participação de adolescentes, jovens e adultos”. As fotos (Figuras 1 e 2) expressam esse momento de contato com os moradores. (PINHO; BARBOSA; GASTOS; GALITO. 2015, p. 84-85.)

Figura 30: Projeto de Extensão de prevenção a DST's na Portelinha/Matadouro



Fonte: PINHO, BARBOSA; GASTOS. GALITO, 2015, p. 85.

Através dos projetos de extensão, como os referenciados acima, os professores e estudantes da Universidade promoviam ações que visavam levar às comunidades do entorno o conhecimento acadêmico produzido dentro dos muros da UENF e os valores que desde Darcy Ribeiro se imaginava e projetava para a instituição – Ensino, Pesquisa e Extensão e atenção crítica aos problemas reais do Brasil, no nível macro e de Campos dos Goytacazes e das comunidades do entorno no nível micro. O contato da comunidade com a instituição não é recente, embora tenha sofrido uma alteração sensível com o ambiente crítico causado pela crise de 2016. Essa é a visão de vários dos entrevistados. Antes de explorar as transformações que a crise de 2016 trouxe para o dia-a-dia da interação entre estudantes, professores e os moradores da Portelinha, abordarei algumas questões sobre o tema da juventude e infância em periferias no Brasil. A seguir, explorarei os projetos de Extensão da UENF realizados com este público e por fim apresentarei e discutirei as questões ligadas à dinâmica de circulação na UENF pelos meninos da Portelinha.

3.4. Juventude e infância na Portelinha

Durante o trabalho de campo e mesmo antes da pesquisa ser iniciada, tanto dentro da UENF quanto fora uma coisa que me chamou muito atenção: a circulação das crianças pelo entorno da UENF. Como seria a socialização desses meninos e meninas no contexto da Portelinha e da UENF? A partir do problema social dado, isto é a pobreza, a desigualdade social e o preconceito de classe e de cor, buscou-se elaborar um problema sociológico que refletisse a interação e as representações em conflito sobre o espaço da universidade. Ao mesmo tempo, desde meus primeiros momentos no Campo na Portelinha em 2017, via uma grande quantidade de jovens e adolescentes que não trabalhavam, ficavam circulando pela Portelinha conversando, bebendo, buscando ou usando drogas e ouvindo música. Claro, os indivíduos são livres para fazerem suas escolhas e se não julgam importante ter um trabalho ou ofício em um dado momento da vida, não cabe julgamento de valor. Não é objetivo do texto definir qual deve ser a ação dos indivíduos, mas com um contingente tão grande de jovens que nem trabalham, nem estudam, como eles contribuem com o sustento de suas casas ou de si próprios? Como essa juventude negra poderia sobreviver e viver sem condições financeiras adequadas?

Segundo Ariés (1981) o que se entende por Criança e adolescente não foi o mesmo ao longo das épocas. A partir de uma análise de longa duração, Ariés defende que os sentidos da infância e da adolescência foram se alterando entre o período medieval e moderno. Estas mudanças teriam se operado em vários sentidos. Desde a constituição de um espaço temporal de ser criança, dado que até então as crianças que deixavam de depender biologicamente de suas mães já eram absorvidas aos mundo dos adultos, até significados metafóricos e simbólicos para a criança, o Anjo, a pureza, a inocência foram sendo constituídos para elas (ARIÉS, 1981). Outro ponto interessante da constituição da criança, e da família por consequência, é a formação de uma afetividade própria à família medieval e moderna.

É importante observar que no fim do século XVII essa 'paparicação' não se limitava apenas às pessoas bem nascidas, as quais, ao contrário, sob a influência dos moralistas começava-se a abandoná-la. A paparicação também era denunciada entre o povo [...] as crianças dos pobres eram especialmente mal-educadas. [...] É entre os moralistas e os educadores do século XVII que vemos formar-se esse outro sentimento da infância que estudamos no capítulo anterior e que inspirou toda a educação até o século XX. [...] Dizia Balthazar Gratien: "Só o tempo pode curar o homem da infância

e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos” [...] As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas de tempos em tempos s comovem e as conquistam. (ARIÉS, 1981, p. 163).

Uma outra característica poderia ser percebida na transformação do comportamento familiar e de papel e espaço para as crianças: o papel exercido pela escola neste processo. Segundo Ariés (1981) a escola simboliza uma passagem de reflexão em que as crianças são inseridas rapidamente ao universo adulto para um momento em que são afastadas e postas em grupo em espaços produzidos e organizados para que elas se desenvolvam separadamente. Para além disso, a escola vai se constituindo no espaço primordial de erudição e crescimento intelectual. Por esses dois motivos as famílias modernas reproduzem a noção de que a escola é o principal instrumento de entendimento e de inserção no mundo. Além desta representação familiar, outra possível reflexão sobre a família é baseada naquela produzida e organizada em espaços rurais ligados á produção de cana-de-açúcar. Tradicionalmente representada pela presença e ação do patriarca, a família patriarcal possui em seu núcleo a dimensão da ordem e do respeito às hierarquias sociais.

A sociabilidade existente se dá a partir da autorização paterna e materna, mas sobretudo paterna, e o lugar da criança nessa família é o do desenvolvimento intelectual, artístico e físico visando a preparação para administrar as posses dos pais. As mulheres nesse modelo societal tem a função de reproduzir os comportamentos, dar herdeiros e cuidar deles até a fase adulta. Mesmo a família modelo difundida nos filmes e séries dos Estados Unidos no pós-II Guerra, a família do “American Way of Life” – formada por uma mulher branca de cabelos loiros e sempre bem produzidos, um pai que se despede dos filhos e esposa com maleta e paletó e vai para o trabalho de carro e os filhos todos engomadinhos e arrumados para que o “bus scholar” os pegue – não acha lugar no imaginário do pesquisador quando se depara com as experiências e narrativas do campo. Os arranjos que me foram narrados são diferentes.

Quando se olha as experiência narradas e observadas no campo na Portelinha não se pode recorrer nem a um exemplo ou modelo, nem a outro. Do que foi possível conhecer com as visitas ao campo e entrevistas, muitas das famílias na Portelinha possuem um arranjo bem diferente: famílias formadas apenas por mães ou avós ou pelas duas – seja porque os pais estão cumprindo pena em regime fechado, seja

porque foram mortos ou não assumiram/registraram os filhos – mais de uma família que vivem juntas em um mesmo apartamento, famílias compostas por pais e filhos tidos de outros relacionamentos, grandes famílias compostos pelos avós, mãe/pai e filhos, irmão/tio, cunhada/tia, sobrinhos/primos. As dimensões que atravessam todas essas experiências familiares é o fato de serem famílias muito pobres, cujo corte racial é perceptível, ou seja, todos pretos ou pardos e que estão ou no subemprego ou desempregados. Um dos interlocutores que estabeleci contato desde 2017, Pedro, me informou que aos 35 anos já era avô de um menino. Esse senhor trabalhava em uma empresa de trigo na região da UENF mesmo e era comum encontra-lo terça de manhã já alcoolizado. Alguns vizinhos e conhecidos o advertiam para não “brincar no serviço” ou “dar mole” porque ele havia perdido o último emprego por algum “vacilo” que teria dado, ao que ele dizia “estar tranquilo.” Quais as condições reais desta família de prosperarem e produzirem significados e condições de educação e capacitação profissional que garanta ao neto do Senhor Pedro (meu interlocutor) uma qualidade de vida maior na medida em que seu pai – filho do senhor Pedro – não trabalha nem terminou os estudos e seu Pedro com o salário mínimo que recebe sustenta mais de 5 pessoas em casa?

Recentemente em visita à Escola Municipal Francisco de Assis, fui informado por funcionários da escola de um aluno cujo histórico familiar é o avô preso, o tio assassinado, o pai preso e sua mãe tendo que “se virar” para dar conta de tudo dentro de casa. Estas famílias são pauperizadas pelo sistema econômico desigual em que se inserem, possuem baixa qualificação acadêmica e mesmo profissional, em certos casos, para buscarem maiores salários no mercado de trabalho, são estigmatizados por residirem na Portelinha e se encontram em estado, na prática, de abandono pelo Estado em termos de políticas públicas efetivas de rompimento das condições de exploração, desigualdade e pauperização.

Esse é o diagnóstico e o prognóstico que Cardoso (2014) faz sobre o caso da “geração nem nem⁵⁴”. Segundo a argumentação de Cardoso, o fenômeno da geração nem nem não é novo, mas ganhou contornos diferentes nos últimos anos. Houve uma pequena redução na porcentagem de jovens nesta condição, destacando-se que as

⁵⁴ A OCDE utiliza o acrônimo NEET (Neither Employed, nor Education and Training) para designar o fenômeno dos jovens que nem estudam, nem trabalham.

mulheres são as que mais sofrem com esta condição. Sobretudo em relação à juventude,

O acesso a estes recursos é desigualmente distribuído, claro, e um dos marcadores centrais dessa desigualdade é, justamente a idade. Mais ainda, quando se mira os mercados de trabalho e escolar. Mudanças sociais ocorridas num período específico não afetam da mesma maneira as diferentes gerações. Uma crise no mercado de trabalho que reduza de forma importante as chances de emprego dos mais jovens (como ocorre hoje na Europa e muito especialmente na Espanha e na Grécia) tem efeitos sobre todos, mas os jovens terão comprometidas suas chances de vida por muitos anos, provavelmente para o resto de suas vidas. (CARDOSO, 2014, p. 99)

A análise de Cardoso aponta para o fato de que a estrutura desigual da sociedade brasileira, reproduz desigualmente as consequências das crises e dos fracassos econômicos.

No Brasil, em decorrência no tempo da taxa nem nem de exclusão (que lhe confere um caráter estrutural) não produziu os mesmos protestos na Europa, em parte porque ela afeta mais as classes subalternas e as famílias mais pobres. E é exatamente por essa razão que os país não pode considerar normal ou aceitável que um em cada dez de seus jovens do sexo masculino entre 18 e 25 anos esteja fora da escola e do mercado de trabalho.⁵⁵ (CARDOSO, 2014, p. 116)

Faz-se necessário um conjunto de ações públicas e estatais de médio e longo prazo que visem oferecer oportunidades de inserção econômica e social destas famílias. Os projetos sociais são de fundamental importância nesse processo de mitigação dos efeitos da desigualdade e das mazelas sociais históricas em nosso país.

O fato de as taxas nem nem de exclusão serem muito mais altas nas famílias de baixa renda revela a importância de políticas de distribuição de renda, sejam os programas de transferência de renda condicional (tipo Bolsa Família), seja a política de valorização do salário mínimo. Essas medidas miram o curto prazo, isto é, dar acesso imediato ao mundo dos serviços públicos que as décadas de desinvestimento estatal acabaram transferindo ao mercado. [...] Políticas de estímulo à manutenção de jovens mais pobres na escola a partir dos 18 anos também são absolutamente cruciais. As políticas de cotas para estudantes em escolas públicas e negros no ensino superior podem ter esse efeito no médio prazo e devem ser intensificadas e universalizadas no território nacional. [...] No caso específico das mulheres jovens, é hora de se discutir a criação de creches nas escolas públicas do ensino médio. A incidência de nem nem em jovens de 15 anos com filhos é de mais de 70% e esse evento continuará cobrando seu preço no futuro destas adolescentes. Educação sexual é obviamente crucial, mas ela não parece ser capaz de evitar a gravidez precoce nas camadas populares. Uma rede local de creches públicas, oferecida pelas prefeituras, poderia cumprir essa função, dando prioridade para crianças de jovens em idade escolar. (CARDOSO, 2014, p. 117-118)

⁵⁵ É importante considerar que os dados foram produzidos durante 2012/2013. Provavelmente estão desatualizados.

Esse é um papel que a UENF poderia auxiliar. Como foi discutido anteriormente, o projeto da Universidade comportava uma escola de aplicação de mais de 1000 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao fim do Ensino Médio.

Retomando a discussão sobre as crianças, dada esta situação de emprego e trabalho da família e da ausência de um local onde eles possam ficar, estas crianças circulam pela Portelinha e o seu entorno desde cedo. Neste sentido, se fazem e se constituem como sujeitos na convivência fora de casa, muitas vezes na rua mesmo.

Segundo Castro (2001b), a criança participa do processo de produção e reprodução da cultura pelo seu agir, sua maneira de intervir no mundo, assim como os adultos. As ações são singulares e únicas, como formas de ser e de estar, e coletivas, na medida em que são contextualizadas e situadas histórica e socialmente. A ação põe em movimento outras ações, num processo de intervenção contínua e Permanente nos acontecimentos do mundo. A subjetividade da criança vai sendo construída a partir de suas ações, que reelaboram e recriam o que está ao seu redor. A criança traz um conhecimento consigo, marcado pela sua história, por isso, “não pode ser vista apenas como um receptáculo que recebe imagens de maneira acrítica” (Pereira, Cerdeira, Andreiuolo, & Souza, 2005, p. 115) e passiva. O cotidiano das crianças na favela é perpassado pelas redes de relações construídas na vizinhança, na escola, na família, entre outros. As oficinas realizadas com as crianças da Babilônia, analisadas neste artigo, evidenciaram que nessa favela elas se sentem seguras para perambular, explorar e conviver, nos diferentes espaços. Enquanto a casa remete ao polo dos adultos, em que as crianças se encontram submetidas às normas e regras familiares, os becos, praças e vielas remetem ao polo de convivência com os pares, onde elas podem construir suas próprias regras, mediante os jogos e as brincadeiras. As crianças ocupam a favela, marcando o seu território de domínio e transformando-o em um lugar (PERÉZ; JARDIM, 2015, p. 495)

Ao circularem pelas vielas, pelos corredores e pelas ruas do entorno da Portelinha, estes meninos e meninas vão constituindo um repertório próprio de como e o que é a cidade para eles e como eles se apropriam destes espaços. A cidade e suas construções, obras e aparelhos vai parecendo menos estranha, o que não quer dizer que ela se torne mais segura.

Percebemos que as crianças moradoras da Babilônia, ainda que permaneçam grande parte do seu dia em espaços institucionalizados, como na escola e no projeto de contraturno escolar, vivenciam o tempo livre fora de suas casas, brincando com outras crianças, ocupando os becos e os espaços comuns da favela. Elas possuíam uma rede de amizades, conheciam seus vizinhos e muitos deles faziam parte da sua família. Segundo um menino, “na vila, as crianças é tudo meu primo”, mostrando que havia uma rede afetiva e familiar da qual ele fazia parte na favela. Assim como Coelho (2007), observamos que a relação da criança moradora de favela com o espaço onde sua vida cotidiana se dá lhe assegura os sentimentos de segurança, liberdade e aventura, contribuindo para seu processo de enraizamento. A criança “busca experimentar todo o espaço que está ao seu alcance e se identifica nele mediante suas conquistas, descobertas e diferentes ações” (Coelho, 2007, p. 178). (PERÉZ; JARDIM, 2015, p. 497)

Sem dúvida alguma as crianças de periferia e favelas buscam experimentar o espaço disponível e se identificam com ele. Mas uma das hipóteses de trabalho que temos vai na linha contrária de interpretação apresentada por Coelho. Acreditamos que certos espaços funcionam como *espaços de infância*, na medida em que regras vivenciadas em outros espaços não funcionem ali e isto permita uma certa liberdade e segurança para circular e brincar com mais tranquilidade, ainda que não totalmente sem gerar conflitos ou contradições. Explorarei este tema adiante.

3.5. A Portelinha nos projetos de extensão da UENF

Como falado acima, não foi possível explorar todos os projetos de extensão desenvolvidos pela UENF no Matadouro/Portelinha. Entretanto, diante dos relatos dos moradores e de professores, foi possível estabelecer, pelo menos 3 projetos de extensão vinculados especificamente aos meninos que residem na Portelinha: o projeto desenvolvido pela prof. Teresa Peixoto Faria, o projeto desenvolvido pelo prof. Renato DaMatta e um projeto que não é mais desenvolvido pela UENF chamado “recreando”. A apresentação e discussão do projeto se dará a partir das entrevistas e algumas imagens.

3.5.1. Um espectro ronda a UENF: O projeto “Recreando”

Infelizmente não foi possível encontrar nenhum dado com fotos do Projeto Recreando, mas foi possível recontar ao menos em parte como funcionava o projeto. Até 2001 a UENF era administrada por uma fundação, a FENORTE – Fundação Estadual do Norte Fluminense. Esta fundação tinha como função cuidar de todos os processo burocrático-administrativos e econômicos da UENF.

E eu digo que isso só foi possível, porque poucas pessoas desfrutavam é, de total confiança do Leonel Brizola, e uma delas era o Garcia e a outra o Oscar Niemeyer. E as duas pessoas que estavam a frente deste grande projeto. E junto com eles vieram também uma senhora chamada Gilca Alves Weinstein, ela foi a presidente da Fenorte. Naquele momento, porque o Darci falava que os pesquisadores não tinham que lidar com burocracia e a fundação que depois mais tarde foi extinta. Ela iniciou muito bem o trabalho, mas depois no meio começamos a ter os conflitos, até que a UENF se separou e cada um ficou como pessoa jurídica e fazendo suas coisas, até que por fim ela foi extinta. (REZENDE, 2019)

Dentre as atividades desenvolvidas pelo projeto, foi possível encontrar um relato online de uma das coordenadoras do projeto.

Desde 2002 venho exercendo minhas atividades como Assistente Social da FENORTE com empenho e dedicação. Inicialmente coordenando o antigo Projeto Social Recreando na sede da UENF, período que tive contato com a comunidade do Matadouro, Goiabal, Tira-Gosto e adjacências. Depois, ainda no projeto, diretamente em atividades junto às crianças e adolescentes e as escolas. Com reuniões de pais, acompanhamento escolar junto as professores, e etc. Período em que foi possível ampliar o projeto com parcerias, com o projeto de extensão do CEFET (ônibus informática), com o Centro Social da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (atendimento odontológico), chegando o projeto a ir ao Instituto Airton Senna – São Paulo para curso de capacitação de seus monitores.⁵⁶

Segundo os relatos, o projeto Recreando era um projeto da Fenorte em parceria com a UENF e a prefeitura de Campos dos Goytacazes – além de outras parcerias como citada acima – em que se ofertava a alunos da rede municipal atividades extracurriculares no contra turno escolar. Estas atividades contemplavam desde reforço escolar até aulas de música e esportes.

Na primeira gestão da universidade sob a tutela da Fenorte, havia uma relação bastante integradora da universidade com a comunidade, que também é muito diferente do que vivemos hoje, o tráfico aumentou nesses últimos anos, não havia esse grau de violência. Havia marginalidade, pobreza, mas não estava contaminada pelo tráfico ou se havia era algo muito incipiente. Então há uma lembrança muito forte, de um projeto social, chamado Recreando, que foi uma marca muito importante da gestão de Garotinho sobretudo que foi o gestor dessa política toda, que teve um sucesso muito grande que até hoje é a lembrança mais significativa da participação da UENF. Foi abandonado, A instituição não retomou, que poderia ter sido uma coisa interessante, recuperar esse patrimônio, que foi construído com uma política pública e poder se apropriar disso e dar um sentido e começou a ter um negócio mais complexo em função do tráfico, e ai a universidade se afastou. (GANTOS, 2019)⁵⁷⁵⁸

O projeto Recreando foi desenvolvido em outro período histórico de Campos dos Goytacazes e da própria UENF. O relato de que o bairro era conformado de uma

⁵⁶ No texto a funcionária Rossana Florencio esclarece as atividades que desempenhou na FENORTE durante vários anos. Ver: <http://www.robertomoraes.com.br/2009/04/servidora-da-fenorte-presta.html> Acessado em 12/05/2019

⁵⁷ Entrevista feita com o professor Dr. Marcelo Gantos em 10 de Abril de 2019.

⁵⁸ Sobre um caso de sucesso do projeto Recreando e de como a memória dos moradores do entorno é positiva sobre o projeto: “Proximidade física e distância social: é assim que muitos enxergam a relação entre universidades públicas e comunidades carentes que vivem no seu entorno. Mas não foi o que aconteceu na vida de Verônica Sabrina da Silva Moço. Nascida e criada nos arredores do *Campus* Leonel Brizola, da UENF, ela acaba de se formar no curso de licenciatura em Biologia da Universidade. Filha de uma servidora terceirizada da área de limpeza, Verônica defendeu no início deste mês (03/08/12) sua monografia de final de curso: foi um estudo sobre o capim-limão (*Cymbopogon citratus*), espécie medicinal e aromática muito utilizada pela indústria de cosméticos. **A nova licenciada em Biologia sempre se interessou pelas atividades oferecidas pela UENF. Quando criança, participou do projeto ‘Recreando’, desenvolvido no *campus* pela Fenorte, e ali recebeu aulas de dança, violão, vôlei e inglês.** Durante todo o tempo, Verônica contou com o incentivo da mãe, Maria da Conceição Moço, que atua na UENF desde 2001, quando exercia o trabalho de agente multiplicadora. **Para construir sua trajetória, contou com outro instrumento oferecido no *campus* universitário: o Pré-Vest/UENF, cursinho gratuito criado especialmente para pessoas de renda mais baixa e que desde 1995 é tocado voluntariamente por ex-alunos da própria UENF.**” Ver: <http://www.uenf.br/publicacoes/informativo-da-uenf-23-08-12/> Acessado em 12/05/2019

outra forma, com menos presença das facções criminosas, do tráfico e do consumo de drogas de que a própria existência de recursos era mais abundante, explica em parte o sucesso do programa.

[...] os vizinhos cobram muito e tem um projeto que é referência. A Fenorte era nossa fundação mantenedora, tinha um projeto chamado Recreando, referência até hoje com a pessoas até hoje, Frequentavam aqui, quando cheguei em (19)99 ainda funcionava, pra conquista da nossa autonomia. Era uma fundação que dinheiro não era um problema, você poderia ter uma equipe paga, contínua, pra fazer um trabalho com as crianças. Era muito bom, poder fazer isso de maneira regular, com recurso, com pessoas [...] (PEIXOTO, 2019).

Além das questões orçamentárias, o prof. Marcelo Gantos apresenta um cenário diferente que deve ser considerado: o fato de que diversos funcionários da região do Matadouro/Portelinha trabalhavam como terceirizados na UENF. Isso traziam como consequência uma presença da comunidade na UENF e uma facilidade em lidar com problemas e eventuais situações que surgissem. A interação da comunidade com o a universidade permitia discutir e resolver os problemas muito mais facilmente. A partir do momento em que a Universidade se fechou em si mesmo e a comunidade sofreu alterações na sociabilidade e formação social, esse processo se perdeu.

Não havia vandalismo, pelo contrário, havia uma civilidade muito boa, e ai lamentável que se tenha perdido. Foi possível construir, mas a degradação da comunidade, a violência. [o projeto Recreando] Foi bancado pela prefeitura em parceria com a Fenorte, a prefeitura, era todo um campo de políticas social populista, mas que funcionava aqui. Nasceu aqui na casinha Recriando, que estava vinculado a Fenorte que contratava (..) Havia uma relação de tutoria e tudo, então a gente não falava de dinheiro aqui, se solicitava, E a Fenorte funcionava como nossa mãe assim. (GANTOS, 2019).

Após a separação da FENORTE e da UENF, com as duas instituições tendo suas atribuições autonomamente divididas, o projeto não teve continuidade.

3.5.2. A Capoeira na UENF

Outro projeto que teve destaque quando das entrevistas foi o projeto da Capoeira na UENF coordenado pelo professor Renato DaMatta. Segundo ele,

Está acontecendo neste domingo (21), no Centro de Convenções da Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF), o 6º Festival da Arte Capoeira. O evento reúne mestres capoeiristas dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Sergipe e tem o apoio da Fundação Municipal Zumbi dos Palmares, como parte das atividades de celebração da Semana Nacional da Consciência Negra. O coordenador do evento é mestre Ioclebio Valério Ferreira, o Peixinho, que recebe homenagem pelos seus 30 anos como capoeirista, 15 anos como professor de capoeira da

UENF e pela realização de 32 campanhas sociais em parceria com a universidade⁵⁹.

Figura 31: A Capoeira na UENF



Fonte: retirada de sítio na internet⁶⁰

As atividades da Extensão da Capoeira se iniciaram em 1995 e tiveram uma série de desafios tanto institucionais e legais quanto aqueles ligados a espaço e aceitação social.

O início da capoeira na Uenf foi formalizado com pedido verbal do professor Carlos Peres ao então diretor do Centro de Biociências e Biotecnologia (CBB), professor Issac Roitman no 2º semestre de 1995. Na UENF, a capoeira foi praticada inicial - mente na sala 109 do Prédio P2. Essa sala de aula era grande e tinha colunas no meio; após obter a chave com o vigilante do prédio, as cadeiras eram empurradas e o treino realizado. Ao final do treino as cadeiras eram repostas no lugar. Esse procedimento nos aquecia e garantia a normalidade da sala de aula que virava, por algumas horas, o local de treino da capoeira. Nesse primeiro momento, a capoeira funcionou com regularidade, atraindo novos praticantes, como o então doutorando Renato Augusto DaMatta, desde os primeiros meses de treinos. Os treinos de capoeira foram ministrados na mesma sala até meados de 1998, quando a sala 109 do P2 foi transformada no Laboratório de Ciências Ambientais (LCA). Nesse momento, existia uma grande falta de espaço em toda a UENF, portanto os praticantes da capoeira entenderam completamente a transformação da sala 109 em Laboratório. (DAMATTA; SILVA, 2015, p. 106-107)⁶¹

⁵⁹ Ver reportagem completa: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=4713 Acessado em 12/05/2019

⁶⁰Ver:<https://www.google.com/search?q=capoeira+na+UENF&tbm=isch&tbs=rimg:CXKCtzU9vCkAlghyrc1Pbw pACoSCXKtzU9vCkAEQcu3 1P9 1k3k&tbo=u&ved=2ahUKEwjJ9d6puZXiAhV5GLkGHdpZBRIQIRx6BAGBEAO&ictx=1&uact=3#imgrc=4GHsO-sc-OceoM>: Acessado em 12/05/2019

⁶¹ Em 2014 a atividade chegou a ocorrer 4 vezes por semana. Ver: http://www.uenf.br/dic/ascom/wp-content/uploads/sites/4/2014/01/HOR%C3%81RIO_ESPORTES_site-1.pdf Acessado em 12/05/2019.

Segundo os professores coordenadores do projeto, os mais de 20 anos de projeto são de grande complexidade e de luta para que ele continuasse de pé. As pressões e disputas com a Fenorte e a pressão de uma Liga de Capoeira de Campos interferiram com a execução do projeto, que contemplava sobretudo estudantes e praticantes externos trazidos pelo mestre Peixinho.

A Universidade, sendo a função fim do complexo tinha que naturalmente liderar o processo de implantação e determinar os investimentos. Essa dicotomia administrativa só cessou quando a Uenf se separou juridicamente da fundação [Fenorte] em outubro de 2001. Nesse universo, a capoeira foi implantada. No período entre 1999 e 2002 (no auge da crise institucional) essa prática foi severamente “açoitada” pela imaturidade e dicotomia institucional que gerava desentendimento crescente, sugerindo fortemente uma falta de visão sobre a sua importância no complexo institucional. Como se não bastasse, a prática de capoeira na Uenf foi contestada por uma recém-criada “Liga Municipal de Capoeira” que infelizmente acabou acusando o Mestre Peixinho de “prática ilegal de capoeira”.

Apesar das dificuldades, tudo se resolveu no médio e longo prazo e atualmente a capoeira continua sendo uma atividade de Extensão na UENF, ainda que o professor DaMatta nem sempre inscreva o projeto no edital da universidade. Mas e os meninos da Portelinha? Segundo o professor Renato DaMatta

A média [de presentes] não é muito alta...Em torno de 5 crianças [da Portelinha] e 5 adultos, não é um grupo grande, e a gente as vezes junta muito e as vezes pouco. Tem a questão do horário que é de 19:00 as 20:00, e eles vem muito quando o Peixinho vai lá e chama eles e tem já o grupo que vai sempre. Tem 3 irmãos que vem muito, o menorzinho é o que vem mais. (DAMATTA, 2019).

Há no relato do prof. DaMatta alguns elementos que gostaria de explorar. A primeira questão que me chamou a atenção é a baixa presença de meninos da Portelinha. Uma característica que não está circunscrita apenas a esta atividade da capoeira é o fato da pouca perenidade da presença dos meninos nas atividades. Eles não tem uma presença constante na atividade e quando tem é sobretudo nas fases mais infantis e iniciais da adolescência. O horário pode também ser um complicador da presença deles, por ser mais tarde um pouco, mas também não explica tanto porque nesse horário é comum ver grupos de meninos circulando pela universidade ou jogando futsal nas quadras. Outros fatores que podem contribuir com essa infrequência seja o desinteresse nas atividades e compromissos outros como igreja e outras atividades noturnas além de outras explicações que não tive acesso.

Isso é uma dificuldade no tratamento com eles porque não se consegue uma efetividade da ação dado que a todo instante mudam os personagens, os atores sociais da interação.

Recentemente a gente colocou uma assistente social, justamente alegando esse problema da saída, quando a gente percebeu que eles saiam. O peixinho é muito chato também, cobra, conversa com eles, diz que eles tem que estudar, a assistente social está justamente para fazer essa Triangulação colégio, família, treino, capoeira, pra saber quem é quem... (DAMATTA, 2019)

Neste sentido, é importante refletir sobre a efetividade do projeto como um instrumento de extensão universitária e de transformação social para estes meninos e meninas. De que modo a capoeira poderia contribuir com o desenvolvimento destas crianças e adolescentes? Refletindo sobre isso afirma DaMatta

Mas é importante reconhecer as coisas boas, acho que temos reviver esse projeto [Recreando] agora, através da UENF, temos professor de educação física, temos quadra e piscina, temos os alunos que podem fazer o reforço escolar com essas crianças individual e a gente está tentando catalisar isso, não adianta só a capoeira duas vezes por semanas, mas se tivesse um programa mesmo, até com esse mesmo nome, e a gente tem os professor de educação física, futebol, natação, handebol basquete, capoeira, e dentro disso você coloca lá o período para ele fazer o dever de casa com os alunos de graduação, e oferece isso na graduação, “quem quer ser voluntario desse projeto?”, “Ajude uma criança da Portelinha”, e você virar tutor essas crianças, de repente é meio utópica, mas é uma coisa que tenho maturado, pensando me fazer isso, a pro reitoria de extensão, através no professor Olney, que é o Pro-Reitor de Extensão, está tentando fazer isso também, essa questão do esporte, mas não tem a questão do reforço. (DAMATTA, 2019)

Mesmo o professor DaMatta reconhece os limites potenciais do projeto da Capoeira. Isso porque as condições socioeconômicas dos moradores da Portelinha não são estruturadas na inexistência de respeito a ordem, à autoridade e aos comandos, mas sim num processo histórico de exclusão social que remonta ao início do século XX ou mesmo antes, na formação e estruturação da cidade de Campos dos Goytacazes sob as raízes escravocrata e latifundiária.

A capoeira não é só um esporte, é uma interação social, e isso ta publicado⁶², ela é socializante, uma hierarquia muito forte, e uma característica da luta, e toda luta você tem o seu mestre, que é o cara que luta melhor que todo mundo. E obviamente, luta melhor que todo mundo e tem respeito a ele. Todas as lutas são assim, acredita-se que essa hierarquia ajuda muito, esporte tem regras, quem faz esporte aprende sem perceber que está seguindo uma regra. Fica mais fácil seguir regras, então fica mais fácil saber o seu local dentro de uma hierarquia social, mas eles não ficam (DAMATTA, 2019)

Além disso, um outro elemento da análise do projeto de extensão da capoeira é a noção de hierarquia apresentada pelo prof. DaMatta. É possível perceber duas possibilidades de interpretação do elemento hierarquia social: tanto a hierarquia social no sentido de se entender qual é o seu lugar no mundo, como classe, como grupo, como parte do todo social, pensando com Durkheim; ou pensar hierarquia social como

⁶² Cf.: DAMATTA; SILVA, 2015.

a estrutura social política e econômica do circuito da cidadania. Posto de outra forma, a capoeira pode funcionar como um instrumento de inserção social das crianças da Portelinha na medida em que vislumbram a convivência com pessoas diferentes, adquirem autonomia e autoestima ao desenvolverem uma atividade lúdica e esportiva que é a luta, e pode ajudar a desenvolver uma consciência mais inteirada das diversas dimensões que constituem o eu enquanto ser social, isto é, o estudo, o trabalho, o lazer, os compromissos, os direitos e deveres. Neste sentido é fundamental que ações como esta permitam aos jovens e crianças um vislumbre de outras possibilidades, outros caminhos possíveis, formas de superar as desigualdades e se inserirem como cidadãos. Entretanto, a primeira interpretação é mais problemática. Isto porque a noção de hierarquia é muito cara a uma determinada interpretação da realidade que compreende que os indivíduos possuem lugares específicos predefinidos e determinados e que não se deve desrespeitar estas posições originais estabelecidas. Sobretudo em Campos dos Goytacazes, uma sociedade fruto da escravidão e do latifúndio, pensar a consolidação das posições sociais hierárquicas para as camadas mais pobres da cidade me parece um grande desserviço para a discussão sobre democracia e justiça social. Entendo claramente que a perspectiva adotada no projeto de extensão da capoeira é a primeira que discuti aqui: inserir os jovens da Portelinha no universo da cidadania plena e nas suas mais variadas acepções – preparação para o trabalho, o lazer e o desenvolvimento pessoal. Apesar disso, julguei importante demarcar isso num momento em que as estruturas políticas no país buscam legitimar desigualdades históricas e reafirmar, aí sim, determinadas hierarquias sociais que em nada contribuem com o avanço da democracia real e desejada.

Além de tudo o que foi discutido acima, antes de responder sobre a efetividade do projeto da Capoeira na vida e no desenvolvimento deste meninos, é importante pensar sobre o que é a própria atividade de extensão na universidade. Em que consiste, quais são seus pressupostos básicos? Quais são seus fundamentos éticos e objetivos programáticos? Essa é uma outra dimensão do problema das atividades de extensão: ninguém sabe muito bem o que deve ser feito e como dever ser feito, muito embora os professores sejam cobrados a desenvolver as atividades

Agora a universidade não pode se fechar ao seu entorno. Eu até entendo, eu entrei porque já estou na capoeira há muito tempo. O próprio projeto de capoeira, é trabalhoso de fazer, você tem que submeter, tem os relatórios, e a gente está aqui pra fazer pesquisa. Apesar de que na universidade você tem que fazer ensino, pesquisa, e extensão, e isso tem que ser indissociável. E aí você contar nos dedos quem faz os três, porque no fim das contas

poucos que fazem os 3. Pra fazer os três, você tem que ficar aqui 60 horas por semana. O que é reconhecido é a pesquisa, as pessoas são treinadas pra fazer pesquisa, tem edital que tem volume grande, submetem projetos de extensão, mas que são de pesquisa. Se fizer uma enquete na UENF ou em qualquer universidade brasileira, e perguntar Qual a diferença, o que caracteriza a extensão você vai contar no dedo, as pessoas que definem, as pessoas não se envolvem (DAMATTA, 2019)

Outro elemento importante da discussão sobre os projetos de extensão se dá com o elemento da pesquisa. Com uma universidade tão voltada para a pesquisa como a UENF⁶³, pensar projetos de extensão muitas vezes é visto como perda de tempo ou de energia que poderiam ser investidas em atividades que fariam a nota da avaliação da CAPES – Conselho de Aperfeiçoamento do Ensino Superior – aumentar e se reverteria em aumento de bolsas e de reconhecimento pelos pares junto à Academia. Além disso, muitos dos professores aproveitam a necessidade de extensão para reproduzir pesquisas acadêmicas de pesquisa que, ao invés de reconhecerem os saberes locais e sociais das comunidades do entorno da universidade ou de outros locais – como comunidades pesqueiras e outras – e estabelecerem um diálogo, se converte, apenas, em momento de experimentação das pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação e da graduação, visando a publicação e o desenvolvimento da carreira acadêmica mais do que atender às necessidades sociais, ambientais, culturais e etc, das comunidades em que se insere a universidade. Com isso, não se afirma que a universidade tem a obrigação de fazer assistencialismo, mas sim que ao produzir um dado conteúdo deve estar atenta às questões sociais e públicas colocadas no contexto. Quando esse trabalho é escrito, muito se questiona sobre a validade ou não do conhecimento científico, em especial das Humanidades, e uma forma de garantir a legitimidade do conhecimento acadêmico é o diálogo com a

⁶³Damatta e Silva (2015) reconhecem esse caráter de pesquisa da universidade e elaboram uma reflexão resumida sobre as dificuldades da Extensão nesse cenário: “O caráter extensionista da prática de capoeira possivelmente não foi reconhecido na UENF por essa ser uma universidade centrada inicialmente na pesquisa (Lima e Alves, 2003: 28; SMIDERLE ; MUYLAERT, 2013: 24). Somente em janeiro de 2001 é que foi criada a Pró-Reitoria de Extensão. O reitor reconhece que a extensão institucional não existia (Lima e Alves, 2003: 104). No entanto, algumas práticas extensionistas vinham sendo praticadas de forma pontual, sem continuidade e dependentes dos laboratórios. Inclusive as atividades da UENF iniciam em Campos em cursos de extensão de curta duração ministrados no segundo semestre de 1992, principalmente na Fundenor (Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento Regional) (Lima e Alves, 2003: 43). Como a prática de capoeira na UENF se iniciou no segundo semestre de 1995, aproximando as comunidades da UENF com as da cidade e divulgando a capoeira, e teve continuidade até os dias de hoje, podemos concluir que essa é sem dúvida uma das primeiras práticas extensionistas da UENF e certamente a mais duradoura. Mesmo assim, sofremos o risco de ter nossas atividades cessadas inicialmente pela Fenorte e depois pela própria UENF. À prática da capoeira na UENF se soma ao esforço da comunidade dessa universidade em se aproximar da comunidade campista”. (DAMATTA; SILVA, 2015, p. 112-113)

sociedade. Enquanto a universidade não retomar uma discussão séria sobre os rumos da extensão, não será possível empreender grandes projetos na universidade. É necessário retomar a proposta darcyniana para a universidade

As atividades científicas dos laboratórios e dos Centros Culturais da Universidade devem ser programadas com agudo senso crítico, com respeito a todas as ameaças de alienação. A UENF guardará, sempre, expresso compromisso com os problemas do Brasil e do Rio de Janeiro, cujos diagnósticos e soluções interessarão, vitalmente, a todos os acadêmicos. (RIBEIRO, 1993a, p. 21)

3.5.3. O projeto de Extensão Integração Favela-Bairro

Quando iniciei a pesquisa de campo e fui conversando com funcionários e professores da UENF o nome e o projeto que sempre me informava eram o da professora Teresa Peixoto Faria, atual vice-reitora, e seu projeto “Integração Favela-Bairro”. Na verdade, diferente do projeto do professor DaMatta, nem o nome do projeto as pessoas sabiam informar, mas que “tem gente no CCH que faz um trabalho com essas crianças”, eles informavam sempre. Confesso não saber dizer a que se deve esse processo de silenciamento do nome do projeto, mas é importante perceber como é visto e compartilhado na instituição este tipo de atividade. Além disso, claro que meus interlocutores não sabiam dizer o que, de fato, acontecia nesse projeto. Era uma completa ausência de informação. Nas redes oficiais há uma dificuldade de acesso às informações, nas burocracias da instituição é possível se perder na indicação de onde ir e com quem falar – sem falar que o tempo das instituições nem sempre é o tempo da pesquisa, muito mais acelerado – então a única saída é conversar com os meninos e com a coordenadora do projeto de extensão. A professora Teresa me recebeu na Reitoria no dia 10 de abril de 2019 para a maior entrevista que fiz. Agradeço sua generosidade e paciência.

[...] eu já fazia projeto, fiz durante quase 5 anos, o título variou um pouco, com Matadouro, Goiabal e na escola e fazia pesquisa na questão das favelas. E retomei, fiquei um tempão, do centro em 2007, o projeto era 2004, 2005, 2006 e 2007. Então em 2007 eu assumi a direção do CCH, então ficou um ano complicado. Quando chegou pra renovar o projeto, além de que eu perderia os bolsistas da universidade aberta – pois eles só podiam ficar com a bolsa por 2 anos –, as pessoas engajadas teriam que sair. Como dar continuidade a um projeto de extensão? [...] Eu sempre valorizei muito, e ressalto que a extensão ela é esse pilar que e a universidade tem, indissociáveis, ensino, pesquisa e a extensão, e a extensão ela pode reunir tudo isso, disciplinas que tem que conter atividade de extensão. Eu sempre trabalhei assim na graduação. A pesquisa é indissociável. Quando você faz extensão ela não é maior e nem menor que as pesquisa, tanto é que os resultados dessas atividades de extensão, que são trabalhos científicos (artigos, monografias e dissertações de alunos), e ao mesmo tempo desenvolve a pesquisa. Essa é a diferença, que envolve a comunidade, envolve pessoas e diversos setores, Você tem o pessoal da engenharia aqui

que trabalha na melhoria da qualidade do nosso material, produção de cerâmica, tijolos, criando expectativas, esse ponto que é muito sério, você iniciar um trabalho e depois abandonar, é difícil ganhar confiança, uma conquista de tempo, pessoas chegam começam alguma coisa e nunca terminam, e cobram muito, os vizinhos cobram muito e tem um projeto que é referência, a FENORTE era nossa fundação mantenedora, tinha um projeto chamado recreando, referência até hoje com a pessoas, ate hoje (PEIXOTO, 2019).

Figura 32: Passeio do Projeto de Extensão Integração Favela-Bairro - 2004



Fonte: arquivo profa. Teresa Peixoto Faria

Figura 33 e 34: Palestra do projeto Integração Favela-Bairro (30 de junho de 2006)



Fonte: arquivo profa. Teresa Peixoto Faria

Uma das questões que ressalta no relato da professora é a dimensão da estrutura do projeto da FENORTE que não encontrou par em outro momento da universidade. De 2004 a 2007 as atividades desenvolvidas pelo projeto Integração

Favela-Bairro foram de desenvolver atividades de conscientização política e cidadã por parte dos moradores da periferia no entrono da universidade, valorização da História local – como a produção do Documentário “Matadouro” – e atividades acadêmicas nas escolas como palestras, atividades lúdicas e artísticas. Entretanto, a fala da professora ressalta a ausência de perenidade nas atividades de extensão, que dificulta a construção de confiança e gera decepção e afastamento da comunidade em relação aos projetos da UENF. Sem dúvida alguma, qualquer projeto que se realize no âmbito da universidade em conjunto com os moradores do entorno, deve levar em conta suas questões e necessidades se se pretende minimamente eficaz nos seus efeitos. Não à toa o projeto Fenorte aparece nos relatos dos moradores e na imagem dos professores tão cristalino: um projeto que possuía recursos, função social e efetividade na vida das crianças e jovens ao permitir-lhes aulas de reforço, música e esportes, tão importantes no desenvolvimento das capacidades e inteligências. Qual a capacidade de um projeto pouco planejado⁶⁴, mas principalmente sem condições orçamentárias de funcionamento por parte da universidade? Por que as ações visando melhorias sociais nas comunidades do entorno são atividades de um professor e não atividades da universidade como um todo?

A diferença é que o nosso projeto de extensão é que uma atividade voluntária⁶⁵ nossa, enquanto professores, alunos, técnicos, como bolsistas e etc, principalmente que nós enquanto professores e alunos tem outras responsabilidades, não estão dedicados a esse projeto, fica aquela situação que depende das circunstâncias. Então naquele momento, como diretora do Centro, interrompi o projeto, e tentei retomar em 2015 e 16, fiz um ano o projeto e só tinha um aluno e uma ex-aluna, que é professora de história na rede, era sobre a questão da história, resgatar a história do bairro, reproduzir um vídeo⁶⁶ sobre aquele período, mostrando todo um processo, de um bairro partindo, que o matadouro, tinha linha de bonde, vila operaria, as casas eram dos moradores, a filha do administrador, dona Antônia Leitão, deu essa entrevista e foi filmada, a antiga diretora da escola (PEIXOTO, 2019)

⁶⁴ Quando se discute a questão do pouco planejamento, refiro-me ao fato do projeto se dar ser pensado “com o jogo em andamento”, na medida em que vai ser fazendo alterações consideráveis no projeto. “[...] eu já estava com uma ideia de projeto de extensão que não era inicialmente com as crianças, então vamos inserir e fui modificando o projeto, inserindo bolsistas dentro da capacidade”. (PEIXOTO, 2019)

⁶⁵ A noção de voluntarismo aqui, nos remete a uma certa ação social solidária mas presente mais no plano da boa vontade de quem age do que na responsabilidade de quem deveria ser, de fato, responsável pelas ações. Uma das questões mais importantes aqui é a reflexão de quais as obrigações e, caso elas existam, as reais possibilidades da UENF “resolver” um problema de tamanha grandiosidade e dificuldade como a exclusão social de centenas ou milhares de moradores do entorno dela, agindo em substituição ao Estado e seus instrumentos de políticas públicas?

⁶⁶ Esse vídeo a que se refere a professora é o documentário “Matadouro”, descrito, comentado e analisado no capítulo 2.

O esforço da ação pode ser louvável do ponto de vista pessoal, isto é, na medida em que as pessoas se comprometem a auxiliar em projetos de integração da universidade com as comunidades locais sobre questões sociais, políticas, econômicas ou culturais, mas do ponto de vista das Políticas Públicas é inadmissível que não haja estrutura de trabalho que dê conta de analisar e propor ações reais que permitam lidar com as questões sociais que afligem esta camada da população, isto é, que lidem com problemas cujo retorno das pesquisas científicas realizadas na universidade encontrarão ressonância na sociedade. As palavras tem um componente de adjetivação e até acredito que seja possível elaborar críticas a isso, mas não pode-se deixar de perceber que se não houver uma das ações voltadas para a comunidade, com projetos perenes, estruturados, bem desenhados e atentos às questões fundamentais destas comunidades. Entretanto, sem um aprofundamento da participação democrática, na medida em que haja um diálogo entre a Universidade e a população, que insira os moradores no processo consultivo e/ou decisório, para que as ações tenham um componente real de interferência positiva na organização e desenvolvimento da região; sem um remodelamento da atividade de extensão que seja minimamente mais atento às questões reais dos moradores e que exija dos professores um engajamento mais expressivo nas ações e não apenas nas publicações; e sobretudo que o poder público se comprometa fundamentalmente com o desenvolvimento de ações sociais nas mais diversas áreas como saúde, educação, saneamento básico, nutrição, segurança, lazer e esportes, tornar-se muito difícil vislumbrar um cenário menos trágico socialmente para a Portelinha e para as crianças e jovens que lá residem.

os limites do projeto, entender, eu comecei a desenvolver opor uma questão de militância, pela urgência que se apresentou e pela compreensão de que estas crianças estão desamparadas, abandonas, das suas famílias, é impensável uma criança ficar aqui até 22:00 da noite, ficam aqui o tempo inteiro, enfim, que tem aqui dentro, ai é como se batesse na sua porta, enquanto eu estava dizendo para a reitoria, desde o início começamos a pensar como poderíamos resolver o problema mas para atender a essa demanda e precisaríamos de apoio, pois não temos estrutura para isso, não fomos preparados para isso, a primeira coisa, é uma cobrança muito grande no CCH nas diversas reuniões por ser o Centro de Ciências do Homem, é uma responsabilidade de todos. Não e só uma coisa do CCH, estrutura para isso, a prefeitura, o poder público, tem seus órgãos, CRAS, que atende a escola e a prefeitura, Fundação da Infância e da Juventude, e finalmente agora – temos tentado mas nunca conseguimos efetivamente, o próprio envolvimento da prefeitura com essa situação. Finalmente agora conseguimos fechar esta semana, uma parceria com a superintendência de esportes porque nós temos uma estrutura, uma parceria de troca, A prefeitura tem aquele sistema das “Vilas Olímpicas”, o que que elas tem? Piscina e quadra, e nós temos aqui e poderia atender a esta comunidade e também às

outras. Então é o que está começando agora esta semana⁶⁷, mas com dificuldades também não é, de pessoas e tal. Esses são os limites, da própria instituição que não temos, por exemplo a UERJ tem lá uma Escola de Aplicação, nós não temos. Então, como lidar com essas crianças? Então aí há um limite. Como envolver as pessoas, que como eu te disse reclamam se preocupam mas não efetivamente tomam atitude. Estas crianças ocuparam esse espaço. Assim como os movimentos sem-teto, sem-terra, eles ocuparam esse espaço. (PEIXOTO, 2019)

A falta de perenidade das ações dificulta a execução de qualquer atividade, seja ela de extensão ou não. Tanto pela questão da confiança já discutida por Peixoto, quanto pela ineficácia e pelo gasto excessivo de recursos dado que as ações não possuem controle de execução nem de funcionamento.

[...] esse é o principal, se a gente consegue alguns deles, 1, 2 já é um grande intento alcançar isso, e qual é a limitação? Qual o grande problema? É que eles ficam aqui. Qualquer projeto ele não fica aqui no contra turno da escola, [por exemplo se ele] faz natação, uma criança vai ocupar seu tempo 4 horas, 5 horas num projeto, tem a capoeira, que se desenvolve aqui, mas tem o tempo, tem a hora. E a maior parte do tempo eles estão soltos né. Em casa a realidade que a gente sabe qual é. Aqui tem um, tem vários com pai ou mãe preso, ou ambos. Tem 'umzinho' que ambos estão justamente na casa do Luis. Na casa do Luis tem primos, filhos, tios, enfim essa é a realidade das famílias. O ambiente em que vivem, as vezes eu acho que eles até fogem, eles estão mais tempo aqui do que naquela confusão toda que é lá. O tráfico de droga, armas na mão, pra eles é natural, normal e a gente sabe disso, eu vejo isso como censurar, como recriminar de cara sem entender a realidade de cara. Então esse é o limite: não temos como ficar 24 horas com essas crianças, que estão conosco, então a questão maior é o abandono do estado que tem leis maravilhosas no papel. (PEIXOTO, 2019)

Retomando a descrição do projeto de Integração Favela-Bairro, após o fim das atividades em 2007, em 2017 elas retornaram sob a coordenação da mesma professora e se realizam deste modo as atividades

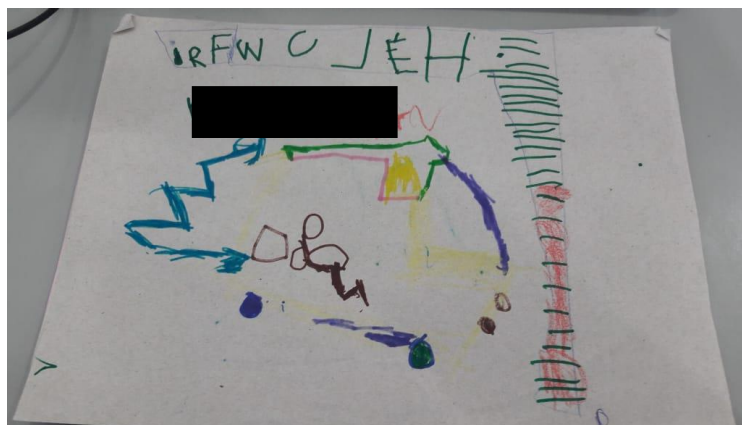
Mas, na escola a gente depende de duas professoras, desde o ano que começamos, 17/18 18/19 e tínhamos uma turma da calf que tem defasagens, é para defasagem de idades e series escolar, um grande número desses meninos faziam parte, mas que o ano passado foi eliminado da escola, não tem mais, esse ano, professor de turma de 4 e 3 ano, a professora não quis continuar com o 5º, as crianças ficam já mal acostumadas com a professora, pra obedecer, enfim, estamos com duas alunas já, uma aluna bolsista, de pedagogia, e uma outra já que as outras bolsistas saíram, assim que funciona, no primeiro ano tinha uma bolsista artista plástica que trabalhava arte educação. Eles adoram. Ela trabalhava com desenho livre pra desconstruir essa ideia de que a arte é desenhar casinha com chaminé, enfim, livre para despertar a imaginação de uma maneira lúdica, e ajuda-las na educação, integra-las e já a aluna de pedagogia se interessa pela redação e eles tem muita dificuldade né (PEIXOTO, 2019)

Novamente o tema do “voluntarismo” e do improvisado reaparecem. As atividades se desenvolvem de acordo com as possibilidades dos bolsistas. Isso é muito

⁶⁷ Será desenvolvido uma discussão adiante sobre isso.

interessante porque é importante incorporar as capacidades e possibilidades de cada bolsista e voluntário nos projetos, mas do ponto de vista da execução e melhor aproveitamento dos projetos fica a dúvida se está é a melhor forma.

Figura 35: Desenhos feitos por meninos da Portelinha na sala da prof. Teresa



Fonte: acervo prof. Teresa Peixoto

Quando são indagados sobre que atividades eles realizam na universidade, os meninos falam sempre em desenhar, brincar e colorir⁶⁸. Esta é a memória que eles possuem dos trabalhos. As atividades desenvolvidas tem muita relação com o desenvolvimento lúdico, esportivo e de recreação e criatividade dos meninos.

[...] a gente está tentando, estamos aqui fazendo conseguimos realizar, mas tá difícil, estou nesse meio de caminho, como integrar o projeto a essas ações, mas eu espero que se consolide. Tem que ter pessoas, certamente, a chuva, hoje tem a oficina com Hip Hop, aqui no campus, terça e sextas à tarde os meninos futebol e outras brincadeiras lúdicas, descobrimos que eles adoram dominó, vareta, uns ficam lá no futebol. Os menores inclusive preferem esse tipo de brincadeira. Desenhar, eles adoram desenhar. Eu já tenho uma quantidade de desenho, desenhos, as representações... E aí o Hip-Hop, rimas e tal, com o Graveto (Paulo Roberto). Tem um 'aluninho' da Física e faz malabares e está com os meninos também. Então só dois fazem: quarta de manhã e quinta à tarde Então os meninos tem oficinas terça, quarta, quinta e sexta, efetivamente. (PEIXOTO, 2019)

Apesar disso, a grande questão que se coloca é: e o que estes alunos fazem quando não estão nas atividades de extensão do projeto Integração Favela-Bairro? No relato, a própria professora Teresa aponta esta dificuldade de um efetivo aproveitamento dos projetos dado que a demanda é muito maior que a oferta de

⁶⁸ "Entrevista" realizada no dia 07 de novembro de 2018 nas dependências do CCH (terceiro andar, próximo à Biblioteca. Utilizei o termo entre aspas porque é uma dificuldade muito grande prender a atenção dos meninos por mais do que 5 minutos. Então muitas das conversas que tivemos foram nos corredores, no pátio ou no saguão do CCH em meio às brincadeiras e diversões deles. Além da questão diversão, outro elemento importante é a pouca idade dos meninos, o que cria uma dificuldade metodológica de trabalhar seus relatos de modo mais complexo.

cursos e principalmente tempo. Permitam-me uma digressão: como sou professor da rede estadual, lido com diversos tipos de alunos. Uma das questões que mais chama a atenção é a quantidade de compromissos que alguns alunos assumem quando são crianças e adolescentes. Além da escola há o inglês, o curso de violão, o judô, o clube ou escolinha de futebol e assim como várias a outras atividades. Os alunos chegam a se sentirem cansados de tantas atividades extras. Aqui, com os meninos da Portelinha ocorre o contrário: muitas vezes esses meninos não tem o que fazer desde a hora que acordam até a hora que vão para a escola e/ou da hora que chegam até a hora em que vão dormir. Neste sentido, por mais que as atividades disponíveis na UENF sejam importantes e façam diferença, não conseguem suprir toda uma carência de atividades acadêmicas e culturais que a sociedade, em especial o Estado, deveria oferecer a estas crianças e adolescentes.

Nesse sentido, reafirma-se: não se trata de uma crítica direta e exclusiva à UENF, mas sim de um diagnóstico de que uma questão tão problemática quanto a desigualdade social e racial exige mais, se se pretende – o poder público, a sociedade – mitigá-las, organização, financiamento e estrutura. Mas ao mesmo tempo, a universidade está próximo da comunidade e desenvolve atividades de extensão com seus moradores, nesse sentido, de alguma forma ela também está inserida no contexto.

Se você conversar com eles aqui a gente vai ensinando também... não é minha área, não é nada disso, mas a gente vai percebendo e brincando, e eles gostam, mas de uma maneira lúdica, não é um reforço, nem metodologia eu tenho. Inclusive isso tudo é sentimento e senso de responsabilidade, é uma questão de militância, não sei como se faz, não tenho metodologia para lidar com criança, consigo algumas profissionais, tanto é que agora no projeto eu desenhei uns perfis tem uma psicóloga que trabalha com as crianças, então eu tô construindo, aprendendo fazendo, para o desenvolvimento do projeto, e alcançar algum sucesso, de alguma maneira com essas crianças, muitos deles estão na escola e estão aqui, na escola a gente desenvolve essas atividade, e um ambiente mais fácil, eles estarem ali, é fechado, na sala de aula aquela coisa de controlar a crianças, sabe a dificuldade, então, é muito bacana, a gente cria essa relação, os professores gostam, estamos fazendo um livrinho, no final das atividade, e ai sim podemos construir algum material, que possam servir para outros projetos

Aprender fazendo, sem metodologia mas com muita vontade de ajudar no processo de transformação social do território e das populações da Portelinha e das outras comunidades no entorno da UENF. No fundo me parece que não dá pra fugir de uma contradição, um paradoxo desesperador para qualquer professor⁶⁹: ou se

⁶⁹ A começar por mim, que leciono na rede estadual de ensino e vivencio esta situação sempre que me proponho a fazer algo na escola, seja projeto ou metodologia diferente de avaliação.

planeja as atividades com calma, tempo e preparação adequados e se corre o risco de não fazer nada absorvido pela burocracia, prazos e etc ou se “arregaça as mangas”, empreende-se as ações com paixão, sentimento de responsabilidade e militância mas com reduzida possibilidade de efetivamente contribuir com o desenvolvimento das populações. Mas tanto no caso do projeto da Capoeira, quanto no da Integração Favela-Bairro, o que ficou claro é que uma efetiva promoção de democracia, desenvolvimento, inserção acadêmica e que ofereça uma mínima qualificação maior para o mercado de trabalho ou para a inserção na cidadania plena não serão atingidos sem uma reestruturação dos projetos que, longe de eliminá-los ou diminuí-los, empodere-os com recursos financeiros e humanos e lhes dê condições de empreenderem as transformações a que se propõe. Se o objetivo da universidade é a produção de conhecimento, a transformação da realidade visando a melhoria das condições de vida – com novos remédios, tratamentos, conhecimentos técnicos e etc – os moradores do entorno da UENF também estão inseridos nesse contexto. Tanto nas palavras de professores e funcionários quanto no próprio projeto de Darcy Ribeiro para a UENF, havia o objetivo de atender à questões sociais efetivas, isto é, servir como instrumento de desenvolvimento. Do contrário, está-se fadado à repetição da situação de desigualdade e pobreza a que estas populações já estão em boa medida expostas.

3.5.4. “No peito e na raça”: outras ações e *Projetos de intenção*.

Além destes três principais projetos de extensão voltado pra os moradores da Matadouro/Portelinha, em especial para as crianças e adolescentes, há outros três casos a serem citados. A ação dos kits de química do professor Jorge Petreski, a leitura na Biblioteca do CCH e as atividades na Unidade Experimental de Som e Imagem (UESI – UENF). O objetivo é compreender quais atividades são desenvolvidas e qual a estrutura organizada sob a qual se desenvolvem estas atividades. O argumento central é que elas se desenvolvem “à revelia” das estruturas oficiais da instituição e que, assim como as ações dos professores DaMatta e Peixoto Faria, estas três ações ocorrem por motivos socialmente engajada e militantes, por isso o sub-título “no peito e na raça”. No intuito de valorizar as ações e expor seu caráter solidário, provisório e voluntário, chamarei os três *Projetos de Intenção*, como uma demarcação de um anseio e de uma proposta de transformação em algum nível da realidade social de jovens e crianças da Portelinha.

3.5.4.1 A Biblioteca do CCH

Uma das atividades mais comuns na UENF e no CCH é frequentar a biblioteca para leitura e pesquisa. Lá fui informado de que havia uma ação sendo desenvolvida no âmbito da biblioteca e procurei me informar com a bibliotecária Jane.

Eu tinha recebido doação, ai eles começaram a pegar os livros. Botei eles pra ler, dificuldade, ai deixa eu ler pra vocês. Li e tal e no outro dia eles pediram de novo: “Ah tia, lê? Eu leio, conto uma historinha. Depois a gente vai montar a biblioteca infantil [Eu] Mas esse projeto é algo da extensão? [Bibliotecária Jane] Não é algo institucional, não é um projeto de extensão, é um projeto da instituição, um programa pra ter. Estamos buscando voluntários para trabalhar com eles. [Eu] Não é da instituição, assim, de passado? [Jane] Pode ser no futuro, mas não é não.

Vocês gostam de história? Ouvem até o final as história? Perguntam tudo sobre a história, as palavras, o assunto que está sendo tratado, não é só ler⁷⁰. Tanto que uma vez no outro dia eles pediram: oh tia, conta outra história.

Eles querem montar a biblioteca e fazer outros projetos com voluntario, por enquanto, com música, dança, o que a gente achar de conseguir um voluntario, A gente vai tentar, mas é um troço bem lento, pelo menos na biblioteca tem que ter (MUNIZ, 2019⁷¹)

A presença dos meninos e meninas da Portelinha pela universidade é ponto comum na narrativa de qualquer funcionário. Mas Jane tem um elemento a mais que se relaciona, de alguma forma com o que foi exposto acima sobre os dois projetos em andamento na universidade: o fato de ser realizado uma atividade improvisada e voluntária. Ao perceber uma situação de dificuldade de leituras, a agente público se imbuí de um espírito cívico e solidário de ajudar, entretanto sem os devidos recursos financeiros e organizacionais, torna-se muito difícil conseguir empreender algum projeto efetivo. Assim como na fala de Peixoto e DaMatta, as pessoas se voluntariam para tentar contribuir da forma como podem visando mitigar ou resolver os problemas apresentados.

⁷⁰ Esta é uma dimensão muito presente nos relatos de alunos e professores: a interação entre os universitário e docentes e os meninos da Portelinha constitui-se a partir de um avatar, um meio que simbolize a visibilidade social e a aceitação do diálogo. Em maio de 2018 tive uma experiência no estacionamento do CCH que me marcou profundamente. Ao chegar para uma aula um grupo de meninos me cercou e começou a me pedir dinheiro. Eu os conhecia e eles se lembraram de mim. Conversei com eles, e expliquei que não poderia dar dinheiro porque não tinha. Eu estava gripado e trazia à mão uma caixinha de remédio para gripe e resfriado. Um deles, Leandro, me pediu. Eu disse que tinha apenas aquilo mas que se fosse uma gripe fraca ele resolveria. Quando eu dei o remédio a ele, todos os outros me pediram também. Saí do estacionamento com a caixinha quase vazia. E fiquei me perguntando por que eles queriam o remédio se não apresentavam sintomas de gripe. Entendi que os objetos que utilizamos e com os quais interagimos com nossos interlocutores são avatares, símbolos do processo de interação e de socialização. Neste sentido, ao dar o remédio a eles, eu simbolizava a aceitação da presença, do corpo e da subjetividade daquele menino. A partir daquele momento, talvez, ele sentisse que era visto por mim.

⁷¹ A entrevista foi realizada nas dependências da Biblioteca do CCH em 22 de março de 2019.

3.5.4.2: O kit de Química

Outro relato de ação espontânea se deu ano passado quando o professor Jorge Petreski, professor do CBB buscou desenvolver uma atividade na Escola Municipal Francisco de Assis. Dado que o professor desenvolve algumas atividades de extensão em outras escolas do município em conjunto com outros professores e alunos, ele buscou um contato de uma professora da Escola pra que pudessem combinar uma atividade.

Figura 36 e 37: Escola Municipal Francisco de Assis.



Fonte: acervo pessoal

Ai eu fiz um kit, tentei fazer alguma coisa que pudesse fazer nas carteirinhas deles, cada um ganhou um kit, pra fazer cromatografia, a ideia era trabalhar cores com os caras, ver cor, por que por exemplo você pega faz uma cromatografia usando água e sal, você vê que não tem preto, mistura de quatro cores, e ai todas as coisas legais, os caras sacaram né que a azul, a verde a amarela, e ai você mistura a verde com a amarela, então você tem o azul, os pigmentos se separam, enfim, você tem dois corantes ali, enfim, então cada um fez o seu, cada um ganhou uma caixinha de hidrocor, um caderninho pra fazer anotações, e funcionou, quando eu tentei fazer o procedimento que era levar os discos de Newton, que tem diferentes cores, pros caras verem como as cores são formadas, tentei discutir visão né. [...] parte das cores do espectro são absorvidas e parte são reemitidas e ai você vê. Então eu queria chegar nesse ponto com os caras, porque se você mistura as cores no disco de Newton, não fica preto, fica branco, enquanto que no hidrocor, preto são 4 cores diferentes, ai falei assim: “pow, quando você mistura todas as cores, dá preto ou da branco?” Então essa era a ideia, conversar com os caras, ai não andou bem (PETRESKI, 2019)⁷²

Após esta experiência ter dado certo na Escola, o professor tentou uma segunda atividade, menos bem sucedida e decidiu fazer uma ação na própria UENF. O objetivo era estimular o desenvolvimento da curiosidade científica dos estudantes.

Então assim, não funcionou fazer aqui não ia dar certo. Na escola não dá, tem espaço, uma cozinha abandonada, só que o telhado tá todo ferrado,

⁷² Entrevista realizada nas dependências do CBB no dia 27 de março de 2019.

chove e escorre pelas paredes e com problemas na instalação elétrica. **Eu mesmo poderia refazer a instalação elétrica e pintar a cozinha**, mas enquanto não consertar o telhado não tem como. (PETRESKI, 2019)

Chama atenção a proposta do professor de pintar e fazer a parte elétrica da cozinha abandonada da escola. Sem qualquer custeio da instituição, mais uma vez o professor se propõe a fazer uma ação voluntária, militante e engajada pela educação pública. O único impedimento para a realização da obra por parte do professor é o fato de que o telhado precisa de reparos para não comprometer a reforma. Assim como os outros *projetos de intensão*, essa atividade demonstra o nível de reduzido de institucionalização e de apoio institucional da UENF aos projetos de extensão (ou intenção) desenvolvidos. Muito mais que isso, estas ações são tentativas de arranhar uma realidade social bruta petrificada de desigualdade social e abandono sócio-cultural.

Destaca-se na observação do professor Petreski a constatação de defasagem idade-série dos alunos. Isso nos liga ao que foi discutido anteriormente que é a capacidade que a Universidade poderia oferecer de auxílio, mas resolução, no desenvolvimento educacional dos adolescentes e crianças.

Eles estão na quarta série, tem um pessoal mais velho, a Amanda tem 13,14 anos, a Emily eu diria que tem 10,11 anos, tem uma galera que está atrasada, vamos chutar entre 8 e 12, final do primeiro ciclo, e ai, eu combinei com a professora, ai eu dei uns livros, e tô preparando umas propostas de atividade e eu viro técnico dela, quando ela for dar aquele conteúdo, se ela concordar, ela pode fazer uma demonstração, eu ajudo ela, monto as coisa, porque ela não tem tempo, esse pessoal trabalha muito (PETRESKI, 2019)

3.5.4.3. A UESI e o contato com os meninos

Por fim, uma terceira ação empreendida no âmbito da UENF e que se desenvolve com os meninos da Portelinha é a acolhida que os funcionários e estudantes que cuidam da UESI proporcionam. Coordenada pela professora doutora Lilian Sagio Cezar, a UESI se constitui em um dos principais locais onde os meninos da Portelinha frequentam.

Assim como outros professores também relatam, a primeira dificuldade que sobressai da interação com os meninos é a aprender seus nomes. São todos parecidos na fisionomia, meninos de 7 a 10 anos, negros, de cabelo raspado ou baixo, de estatura pequena para a idade e com adereços e roupas semelhantes. Além disso, por não ficarem muito tempo sentados nem conversarem tanto, é difícil decorar todos os nomes. Essa dificuldade é compartilhada por muitos professores e alunos, o que

não deixa de guardar relação com o fato de que estes meninos nos são idênticos na medida em que nossa relação não é íntima. Outro elemento destacado pela professora é o fato de que a interação sempre é mediada pela comida. Discutirei esse ponto adiante, mas é importante considerar que esse elemento da comida como uma abertura para a interação pode guardar dois significados: o primeiro é o da fome. Esses meninos residem em um ambiente de pobreza, de dificuldades financeiras e a UENF funciona como um oásis, uma ilha de excelência e dinheiro (apesar da crise) um contexto de pobreza. Mas para além da fome imediata, a comida também pode servir como um meio de visibilidade, assim como a questão do remédio que desenvolvi acima. Ser visto passa por pedir algo. Como um estranho que pede um cigarro, ou uma estranha que pede um isqueiro, ou até mesmo aquela senhora ou senhor que puxa assunto no ponto de ônibus dizendo que “vai chover”. As formas interação e de aproximação entre os diferentes grupos são variadas.

Figura 38: Bate, bate, bate na porta da UESI



Fonte: acervo Lilian Ságio Cezar

Figura 39: Atividades na UESI



Fonte: acervo Lilian Sagio Cezari⁷⁴

A foto acima é uma das diversas fotos das atividades que os meninos desenvolvem quando visitam a UESI e a professora Lilian e seus alunos bolsistas. Sobretudo a pintura é a principal atividade desenvolvida. Foram catalogados 35 desenhos dos meninos. Desde desenhos temáticos como Natal, e outras datas comemorativas a até desenhos abstratos e de difícil interpretação e entendimento, chamou-me a atenção o desenho acima. Infelizmente não foi possível conversar com o autor para lhe perguntar os motivos do desenho, por exemplo, se ele desenhou o que gostaria de comer ou se desenhou o que comeu. Mas apesar disso, destaca-se o desenho de um objeto de consumo e um símbolo da sociedade capitalista e consumista contemporânea. A comida é sempre um instrumento Sem dúvida alguma

⁷³ Utilizei a tarja para preservar o nome do autor.

⁷⁴ Agradeço à prof. Lilian a permissão para fazer as fotografias.

é de destaque a ideia de uma criança de um conjunto habitacional com marca tão grande da pobreza, representar um símbolo de inserção no mundo do consumo.

Figura: 40: Desenho feito na UESI e a difícil fuga da realidade



Fonte: acervo Lilian Cezar

Outra foto exemplar da situação em que as crianças são expostas é a desta arma (ou de algo que nos remete a uma arma de fogo). Estar presente em dois universos distintos é extremamente intenso e pode ser percebido pela foto. Desenhar na UENF, numa sala fechada com ar condicionado e biscoitos uma arma de fogo tão comentada dentro da Portelinha e fora também, diz muito sobre o universo complexo que envolve as crianças do conjunto habitacional. Uma questão que sempre aparece nos discursos é a dificuldade de lidar com os meninos. Segundo a professora Lilian⁷⁵ há dias que os alunos quase quebram a porta de tanto que batem, chamam e reclamam. Em muitos momentos é possível negociar com eles, mas em outros a interação não se torna tão pacífica e é preciso fazer uma escolha muitas vezes tensa: utilizar-se de uma retórica de mais autoridade, que pode afastá-los ao reforçar uma retórica da força e de certa violência ou tentar mediar a interação na aceitação e recebendo-os sempre que possível? Segundo a professora Lilian, ela mesmo já presenciou momentos em que os meninos foram expulsos do CCH pela guarda aos gritos de “sai daqui que isso aqui não é lugar de criança”.

⁷⁵ A entrevista ocorreu no dia 14 de março de 2019 nas dependências da UESI-UENF.

Assim como as outras atividades desenvolvidas no modelo de *Projeto de Intenção*, sobressai-se a boa vontade e o desejo de contribuir com um bom relacionamento entre moradores da Portelinha, crianças, adolescentes e comunidade acadêmica da UENF. Todos os projetos de *Intenção* evidenciam que há por parte dos docentes e funcionário da UENF um interesse em aprofundar a participação das crianças e jovens dos entorno na UENF. Entretanto, sem uma estruturação das ações e uma reflexão sobre o papel da universidade na promoção de desenvolvimento social e econômico e de cidadania, corre-se o risco de empreender ações que resultam e muito esforço individual mas pouco resultado coletivo.

Também é importante considerar que mesmo os projetos existentes, possuem uma série de limites apresentados no texto. Sejam eles os limites institucionais, a falta de espaço ou as disputas políticas como no caso da Capoeira, ou a ausência de preparo teórico e prático para as atividades com as crianças como no segundo projeto, o da Integração Favela-Bairro, ressalta-se que é de vital importância o fortalecimento das ações conjuntas dentro e fora da universidade, objetivando a promoção de valores cidadãos e a inserção no mundo do trabalho ou acadêmico por parte dos moradores das regiões periféricas em questão.

Além de tudo o que foi exposto, é necessário considerar um outro fator: projetos de extensão ou de *Intenção* para que sejam bem executados, devem considerar um fator fundamental: a alimentação dos atingidos pelas ações do projeto. Como lidar com populações pobres, residentes em regiões periféricas e de pobreza sem uma assistência nutritiva necessária? Segundo o reitor, há uma possibilidade num futuro de se aproveitar as refeições não consumidas no Restaurante Universitário para se produzir quentinhas para os extensionistas. Mas isso nem promessa é. Era uma possibilidade que a prefeitura e a nutricionista da prefeitura estava analisando. Mas é fundamental que se trabalhe com as questões principais e cruciais do desenvolvimento infantil e a alimentação é basilar. Retomo o argumento de que sem um planejamento estratégico e consciente, as ações tendem a terem efeito, mas bem menos efetivo e consistente do que poderiam.

4. A GREVE DE 2016 E AS NOVAS DINÂMICAS DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA PORTELINHA COM A UENF

O contexto e as relações entre os jovens e adolescentes da Portelinha com a UENF mudaram completamente com a crise e a greve de 2016. No contexto das grandes transformações que ocorreram no país após as eleições de 2014, o contexto fluminense era de crise econômica severa.

Figura 41: Protesto em razão da crise de 2016



Fonte: [Blog do Marcos Pedlowski](#)

O contexto da crise de 2016 foi marcado pelo não repasse de verbas e de orçamento universitário que desde 2015 não eram transferidos para a Universidade. Isso criou um cenário de impossibilidade de trabalho e bom funcionamento da instituição, haja visto que funcionários da limpeza, segurança e todos os outros cargos, concursados ou não, sofreram com a crise. Isto não quer dizer que a universidade, seus professores e funcionários tenham deixado de lutar e de oferecer à comunidade acadêmica aulas de qualidade e todas os produtos que a universidade pode oferecer. A fala do professor Renato DaMatta, quando – citada no capítulo 3 – relaciona uma mudança percebida na distância entre a universidade e certos grupos de Campos dos Goytacazes. Além destas iniciativas de aproximação e divulgação das questões, problemas e necessidades da UENF e das cidades afetadas por sua existência, uma série de ações, mobilizações de esforço coletivo foram fundamentais.

Figura 42: Protesto: SOS UENF



Fonte: sítio na internet⁷⁶

No contexto da crise o valor da dívida da UENF era de aproximadamente 10 milhões em outubro de 2015⁷⁷. O contexto da crise foi tão intenso que ameaçou todas as áreas da universidade, inclusive pesquisas e o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos⁷⁸.

Criado em 2011, o Criatório de Emas da UENF está correndo sério risco de interrupção de suas pesquisas devido à falta de ração para os animais. As aves — 80 a 90 exemplares, entre emas, emus e um avestruz — estão sendo alimentadas graças ao empenho de duas pesquisadoras, que desde o início do mês pagam do próprio bolso o milho, farelo de soja e ração de cavalo que alimenta os bichos. Segundo a responsável pelo setor, professora Karoll Andrea Afonso Torres Cordido, do Laboratório de Zootecnia da UENF (LZO), a empresa que fornece os alimentos parou de fazer as entregas em abril por falta de pagamento. Desde que a ração acabou, no início de maio, ela e a professora Adriana Jardim, do Laboratório de Sanidade Animal (LSA), que também atua no setor, vêm arcando sozinhas com as despesas, que chegam a R\$ 90 por dia. — É uma pena que isso esteja acontecendo. Estamos em um momento de crescimento. Se eu soubesse que iríamos ficar sem ração para os animais não teria investido na reprodução para chegar a este número de aves, necessário para a realização das pesquisas que estão em andamento — disse, lembrando que o atual plantel é o resultado de dois ciclos de postura e incubação de ovos férteis, o primeiro em 2014 e o último em 2015. Diversas pesquisas são realizadas no Criatório de Emas da UENF,

⁷⁶ Ver https://1.bp.blogspot.com/-3QZ1PAu6d5M/V8ccpfBqgHI/AAAAAAAAADng/qWibwP_NUtU7u4t1jabEQhMgCse625NhgCLcB/s1600/sos%2B9.JPG Acessado em 18-05-2019

⁷⁷ Cf. <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2016/04/professores-da-uenf-entram-em-greve-e-pedem-solucoes-para-crise.html> Acessado em 12/05/2019.

⁷⁸ Cf. <http://www.uenf.br/dic/ascom/2016/05/20/informativo-da-uenf-20-05-16/> Acessado em 12/05/2019.

reunindo pesquisadores, doutorandos, mestrandos e alunos de graduação com bolsa de Iniciação Científica, além de bolsistas do ensino médio no âmbito do Programa Jovens Talentos, do Governo do Estado. São pesquisas nas áreas de Zootecnia, Sanidade Animal, Parasitologia, entre outras⁷⁹.

Segundo o Reitor da UENF, Luis Passoni o momento era de muita insegurança em vários níveis. E isso afetou não só o desenvolvimento das atividades acadêmicas mas inclusive a psique dos professores e funcionários.

Tudo se somou, Alguns colegas nossos ainda estão com sequelas, abalou psicologicamente uma parte boa dos nossos colega dentro da universidade. Inclusive em iniciativa com o sindicato a gente conseguiu convenio com a UFF de atendimento psicológico, é, A gente pensava uma coisa pequena, 3, 4 pessoas, o negócio tomou uma dimensão muito grande, o pessoal da psicologia da UFF fazendo estágio aqui não deu conta da demanda, então inclusive com relação a própria sobrevivência da universidade, nos vivemos sim um período de, muito preocupante que qualquer momento teria que suspender todas as atividades. Isso só não aconteceu porque não tivemos nenhum caso de ninguém machucado aqui no campus. O caso mais grave foi um menino la no “Antônio Sarlo”⁸⁰ [Escola Técnico Agrícola Estadual Antônio Sarlo em no bairro de Guarus] que foi feito refém, né, então Ele foi amarrado e feito de refém e roubaram tudo lá, enquanto ele estava preso e amarrado, ele ficou muito abalado psicologicamente, mas ele não foi machucado, agora se tivesse acontecido aqui no campus, muito provavelmente, estaríamos sem condições de continuar as atividades, então a gente só conseguiu continuar as atividades porque não aconteceu nenhuma desgraça, né e ai os problemas que foram surgindo a gente ia lá e resolvia. Teve a ameaça do corte de luz, depois teve a ameaça do corte de água, teve ameaça e a gente resolveu, Teve a questão da vigilância, depois a gente passou a ter o apoio da prefeitura (...) ainda foi feito um trabalho aqui dentro do campus, enfim foram essas coisas assim que foram acontecendo (PASSONI, 2019)

O relato da professora dra. Simone Teixeira, diretora da Vila Maria, casarão secular arquitetônica e historicamente valiosíssimo, sob os cuidados da UENF dá conta de que no contexto da crise era necessário trancar o casarão para que se evitasse ao máximo a entrada de desconhecidos no ambiente. Além disso, durante a crise trancava-se o casarão escorando toras e pedaços de madeira nas portas e paredes para dificultar a eventual entrada de ladrões e criminosos que pudessem estar interessados. O clima era de total abandono institucional por parte do Governo do Estado do Rio de Janeiro e as medidas tomadas tinham que ser pensadas a partir de uma série de escolhas engenhosamente criativas que contornassem a situação e permitissem o funcionamento mínimo do espaço.

Tinha um deles, bem esperto, Muito marrento, bem expressivo, ele era tipo o líder do grupo, parecia bem inteligente, não sei que fim levou, nunca mais o vi, parecia um rapaz bem inteligente, a maneira rápida de responder, e ai foi **o que chamou atenção, porque eles intimidavam, mas não ficavam**

⁷⁹ Ver <http://www.uenf.br/dic/ascom/2016/05/20/informativo-da-uenf-20-05-16/> Acessado em 12/05/2019

⁸⁰ Ver http://aspjustica.com/noticias4101_Guarita_%C3%A9_arrombada_na_Uenf Acessado em 19/05/219

fazendo “esporrera”. Eles ficavam andando por aí. Como eles conviviam com o pessoal do CCH, o pessoal estava mais acostumado mas quando eles iam lá pra baixo a coisa ficava mais complicada. Houve uma época, chamou atenção negativamente, não se se era esse grupo, se ainda era esse grupo, porque parece aquela coisa né: a turma de dois mil e poucos, daí veio a outra geração, a turma de não sei quantos....Eles fizeram uma zona do cacete, quebraram aquelas latas de lixo recicláveis, separando os lixos, não sei chegaram a quebrar um dos carros, fizeram uma zona, começou meio que a esquentar. Tiveram que conversar com um pessoal aí e enfim. Bom falei pra caramba, mas mais ou menos isso. **O problema começou em 2015 com o atraso de salário, depois veio, houve uma greve em 2014, mas ai não me lembro desse movimento deles aqui não** (MIGUEL, 2019).

Neste contexto, a paralisação dos professores se somou à paralisação e ocupação por parte dos estudantes de graduação, demandando a implementação e repasse dos recursos referentes ao auxílio permanência ou auxílio moradia para os estudantes⁸¹ e o pleno funcionamento do Restaurante Universitário que teve as atividades paralisadas.⁸²

Figura 43: Ocupação estudantil durante a Greve em 2016



Fonte: Gilberto Gomes - DCE Uenf

Segundo a narrativa dos entrevistados, esse período de funcionamento da universidade num contexto de greve, isto é, de menor presença no Campus, e com a ausência de menos segurança foi fundamental para que as crianças e jovens

⁸¹Ver <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2016/04/estudantes-da-uenf-ocupam-reitoria-e-cobram-auxilio-moradia-e-restaurant.html> Acessado em 12/05/2019.

⁸² Ver <https://globoplay.globo.com/v/4961818/> Acessado em 12/05/2019

passassem a circular com maior liberdade pela UENF. Além disso, a receptividade por parte dos estudantes ocupantes da reitoria dos meninos e meninas teria criado um ambiente mais legítimo para a sua presença. Segundo Ana⁸³, uma aluna que fez parte da ocupação no ano de 2016, quando eles estavam participando das atividades as crianças chegavam e os alunos os acolhiam. Com o tempo esses jovens, adolescentes e crianças especialmente iam se inteirando das ações dentro da universidade, feiras, exposições e oficinas oferecidas pelos graduandos que ocupavam a reitoria. Os próprios estudantes, na fala de Ana, ensinaram e explicaram o que os adolescentes e crianças deveriam dizer para os funcionários que tentassem tirá-los do espaço da universidade: **“esse daqui é um local público e eu tenho direito de ficar aqui”**. Segundo Ana, o primeiro banho de piscina que as crianças deram foi junto com os estudantes que ocupavam a reitoria. O professor Leonardo Miguel, de certa forma reiterou esta informação

A claro, tô esquecendo a invasão da piscina porra, a invasão da piscina foi foda, eu lembro. Houve um churrasco aqui na UENF, estava tendo uma ocupação e ai frente a reitoria, na época, já estamos lá pra trás em 2014, tinha uns alunos e...E nisso veio também a garotada da Portelinha e ai acolheram e ai foi aquela coisa legal. Só que ai rolou uma cerveja, não para as crianças, para os jovens que estavam ali, alguns pularam na piscina ai a garotada pulou também...Ai, aprenderam o caminho e ai foi aquilo (MIGUEL, 2019⁸⁴)⁸⁵

É importante considerar como os discursos circulam e são apropriados e ressignificados pelos moradores da Portelinha. Os adolescentes e crianças reproduzem esses termos na interação com outros estudantes da UENF, funcionários e professores mesmo depois de 3 anos da ocupação. Há um circuito de significados circulantes e a rede de relações sociais reproduz estes principais pontos que favorecem a presença dentro da Universidade. Tanto a crise fiscal e econômica e a ausência de segurança no campus, dentre outras coisas, como a ação dos estudantes na ocupação da Reitoria vão ajudar a consolidar – intencional ou não intencionalmente – a presença dos meninos e meninas pela UENF.

⁸³ A entrevista aconteceu em 12 março de 2019 no saguão do CCH. Agradeço enormemente à Ana a disposição de conceder a entrevista.

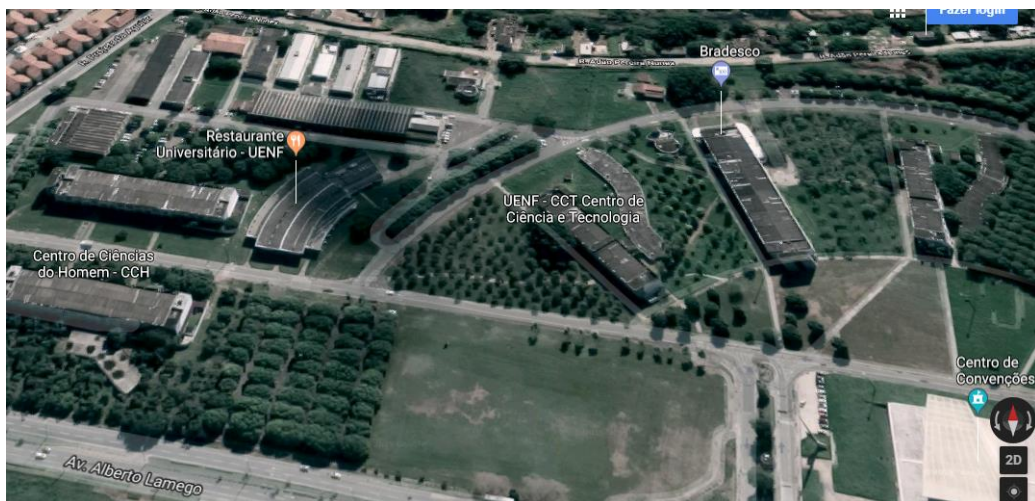
⁸⁴ A entrevista foi feita na sala do professor doutor Leonardo Miguel no dia 27 de março de 2019. Agradeço enormemente ao professor Leonardo a disposição de conceder a entrevista.

⁸⁵ Há uma contradição aqui em relação a datas, pois o relato do professor Leonardo data a “invasão à piscina” de 2014, já a interlocutora graduanda, data de 2016. Nos dois períodos houve ocupação da reitoria por parte dos estudantes, mas apesar da datação ser incerta, o fato ocorreu segundo os relatos obtidos.

4.1. Novas dinâmicas de circulação

A primeira dimensão que gostaria de refletir sobre isso é a dimensão de ocupação ou invasão da UENF pela comunidade do entorno. Para muitos estudantes e professores a universidade foi invadida pelos moradores, enquanto outra forma de interpretar o fenômeno é o da ocupação do espaço urbano da instituição de ensino. Ainda que seja tentador explorar esta dimensão simbólica do binômio invasão/ocupação, gostaria de refletir o fato de que esta presença aumenta exatamente quando a segurança sai da universidade.

Figura 44: A região do CCH vista de cima

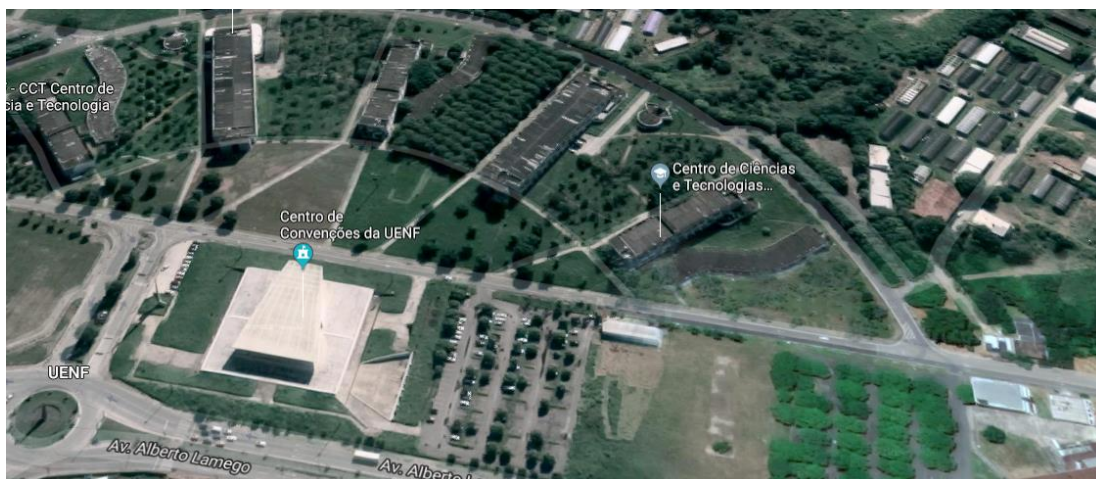


Fonte: googlemaps

Desde muito esses meninos e meninas são socializados convivendo com experiências ligadas à violência, tanto estatal quanto do tráfico, seja da violência física com as armas de fogo até elementos simbólicos das divisões de facções ou mesmo a presença e ação do aparato estatal de segurança via Polícia Militar. Desde muito cedo, entendem códigos de conduta e de respeito, constroem laços simbólicos e sociais que pessoas socializadas em outros espaços não possuem. Sendo assim, a realidade da Portelinha de contato constante com o tráfico e a venda de drogas cria um ambiente muito diferente onde as forças de segurança muitas vezes são vistas como inimigas ou como suspeitas e indignas de confiança. Quando fiz o trabalho de campo na Portelinha encontrei um líder do “movimento” que, num bar tomando uma cerveja, fazia um carinho em cachorro e perguntava para ele “quantos polícia ele tinha mordido até aquela hora”. As brincadeiras e as piadas carregam significados sociais profundos

e isso constrói laços de identificação e fidelidade. Ao olhar para os guardas da UENF muitos dos meninos da Portelinha temem ou não se relacionam bem, seja porque ele representa ordem, hierarquia e inexistência de liberdade na circulação e uso dos espaços da universidade, seja porque ele mimetiza a presença da polícia e das forças de segurança.

Figura 45: A região do Centro de Convenções, CCTA e CBB vista de cima



Fonte: googlemaps

Os relatos são todos esses de conflito. Mesmo aqui nesse espaço. Qualquer colega dizia: “essas crianças pedindo dinheiro, me assediando”. E eles de fato fazem isso mesmo. Teve relato delas mexendo em placa de carro. E isso aqui é o quintal deles, eles estão aqui do lado, Portelinha é cimento puro, você sai da Portelinha tem um jardim, gramadão. E a universidade você entra livre. **Agora com os vigilantes eles estão com a bolinha bem baixa, eles respeitam os caras.** (DAMATTA, 2019)

Até que ponto o respeito não é medo eu não sei precisar, mas acredito que seja uma dimensão fundamental de se levar em consideração na hora da análise da circulação das crianças.

[...] houve um problema, um momento tenso, que foi quando a gente ficou em 2016, 2017 os dois anos, sem a vigilância, né. **Nós ficamos sem a vigilância, e ai também começou um certo pânico dentro da universidade, que acho que ajudou a exacerbar um pouco esses problemas que a gente teve.** Então nesse momento aconteceu, a gente conversa com o pessoal da vigilância no sentido que, o problema é que as crianças circulavam pelo campus, as crianças começaram a fazer barulho na área aqui dos prédios, ficar brincando de skate da rampa, como não teve mais a vigilância. Aí esse, essa, essa...esses limite deixaram de ser respeitados, e inclusive começou a acontecer casos da...do pessoal pedindo, pedindo dinheiro para as pessoas, ai como andavam em bando e as vezes

demonstravam um pouco agressiva, um pouco incisiva, as vezes até, assim. (PASSONI, 2019⁸⁶).

Aquela geração que pulava aqui, também já não ta circulando muito por aqui, não sei se aconteceu alguma coisa. Se arrumaram trabalho, estão estudando ou entraram para o tráfico ou outra coisa. Quem eu conheço aqui são as meninas, as meninas se mantem, chega um momento que eles perdem a inocência muito rápido, já pegando vícios e trejeitos que eles aprendem lá na Portelinha, **se for o caso das meninas, de chamarem atenção das garotas, elas respondem: “quem manda somos nós, quem manda aqui é a portelinha”, outros dizem, você sabe quem é meu pai? Ou “eu sou amigo da Teresa” e daí eu posso abrir a porta que quiser.** E não é bem assim o negócio. **Eles já estão vindo já com esse aprendizado e quais são as senhas secretas, o ali baba, quer dizer, o abra-te sésamo das portas do CCH, ai fica complicado enfim...** (MIGUEL, 2019)

A discussão que Miguel aponta, encaminha ou permite uma reflexão sobre a apropriação que os grupos podem fazer dos discursos e como as ações podem ter efeitos diversos daqueles pretendidos pelos promotores. Também nos permite perceber as questões ligadas aos problemas observados pelos professores da circulação e da interação com os meninos e meninas da Portelinha

Sobre isso afirma o professor Carlos Rezende

Vou te dizer assim, pra mim ela é percebida desde sempre, algumas pessoas se sentem um pouco, porque como as crianças andam juntos, e eles gritam, algumas pessoas se sentem acuadas, até um tempo atrás, houve uma coisa muito desagradável, em alguns prédios aonde professores reclamaram, porque assim, essas crianças também são muito desassistidas então eu vejo assim, acho que eles ficam um pouco deslumbrados por estar com pessoas diferentes. Eu acho q não é por mal não, eles não tem esse cuidado de ficarem em silêncio. E, várias reuniões que a gente fez aqui, por exemplo a Luciane lida bem com isso porque conhecem a maior parte. (REZENDE, 2019)

Quando a gente estava fazendo reunião, até no auditório mesmo, quando a gente estava fazendo reunião, eles abriam a porta por curiosidade, entravam. Você via que eles estavam gritando lá fora, aí a Luciane pedia para eles entrarem e elas ficavam quietinhos lá, mas eles também não ficam muito tempo. Eu acho que é inquietude de crianças que estão sem atividade dentro de casa. E aqui é um lugar onde tem uma quadra, uma piscina, tem corredores onde eles veem uma porção de jovens. E muitas vezes eles tem expectativas, por exemplo eles sempre entram aqui pra pedir biscoito, uma bala (REZENDE, 2019)

Esse relato é compartilhado por outros professores, como o professor e diretor do CCH Marcelo Gantos.

Os relatos começam fundamentalmente a partir da crise institucional do estado, o abandono do estado a universidade e a ocupação, digamos, pela comunidade. É uma situação de abandono institucional e isso começa a 4, 3 anos atrás. Houve uma greve e houve um momento da segurança pública, a falta de segurança na universidade todas aquelas situações que foram relatadas em uma série de eventos Violência, estupros,

⁸⁶ Entrevista realizada com o Prof. Dr. Luis Passoni, Magnífico Reitor da UENF no período da pesquisa. A entrevista foi feita no dia 06 de março de 2019.

Na área fronteira que passou a ponto de drogas, estupros. **Fora da universidade, e depois impulsionou com a crise do estado que decretou falência, e isso implicou que a gente só vivia aqui com o esforço dos professores e alguns técnicos, e do voluntarismo da gente.** E isso sobreviveu aqui não sabemos como porque não tinha vigilância, não tinha serviço, nada, **Então esse foi um período nefasto que trouxe como consequência de ocupação, com atos de vandalismo, destruíam banheiros, isso não crianças, mais jovens, e depois começou a aparecer um conjunto de crianças que em primeiro momento começou a ser acolhidas, e depois uma série de problemas, episódio de intolerância Enfim, uma guerra social.** Uma guerra social porque isso gerou também....Primeiro que era jovens adolescentes e houve vandalismo, houve desrespeito, a galera estava totalmente desestruturada, e havia professores que acolhiam e outros professores que os rejeitavam. Então foi uma confusão e não houve uma proposta institucional de soluções para lidar com o problema, se não ações isoladas e particulares de professores e funcionários que se ofereçam para ajudar, para cooperar para dar um atendimento mínimo, mas também essas outra questão em relação a esse problema social, **qual é o papel da Universidade?** (GANTOS, 2019)

O cenário descrito pelo prof. Gantos dimensiona as tensões e problemas que logo surgiram com a nova dinâmica de funcionamento da UENF. Se por um lado havia um grupo de professores que buscava integrar os meninos e meninas em ações dentro da universidade, por outro havia a compreensão por parte dos docentes de que este espaço universitário não era lugar de criança. Ademais, antes de mais nada, caberia responder à questão fundamental sobre o papel da universidade. Porque esta questão orienta e define uma série de outras ações e direcionamentos.

A gente teria um espaço que, universidade, com todo funcionamento ideal, **e a gente tem que lidar uma série de questões, país com desigualdade, um país que tem toda essa questão, desigualdade de pessoas que tem condições, de vida precária, e uma serie de problema que surgem e podem se resolver de várias formas e não pode ser autoritária,** naquela época chamou conselho tutelar, na universidade, e não é uma solução, uma medida autoritária, criando um problema, temos outros meios pra lidar com isso. Na minha visão das coisas eu acho que as crianças deveriam ser recebidas de outra forma, eu não acho bom crianças na universidade pedindo dinheiro, não acho bom entrar na sala, pedindo biscoito, pedindo lanche, é uma realidade que nós temos, mas eu queria que elas estivessem como membros de uma atividade de extensão, atividade de recreação, utilizar a piscina que utilizam de forma não autorizada, o espaço pra jogar futebol, um tipo de integração com a universidade (NÓBREGA, 2019)⁸⁷

A relação com os meninos é problemática exatamente pelo caráter autoritário que a interação pode desenvolver. Num ambiente de trabalho e de pressão, num espaço onde o ponto fundamental é a pesquisa e a inovação, lidar com formas não convencionais de uso do espaço é complicado.

⁸⁷ Entrevista realizada no dia 27 de março de 2019 na sala do professor Ricardo Nóbrega, no CCH.

[...] a primeira vez que tive contato com elas assim direto, sofrendo com a situação que as pessoas estavam falando, eu estava na minha sala com Alice e meus alunos na minha mesa. Ai abrem a porta e entram em minha sala – eu fico até triste por que Rodrigo⁸⁸ estava nessa turma, foi a primeira vez que eu o conheci. Então eles entraram na sala, abriram a porta, com a garrafinha de água vazia, aí já entrou batendo assim na mesa. Aí tinha um dinheiro assim em cima da mesa, “ah, me dá esse dinheiro aí. Eu disse: **“Oh, para tudo, voltem na porta, porque a primeira coisa que se faz quando se chega na casa de uma pessoa, é batendo na porta e pedir licença. Vocês vão fazer isso agora”**. Aí fecharam a porta, bateram, entraram e eu comecei a conversar com eles, falo com eles, “tenho ouvido falar que vocês tem feito isso ‘assim, assim e assado’, isto não está certo”. **Porque eu acho que é isso, educar. E fui conversando com eles, a gente age não pode passar a mão na cabeça** (PEIXOTO, 2019)

, eu vejo muitas atitudes dos alunos. **E nossa obrigação, se a gente recebe, ao gente não deve expulsar as crianças, ou você abre as portas, mas não de uma maneira permissiva, sem limites, esse é o nosso papel, também e comecei a ter meus contatos com ele, ai presenciei uma defesa, eles todos lá, as pessoa lidavam com medo, a maior parte, era medo, nos outros prédios e sem uma reação**, eu cheguei lá: “Olha só, isso aqui é uma mesa de lanche, podem pegar, agora vocês vão sair, já pegaram e podem sair”. Eu já estava com uma ideia de projeto de extensão que não era inicialmente com as crianças, então vamos inserir e fui modificando o projeto, inserindo bolsistas dentro da capacidade. Ele funciona ainda, esse é o segundo ano, submeti para renovação, tem atividade de na escola, conheço a Nadia, que era diretora, nunca é a mesma coisa, as realidades mudam. (PEIXOTO, 2019)

Sobressai na fala de Peixoto a dimensão educativa e formativa da interação. Educar se constituindo como o grande objetivo da e na interação. Educar para a convivência, educar para o silêncio e para ouvir o outro. Ao mesmo tempo, esse processo educativo ocorre na interação e no conflito. Se se acredita que é possível “Aprender fazendo” como afirmou a professora Teresa, talvez haja uma forma de nos *educar no conflito* e disputa pelos significados do espaço.

Ao mesmo tempo, se a medida autoritária é problemática, outras formas de lidar com as dificuldades da interação também o são.

Ah sim, a invisibilização é mais comum, que fica um pouco feio né, propor soluções autoritárias. Mas eu acho que a universidade pode fazer mais que isso, de fato fazer algo de bom que vá além de dar moedinhas no estacionamento para os meninos. Nós tivemos uma semana acadêmica, as crianças entravam em sala de aula, entravam e saiam, pulavam as cadeiras, gritavam riam. Obviamente incomodava quem estava apresentando o trabalho, elas sabiam disso, queriam atenção, queriam ser vistas, e nós estávamos negando visibilidade a essas crianças. Era mais cômodo ficar fingindo que estava tudo bem apresentando o trabalho, mas o fato é, elas queriam fugir da condição de invisibilidade delas, crianças faz isso, independentemente disso, as crianças querem testar, “eu tô aqui e você deve ter medo de mim”, essa é a relação que eu acho, estavam provocando: “eu tô aqui, quero ser visto, eu tô invadindo seu espaço, eu tô invadindo seu espaço de vida acadêmica”. Precisamos de gente preparada para lidar com essa questão. O fato é que a solução autoritária é a pior mas a da

⁸⁸ Rodrigo é um dos meninos que circularam pela UENF em 2016 e 2017. Discutirei seu caso mais adiante.

invisibilização não é muito melhor. Eu acho que tem que ter algum tipo de atitude mais direcionada a tratar bem desta questão, também nessa questão, que as crianças tenham uma participação na vida comunitária da universidade de uma forma que seja virtuosa, que elas entrem aqui não pra pedir comida mas venham participar de esportes, de atividades científicas, que nós temos isso pra oferecer, pessoas que não tem treinamento pra lidar com as crianças como público de, final, mas que podem a partir de uma mediação, de bons projetos, que podem ter uma linguagem de comunicação melhor, nós temos dificuldade de comunicar com nossos alunos, que são de geração diferentes. Então tem uma série de questões que nossa formação não dá conta, eu acho que a auto crítica é importante e acho que não faz bem pra criança a invisibilização. (NÓBREGA, 2019)

O professor Leonardo Miguel associa este desconforto entre a reflexão e a ação do seguinte modo:

Em primeiro lugar, você está em um ambiente de trabalho, é um ambiente de trabalho universitário, de nível superior que o transito, o modo de trabalhar, com quem esperamos trabalhar, são os jovens com mais de 16, 17 anos de idade, pra cima. Eu por exemplo não sei lidar com crianças, eu não sei falar com elas, primeiro porque eu não quero tratar mal tipo, “ôôô...sai daqui”. Eu não vou ficar tocando criança como se toca boi, fico muito sem graça, é descontável pra mim, se nem com cachorro eu faço isso , imagina com criança. É muito desagradável. Ao mesmo tempo isso me causa uma certa dissonância cognitiva em mim. Porra, eu tô aqui, sentado pra fazer meu trabalho, uma rotina, ainda tenho que lidar com filho dos outros, crianças dos outros, num ambiente que não é pra eles, ficar correndo, porque eles ficavam correndo, é para eles fazerem outras coisas. Havendo extensão ou pesquisa ou alguma coisa voltada para eles, mas no âmbito da qualquer universidade, que é conhecimento, esse é o valor primordial (MIGUEL, 2019)

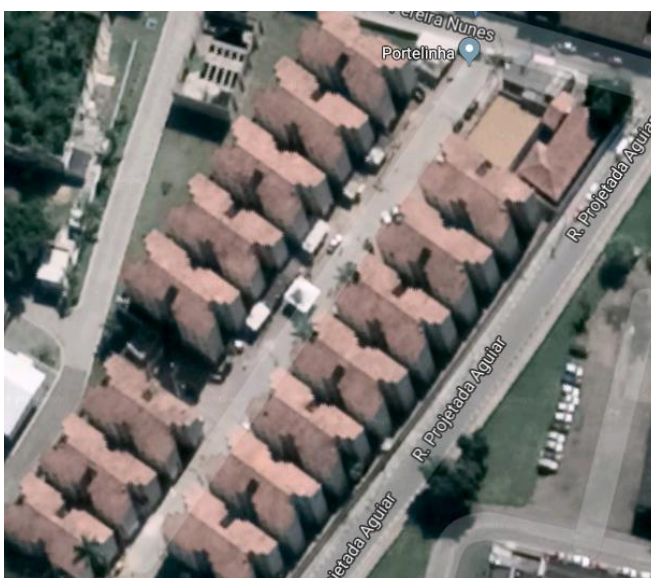
Assim como em outros casos, como no caso do racismo por exemplo, torná-los invisível, ou seja, deixar de considerar a sério formas e estratégias de tratamento e relação com os indivíduos teria um certo e. “Se não grito ou expulso-os daqui, eu estou fazendo a minha parte na integração das crianças à universidade

Engraçado que eu tenho uma relação mais tranquila com meninos do que as meninas, sei lá, as meninas são mais atentada, os menino mais tranquilo, muito tranquilo (PETRESKI, 2019)

Esses jovens e crianças negras vivem e circulam pela região da UENF sempre constrangidos no sentido de limitados pelo impedimento físico, o Rio Paraíba, e os condomínios e asfalto que representam a limitação social da convivência. Além disso, há o componente da limitação econômica já citado: são populações de baixo poder aquisitivo, e que dado esta condição econômico-social circulam e utilizam os dispositivos urbanos de modo muito específico: estudo e trabalho. Chama a atenção na conversa com os meninos que entrevistei formal ou informalmente, como a realidade de circulação deles está circunscrita à Portelinha e, quando muito à UENF, como espaço público. O Centro da cidade, muitas vezes, é uma realidade distante

deles. Apesar de todas as devidas críticas à aplicação do conceito à realidade e das favelas brasileiras, parece-me mesmo que os moradores da Portelinha experimentam uma **sensação de gueto** isto é, das quatro características que Wacquant (2005) identifica na constituição do gueto moderno, pelo menos três podem ser percebidas – com algum grau de flexibilidade – na Portelinha: o estigma, o limite e o confinamento espacial. Estes moradores, e em especial os jovens e crianças de lá sofrem com o estigma do crime e da violência, estão limitados física e economicamente pelo cenário já descrito da região e estão confinados naquele conjunto e seu entorno. De acordo com DaMatta, *“E isso aqui é o quintal deles, eles estão aqui do lado, Portelinha é cimento puro, você sai da Portelinha tem um jardim, gramadão. E a universidade você entra livre”* (2019).

Figura 46: A Portelinha vista de cima

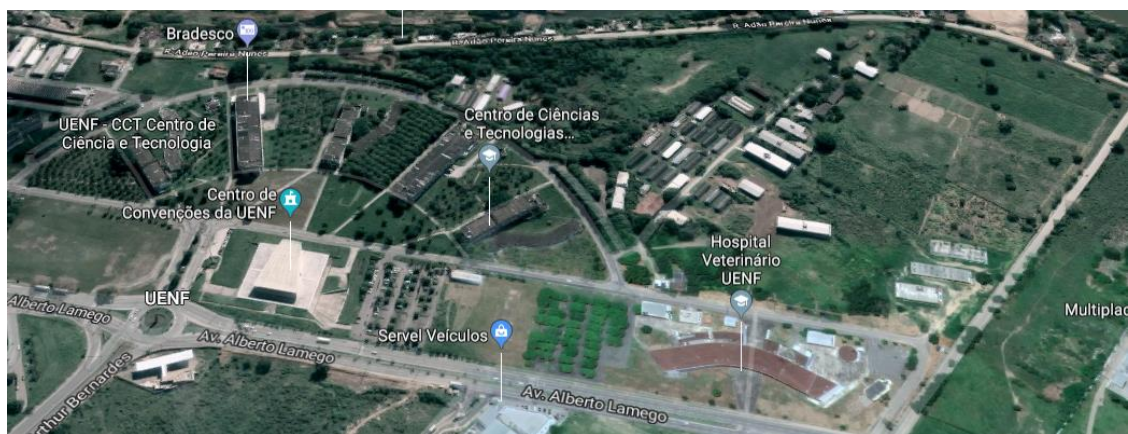


Fonte: Googlemaps

A UENF se configura como o único espaço de socialização em área verde, aberta, relativamente livre de ameaças violentas e público no entorno da Portelinha. “A UENF é nosso quintal⁸⁹” foi uma frase que ouvi de Rodrigo pelo menos duas vezes enquanto convivi com ele na UENF e na Portelinha.

⁸⁹ Segundo Jane Muniz foi um professor do CCH quem conversou com os meninos e afirmou para eles que a UENF era seu quintal. A frase, segundo ela, foi incorporada por eles e passou a fazer parte do vocabulário dos meninos no dia-a-dia. Isso diz muito sobre como a interação é complexa e complementar. Os signos são apropriados e instrumentalizados pelas crianças

Figura 47: UENF e suas áreas verdes



Fonte: Googlemaps

A identificação deste cenário social, racial e econômico torna ainda mais problemática, tensa e importante a discussão sobre o significado da UENF para esta população pobre, negra e jovem da Portelinha. Esta disposição da favela em relação à universidade e outros espaços da região é completamente diferente de outros espaços segregados de Campos que possuem um distanciamento físico muito grande. A Portelinha não: ela está próxima, do lado, atrás de uma série de dispositivos urbanos importantes mas, ao mesmo tempo, está muito distante. A proximidade física com os condomínios do entorno mas a distância social e econômica tornam estas duas realidades quase ininteligíveis.

4.2. Os diferentes grupos de meninos e meninas e suas representações sobre a UENF

Muitos são os meninos e meninas que circulam pela UENF. Na verdade, é até difícil descrever a totalidade daqueles que circulam pela universidade, mas com observações que foram feitas e as conversas, identificamos quatro tipos diferentes de grupos de moradores da portelinha que circulam pela UENF: homens trabalhadores, jovens meninos entre 15 e 30 anos, crianças e adolescentes meninos de 08 a 15 anos e meninas de 10 a 18 anos.

4.2.1. Representação da UENF como espaço de trabalho

Os primeiros são representados por moradores que usam a universidade com um meio de obter fonte de renda: alimento para cavalos, capim, galhos secos e madeiras que são descartadas pela universidade.

Figura 48: Circulação de animais pela UENF



Fonte: acervo pessoal

Figura 49: Adolescentes ajudando seu pai com carroça



Fonte: Luiz Henrique Gomes Moraes

Nas imagens acima, há a presença do elemento acima: pessoas a trabalho na UENF. É comum se observar essas pessoas circulando na universidade. Estabelecendo uma relação com o que já foi discutido antes, esse grupo de moradores

ainda possui uma relação com a universidade de sustento e obtenção de renda da terra e do seu produto.

Figura 50 e 51: Aproveitando o que UENF dá: capim



Fonte: Acervo pessoal

Os laços sociais da agricultura e da pecuária campista não se perdeu totalmente. A herança da monocultura do açúcar se faz presente nas pessoas que ainda estas formas tradicionais de trabalho no espaço universitário. É a primeira representação do espaço que aparece na análise dos dados observados: a UENF surge como fonte de renda, de obtenção de produtos agrícolas básicos como capim ou madeira e mesmo como pasto para animais.

4.2.2. A UENF como espaço de prática esportiva

Ao lado delas há um segundo grupo que identifiquei: o dos jovens entre 15 e 30 anos. Estes tem uma circulação mas restrita durante o dia e uma presença mais marcante em um local específico da universidade: a quadra de esportes. Em diversas ocasiões pude acompanhar os jovens jogando futsal na quadra da UENF. Dada a proximidade física entre o muro da UENF e a Portelinha, os jovens facilmente entram pela parte de trás, por um espaço na grade, e jogam entre uma hora e meia a três horas de futsal. Eles tem em média 20 e poucos anos, a maioria não trabalha, mas alguns até tem filhos. Este cenário onde jovens “nem nem”, ou seja, nem estudam e nem trabalham foi analisado comparativamente Brasil e Europa por Adalberto Cardoso (2014) e se configura em outro fenômeno que não é apenas local. Manter contato com este grupo é desafiador pois eles são mais fechados do que as crianças, muito embora a pouca idade das crianças dificulte o trabalho de obtenção de pistas para tentar pensar as questões do trabalho. Fora o elemento do esporte como algo que marca esse grupo, chama a atenção um outro ponto que acredito ser importante

para explicar o tipo de sociabilidade que estes jovens tem em comparação, por exemplo com as crianças de menor idade: o estigma. Mas quando falo estigma, me refiro a um certo tipo de estigma bem localizado: o negro violento.

Eu acho que eles estão tendo uma renovação, os maiores crescidinhos estão trazendo os mais novinhos. Mas sempre é o mesmo número de pessoas. Mas ai acho que é o pessoal querendo botar alçapão, pegar passarinho, então a gente tem muito canarinho da terra, a criançada está mais é rondando por aqui mesmo por onde tem futebol e de **tarde você vê um grupo mais misturado de jovens maiores e crianças.** [...] **De tarde eles estão misturados então, mas sempre na quadra e ao logo do dia a criançada mais solta** (REZENDE, 2019).

Figura 52: Adolescentes e jovens indo para a quadra jogar futsal



Fonte: Luiz Henrique Gomes Moraes

Esses jovens de idade entre 15 e 30 anos já são fisicamente adultos, seus corpos já possuem todas as marcas da maturidade: músculos, a altura, o peso. Todos estes elementos reconstróem uma imagem estereotipada do negro como um potencial risco à segurança. O medo representado por esse grupo de jovens negros é diferente do conjunto de crianças entre 08 e 15 anos que circulam também pela universidade. Ele se liga, de certa forma ao medo cristalizado na figura do jovem negro que vai à praia no Rio de Janeiro. Saindo de uma região periférica e levando apenas o dinheiro

da condução – muitas vezes só com a passagem de ida – recai sobre esse jovem a imagem de potencial criminoso, participante de um arrastão ou coisa semelhante.

Para ilustrar essa situação, há uma situação que merece ser descrita. No dia 27 de novembro foi organizada uma atividade cultural em homenagem à Marielle Franco, vereadora negra, lésbica periférica e do PSOL que foi brutalmente assassinada juntamente com seu motorista Anderson, emboscados por sabe-se quem dado que até o momento não foram responsabilizados pelas autoridades competentes. Danças, canções, apresentações teatrais foram organizadas na sede social da ADUENF – Associação dos Docentes da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Além destas atividades, organizou-se também um café para os convidados, estudantes da UENF, da UFF do IFF e também professores e movimentos sociais. Até aquele momento, apenas quatro meninos da Portelinha de 8 a 12 anos estavam circulando e participando das atividades.

Figura 53: Meninos da Portelinha (Jorge, Saulo, Igor e Elias) na atividade em homenagem à Marielle Franco



Fonte: acervo pessoal

Num dado momento, se encaminhou para a placa de Marielle que seria inaugurada na sede da ADUENF. Neste momento, apenas eu e mais um amigo estávamos no espaço onde ocorreu o café, o restante dos convidados estava a 15 metros iniciando a cerimônia de inauguração da placa. Um grupo de jovens que

estavam jogando bola na quadra chegaram e nos pediram lanche e/ou suco. Eram uns 15 a 20 adolescentes e jovens entre 15 e 25 anos, todos negros e que pediam suco, estavam ofegantes pelo jogo, falavam muito alto, brincavam entre si com apelidos e xingamentos e havia uma dificuldade muito grande de lidar, conter ou controlar aqueles meninos. Já havíamos conversado com eles várias vezes na Portelinha e na UENF, eles não eram desconhecidos, mas naquele momento a pulsão era maior. Enquanto tentávamos oferecer a eles o que havia sobrado do lanche, o restante dos sucos, o café, e o açúcar para adoçá-los, pedíamos para eles falarem um pouco mais baixo por ocasião da homenagem à Marielle que ocorria naquele instante. Em vão. Com a mesma rapidez como esse vento negro chegou ele foi, e a interação entre nós foi mediada pela dificuldade de produzir um ordenamento que permitisse que a homenagem se completasse sem sobressaltos. No meio da fala de uma das convidadas, a professora organizadora do evento se dirige a todos eles solicitando um pouco de silêncio para o andamento da cerimônia. Ao descrever esta cena com estas palavras, tenho muito medo de estar essencializando estes jovens e reproduzindo representações preconceituosas. Mas o que gostaria de demonstrar é a dificuldade da interação e do estabelecimento de uma gramática de relações e comportamentos com eles apesar do contato e do convívio quase que semanal com estes grupos de jovens. Ao mesmo tempo, acredito que há também, por parte deles um cuidado também em relação a certos tipos de interação dentro da UENF, interações estas que podem reiterar estigmas e preconceitos. Por isso acredito que o tipo de circulação deles é muito mais restrito e complexo.

Para esse grupo, a UENF representa um outro espaço diferente do primeiro das questões econômico tradicionais em Campos. Para essa juventude em processo nem nem exclusão (CARDOSO, 2014) a UENF é um espaço de lazer e de diversão. Mais do que um espaço de ganhos econômicos, ela se configura como um ambiente de diversão, de manifestação dos impulsos e das paixões esportivas nas quadras e no campo. Esses jovens circulam muito mais restritivamente pela universidade. Nos quase 4 anos em que circulo pela universidade quase que semanalmente, poucas vezes vi jovens entre 15 e 30 anos em outros espaços que não nas quadras.

De fato a gente não tem relato de pessoa mais lá pro Hospital Veterinário, no CCTA, nada disso. Nem na lanchonete, o pessoal usa mesmo é a quadra...(PASSONI, 2019)

Segundo o Reitor prof. Passoni foi necessário um processo de negociação entre os estudantes e os moradores da Portelinha para que se definisse os horários das práticas dos esportes dos grupos. Isto sugere uma certa integração e uso do aparato da universidade onde se está junto mas separado, na medida em que se definem os horários de funcionamento da quadra para um e para outro grupo, mas não momentos de uso comum do espaço.

E Essa questão [da integração e interação entre comunidade do entorno e comunidade acadêmica] ela é bem exemplificada, no uso das quadras. A Comunidade começou a usar a quadra, daí fomos lá, conversamos com pessoal, acertamos a modificação dos horários, foi tudo compreendido e tudo deu certo, então esse é um bom exemplo, eu acho que, é, tem essa questão um pouco, da questão de ficar testando os limites, e tal, mas a gente consegue acertar os interesses. Eu acho que a gente aprofundando nesse atendimento com a questão das atividades esportivas, o pessoal da ProGrad está para lançar um pibid institucional e um dos primeiros projetos é de reforço escolar. (PASSONI, 2019)

Esse argumento do uso do espaço a partir do esporte suscita outro: há uma passagem gradual de grupo em que os meninos que vão atingindo a fase adolescente passam a frequentar com menos ímpeto os projetos sociais (como a Capoeira) e a frequentar menos a UENF em quaisquer horários. Não foi possível explorar os motivos desta mudança, mas ela é descrita por vários entrevistados e pode ser observada por mim mesmo: num intervalo de 1 ano os grupos que frequentam a universidade vão mudando. Isto dificulta ainda mais os projetos e o acompanhamento dos meninos.

4.2.3. A UENF para as meninas: da dificuldade do campo e da pesquisa

O terceiro grupo que percebo circular pela UENF é o das meninas, tanto crianças quanto adolescentes e jovens. De todos os grupos é aquele que menos consigo estabelecer contato. Elas estão lá, elas circulam, mas por meios muito diferentes dos meninos com quem convivo e acredito – embora isto demande uma pesquisa maior que não é o foco da dissertação – que isso se deva a dois fatores: um é de ordem da distinção dos grupos mesmo. Estas meninas constroem grupos específicos de amigas e tem suas próprias brincadeiras. Isso gera uma distinção de atividades e interesses entre elas e os meninos.

Engraçado que eu tenho uma relação mais tranquila com meninos do que as meninas, sei lá, as meninas são mais atentas, os meninos mais tranquilos, muito tranquilo (PETRESKI, 2019)

O segundo motivo que acredito ajude a explicar a diferença entre a circulação delas e dos meninos é a questão de gênero. Não foi possível explorar esta dimensão

até pela dificuldade de lidar e me aproximar das meninas. Das vezes que tentei elas foram menos abertas. Também não insisti para não causar desconforto. Uma possibilidade que acredito que possa aparecer na pesquisa sobre esta dimensão e com esse público é a da construção social dos comportamentos aceitos e desejados entre homens e mulheres. A circulação deles se daria de modo exploratório, ao passo que a circulação delas seria de modo defensivo, mais recluso à casa e à Portelinha. Até porque se se repetir certos padrões de comportamento das obrigações domésticas na Portelinha, muitas delas cuidam de aspectos domésticos e dos irmãos menores. Ou seja, os meninos seriam mais livres e conseguem circular mais facilmente pelos espaços da universidade dado sua condição de macho numa sociedade patriarcal. Já as meninas, seriam colocadas numa posição de restrição da circulação maior do que eles, ficando mais circunscritas à própria Portelinha. Utilizando as categorias de Elias (2000), de certa forma os meninos estariam mais estabelecidos no espaço, enquanto elas seriam mais próximos do que Elias chama de *outsiders*. Isso tem como uma de suas consequências o próprio estabelecimento de mais relações entre os meninos e a UENF do que entre as meninas e a Universidade. Esta é uma impressão da pesquisa que merece uma atenção maior e não foi objeto neste trabalho. Inclusive os comentários sobre elas são de elas dão um pouco mais de trabalho no trato do que os meninos. Isso quebra aquele estereótipo de que as meninas são mais quietas que os meninos, e problematiza a circulação e as dinâmicas de interação com a universidade. Como representação, esse grupo é o que mais tenho dificuldade de compreender o que a UENF significa para elas. Portanto, não apresentarei resultado, mas deixo em aberto para eventuais pesquisas futuras pensar esta questão.

4.2.4: A UENF é meu quintal: infância na universidade

Por fim, o quarto grupo que identifiquei circulando na universidade é o que mais consigo estabelecer contato. São crianças e adolescentes entre 08 e 12 anos que passam boa parte do dia pelo CCH – Centro de Ciências do Homem – e as dependências próximas, a ADUENF, o estacionamento do CCH (onde tive o contato com o grupo de meninos em 2016) e o RU – Restaurante Universitário.

Figura 54: UENF vista de cima



Fonte: Pedlowski.⁹⁰

O espaço onde está o círculo vermelho é onde se localiza o CCH, o estacionamento do CCH (entre as árvores) e a Piscina da universidade. No retângulo amarelo se localiza a ADUENF (entre as árvores na parte de baixo), a quadra, a garagem dos veículos da universidade e o muro/cerca da UENF. Estes são os espaços principais de circulação do grupo de crianças e meninos. Quando indagados, as respostas que eles dão são sempre claras: ali no CCH eles não são incomodados pela segurança nem por outros funcionários, as “tias e tios” – professoras e professores do Centro – deixam eles ficarem ali.

⁹⁰ Link: <https://blogdopedlowski.com/2017/02/16/novo-roubo-em-unidade-experimental-mostra-quao-elusiva-e-impossivel-e-a-vida-dentro-da-uenf-sob-ataque-do-des-governo-peza/uenf-1-5/#main> Acessado em 09/12/2018

Figura 55: Saulo, Vitor e Marcus brincando de sinuca na lanchonete na UENF



Fonte: acervo pessoal

Como falei acima, o tipo de estigma a que estes meninos estão submetidos não são os mesmos dos jovens maiores. Dada a pouca idade e a fragilidade física dos corpos magros e a condição em que a interação normalmente acontece, com um pedido de “um real” ou de um lanche, estes meninos possuem em seus corpos uma construção imagética diferente. Praticamente todas as interações começam ou terminam com eles pedindo alguma comida. E a interação sempre produz um resultado: mais meninos vem pedir, num ciclo que, a depender do dia e da atividade que se realiza, inviabiliza a produção dadas as interrupções. Uma das interlocutoras da UENF narra que o trabalho às vezes é dificultado pelas interrupções que os meninos fazem para pedir biscoitos, sucos e balas. Até porque, a UENF está ali, 24 horas, 7 dias por semanas demonstrando-se um espaço de fartura, um lugar de riquezas e que, nas suas diferenças, aqueles que ali circulam ou vivem, estudantes e professores principalmente, são de uma classe e poder aquisitivo muito distinto dos moradores da Portelinha.

Para o professor Nóbrega, essa relação com a comida guarda um elemento ético-religioso sobre como se dá a relação entre os professores e funcionário e as crianças e suas motivações

Na base do improviso, da formação humanística, sei lá, dos valores, que é assim Tenho uns colegas, de bom coração, que operam na base da caridade cristã, dá um bolinho pra criança que está passando, que é uma medida muito pontual mas que não acho que seja a melhor forma de lidar com isso. Eu não

tenho treinamento, não tenho qualificação. Eu só sei que a saída autoritária é a pior dela e eu não faria. (NOBREGA, 2019)

Entretanto, é importante compreender, como já dito, que o pedido de comida não é apenas a busca do alimento, mas pode ser representativo de uma luta inconsciente pelo reconhecimento. Rememorando a cena do remédio para gripe, entendi que o remédio não era apenas remédio mas também reconhecimento da existência e também instrumento de mediação e de construção da interação. Do mesmo modo que o cigarro tem um papel de construir algumas interações, o remédio ou a comida, nesse caso, também o tem.

4.3. O caso Rodrigo

Minha amizade com Rodrigo – filho de dona Márcia que foi apresentada no capítulo dois deste trabalho – começou a se estabelecer em uma tarde agradável de segunda-feira no estacionamento do CCH. Lembro-me de ter visto meninos circulando pela UENF antes – e de ter ouvido histórias (ou seria estórias?) sobre eles, mas foi a primeira vez que fui abordado por algum deles. Ele me pede pra lavar o carro. Argumento que não tinha dinheiro para a lavagem a seco e ele, com um sorriso no rosto diz que tudo bem. Junto dele mais dois ou três meninos, crianças com menos idade que Rodrigo, todos negros, descalços, com roupas simples e com baldes nas mãos. Pergunto onde eles conseguiriam água pra lavar o carro, ao que ele responde que ali perto tinha uma torneira que fornecia água para o empreendimento deles. Me despeço com a promessa de que numa próxima oportunidade eu traria dinheiro para que eles pudessem lavar o carro. Seria uma das vários encontros que eu teria com Rodrigo no ano de 2016.

Essa foto abaixo é de 2018 e não apresenta Rodrigo nela, mas acho importante coloca-la aqui porque ela apresenta algumas informações que julgo pertinentes e se relacionam ao que foi discutido acima. A primeira delas é que foi tirada no estacionamento do CCH, um dos local onde diversos interlocutores afirmaram que é onde os meninos da Portelinha mais ficavam pedindo dinheiro e brincando. O segundo elemento é o da falta de calçado que será explorado mais abaixo. Mesmo assim, é importante pensar na interação com esses meninos se dá a partir desta informação:

a ausência do calçado de dois dos três meninos. A terceira informação importante é o tom jocoso da fotografia. Quando pedi que fizessem uma pose, eles logo se postaram desta forma. De fato, estão brincando no espaço, correndo e brincando e adoram ser fotografados. A quarta informação é o tamanho e idade dos meninos. Todos tem menos de 10 anos.

Figura 56: Vitor, Saulo e Jorge no estacionamento do CCH (2018)



Fonte: acervo pessoal

Retornando ao caso Rodrigo, uma semana se passou e eu retornei à UENF, novamente numa segunda-feira, novamente de gol bege 95. Desta vez encontro Rodrigo e seus amigos no estacionamento, os cumprimento e eles logo me perguntam se eu vou lavar o carro. “Sim, claro. Promessa é dívida”, respondi. Abro a carteira e deixo com ele R\$ 5,00 correspondente à lavagem do carro. Me despeço, entro no CCH, subo as rampas e entro na sala de aula. Quando retorno ao estacionamento, já próximo das 18:00 encontro o carro lá, muito bem limpo e com “cara de novo”. Vou para casa satisfeito pelo debate em sala de aula e também por ver que os meninos estão fazendo “algo produtivo” com o tempo livre que eles possuem. Isso claro, sem discutir nem refletir muito bem o significado de uma criança estar trabalhando como lavador de carro num espaço universitário, nem participando da extensão ou outra atividade acadêmica.

Figura 57: Leandro, Anderson e Rodrigo parabenizando a professora Luciane Soares na sede da ADUENF pelo seu aniversário em 2017



Fonte: Acervo Luciane Soares

No ano de 2017 quando saíamos de uma aula às 18:00 encontramos, nas rampa de acesso ao CCH pelo menos 4 crianças descendo a rampa com um “carrinho de rolemã”. Conversamos com eles e pedimos que evitassem descer naquele horário porque era o horário em que os alunos estavam saindo de suas aulas e eles deveriam ter mais cuidado até. Em outro momento, ao sairmos – nós aqui somos os colegas de turma – encontramos os meninos andando de bicicleta pelo CCH. Após alguns minutos de conversa eles continuam a andar e nos deixam. O que esta e outras situações demonstram é o papel que a universidade tem como espaço de socialização, de “ver gente”, e de lazer para estes adolescentes e crianças. Quando foram indagados por mim do por que virem para a UENF, um dos meus interlocutores mais próximos, Rodrigo, me diz: “aqui é o nosso quintal”. Uma frase tão simples, tão singela mas que revela muito. A UENF é, para eles, muito mais que um espaço de crescimento acadêmico e de obtenção de diplomas, é o espaço por excelência onde

muito deles podem ser crianças, podem brincar, correr, se divertir sem os riscos do rio, os riscos do asfalto ou do tráfico.

Segundo a professora Lilian César na entrevista realizada, é interessante recuperar a dimensão da memória social do Projeto Recreando que os pais destes meninos e meninas participaram. Como a memória social pode criar representações duradouras e transmissíveis. Como frequentaram a universidade na idade dos filhos no projeto, conhecem o ambiente e sabem o que esperar da presença dos filhos. Em meio a tantos potenciais problemas, seja o Rio, o tráfico ou o asfalto, a UENF surge como um espaço de “segurança”, um lugar “seguro” em comparação a outros locais de circulação dos meninos e meninas. Essa é uma possível extensão do trabalho que não foi possível cobrir aqui. Até que ponto os pais das crianças que circulam aqui sentem que a UENF é um ambiente seguro ou mais seguro e se isso possui relação com a relação deles com a UENF via Projeto Recreando ou outras ações.

Encontrei Rodrigo em Novembro de 2017 no estacionamento da UENF, o mesmo em que eu, uma ano e meio antes, havia conhecido ele e outros meninos. Desta vez Rodrigo não estava sorridente e com baldes, panos úmidos e outros utensílios de lavagem nas mãos. Estava à cavalo e com um semblante um pouco triste. Comento com ele que ele andava sumido, que eu não estava encontrando com ele por ali e ele me diz que “não tenho vindo muito aqui mais não”. Pergunto – já imaginando a resposta – o porquê e ele responde que é por causa dos problema que eles estavam tendo ali na UENF. Neste um ano de diferenças de um encontro e outro, nos vimos por dezenas de vezes, conversamos umas tantas, outras só nos vimos à distância, mas sempre que possível – e isto era praticamente em todas as vezes – nos cumprimentávamos com um aperto de mão e um “soquinho” e trocávamos algumas informações. Seja no estacionamento do CCH ou nas dependências do CCH – no saguão, próximo à xerox ou mesmo descendo de carrinho de rolimã as rampas do prédio – Rodrigo e seus amigos estavam lá, brincando, conversando, se divertindo e interagindo com vários alunas, alunos e professores. Lembro-me de uma vez que nos encontramos próximo à lanchonete que fica perto do CCTA e ao pergunta-los sobre as reclamações que estavam fazendo sobre eles ficarem na UENF circulando, Rodrigo me diz: “aqui é como nosso quintal, não tem quintal ali pra gente ficar e brincar”. “Ali” que ele se refere é a Portelinha, conjunto habitacional que se localiza atrás da UENF e que não possui nenhum tipo de praça ou ambiente com árvores, grama, espaço ao ar livre para que crianças possam brincar. Neste período, muitas

foram as acusações a todos os meninos da Portelinha: causarem tumulto, roubos, invasões a espaços e laboratórios da UENF, por tomarem banho na piscina da UENF, pedirem dinheiro e comida de forma agressiva em estacionamentos – inclusive algumas destas reclamações foram vivenciadas por mim em sala de aula. Sempre generalizando e tratando os meninos e meninas que ali circulavam como se pertencessem ao mesmo grupo com os mesmo interesses e como se eles tivessem menos direito de estarem ali do que outras pessoas. A sensação era que eles atrapalhavam.

Até janeiro de 2018 não ouvi informação nem vi Rodrigo novamente. Recebi informações dele no dia 06/01/2018 quando soube de seu envolvimento numa tragédia na Portelinha. Rodrigo foi buscar algo para algumas pessoas ligadas ao tráfico num dos apartamentos do conjunto habitacional e encontrando e brincando com uma arma de fogo, a arma disparou acidentalmente atingindo um dos colegas e meninos que também circulavam pela UENF.⁹¹ Na manhã seguinte, dona Márcia conduziu Rodrigo até a delegacia, apresentando-o. Chamou a atenção o tratamento que o poder público deu ao caso.

A delegada que estava de plantão na 134ª DP na tarde desta sexta-feira, Juliana Calif, informou à reportagem da Folha da Manhã que a delegada adjunta Nathália Patrão, responsável pelo plantão anterior, entendeu a versão do garoto como fantasiosa, e, por isso, o autuou por fato análogo ao homicídio doloso. Ele foi encaminhado para o Juizado da Infância e da Juventude. Já o corpo de Victor Hugo foi removido para o Instituto Médico Legal (IML) de Campos. A família da vítima não quis comentar o ocorrido à reportagem.⁹²

Chama atenção a maneira como o operador do direito “entende como fantasiosa” a versão apresentada por Rodrigo. Parece que se reproduz-se a ideia de que uma criança, um adolescente negro e de periferia já possui total consciência dos atos, e que todos os atos são intencionais. Neste sentido, o encaminhamento dado sugere que Rodrigo, consciente do que fez deve ser punido por ato análogo ao homicídio doloso. Neste sentido foi encaminhado ao Degase – Departamento de Geral de Assistência Socioeducativa – e lá teve de conviver e lidar com toda uma nova situação. Rodrigo foi exposto a todo um universo de situações que podem deixar marcas severas nele, na sua visão de mundo e na sua percepção da realidade por muito tempo. Sem contar o fato de que dentro da Portelinha e mesmo dentro da UENF,

⁹¹ Sobre a repercussão da mídia local, ver: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/cidade-alerta-rj/videos/adolescente-e-suspeito-de-matar-a-tiros-menino-de-12-anos-21022018> Acessado em 19/05/2018

⁹² <http://www.folha1.com.br/conteudo/2018/01/geral/1229112-menino-de-11-anos-morre-com-um-tiro-na-cabeca-na-portelinha.html> Acessado em 19/05/2019

esse fato poderia expô-lo a uma série de preconceitos e estigmas que intensificariam a segregação.

Em fevereiro de 2018 visitamos o Juiz que no momento estava de plantão. Chamou muito a atenção a maneira como o juiz estava adotando uma postura mais proativa, diria até com certo grau de animosidade e agressividade retórica, no contato. Quando fui apresentado pela professora Luciane Soares ele logo comentou: “você está me gravando, tá me pesquisando?”. E a cada comentário que fazíamos buscando entender dos motivos da decisão de encaminhar Rodrigo para o Degase e do que poderia ser feito para auxiliá-lo, a fala do juiz ia sempre num caminho semelhante: “estou falando aqui como amigo...não posso entrar em detalhes”. Chegou ao ponto de em certo momento quando indagado sobre a possibilidade do CCH, mais especificamente do Núcleo de Estudos Cidade, Cultura e Conflito – NUC – de desenvolver trabalhos em parceria com o Tribunal dele perguntar se “a pesquisa seria séria ou ideológica, só pra falar mal do Direito ou da Justiça?” A interação seguiu assim até o final. O único encaminhamento que obtivemos era de que o fato de Rodrigo estar estudando seria importante para auxiliá-lo no processo. Nada mais.

Hoje Rodrigo se encontra fora do Degase mas não retornou para a Portelinha. Dona Márcia também se mudou para acompanhá-lo e perdi o contato com os dois, mas acho importante refletir sobre como a história de Rodrigo e dona Márcia está vinculada à da UENF. Esse caso pode ser exemplar de uma série de pessoas que se relacionam com a universidade há muitos anos e como a instituição desempenhou e desempenha um papel importante na vida delas. A professora Lilian César foi taxativa ao afirmar que o fato narrado acima causou um importante influxo na presença de meninos e meninas da Portelinha na UENF. De fato, foi possível perceber uma diminuição na frequência dos meninos na UENF.

Mas o relato, além disso, é importante para pensar e discutir de que modo o Direito e mesmo Jornalismo e a mídia podem auxiliar no processo de estigmatização e reproduzem certos preconceitos e imagens estereotipadas de crianças e jovens moradores de periferia e favelas.

4.4. A Interação e Circulação na UENF e os símbolos de Estigma

Além de tudo isso, outros elementos importantes na discussão sobre as representações sobre a UENF e sobre si dizem respeito à apresentação dos meninos.

Figura 58: Alguns *símbolos de estigma*



Fonte: Acervo pessoal

Um dos *Símbolos de Estigma* (GOFFMAN, 1982) mais impactantes é a ausência de sandálias, chinelos, tênis e sapatos. Historicamente no Brasil os negros libertos possuíam sapatos. Esse era um indicativo de distinção entre negros livres e escravizados. As representações de negros nos séculos XVIII e XIX principalmente retratam negros descalços para demarcar esta posição de escravizado na sociedade brasileira.

Chama a atenção a quantidade de meninos e meninas que não utilizam chinelos e circulam pela UENF desde cedo até de noite. Lá eles correm, brincam, caem, sobem em árvores e andam no sol quente e que esquenta o piso e o asfalto da universidade. Esse é mais um traço característico de uma herança social, cultural e econômica principalmente da estrutura social baseada na cana na região de Campos dos Goytacazes. Ligado à não utilização de sandálias, outros *Símbolos de Estigma* são as manchas na pele e a aparência de subnutrição.

Figura 59: Senhora na Liteira com dois escravos



Fonte: autor desconhecido, Bahia, 1870⁹³.

Quando conheci Rodrigo em 2016 a primeira coisa que se destacou em sua aparência era o rosto manchado de branco, fruto possivelmente do “*Pano Branco*”, doença comum oriunda do consumo de água imprópria ou por circulação em áreas de esgoto. Além disso, ao observar o trânsito dos meninos da Portelinha, chama a atenção a baixa estatura e o pouco peso que eles possuem. Todas estas informações são lidas sempre que um estudante ou um professor interagem com eles. E isso tende a direcionar um certo comportamento de aceitação ou conflito.

Tem muitas [representações sobre as crianças da Portelinha]. Tem gente aqui que é preocupada, que colabora, basta ver que quando a gente faz campanha de agasalho e brinquedos, as pessoas participam. Agora tem pessoas que realmente acha que é um incômodo a garotada ficar rondando aqui. Dos alunos, eu vejo que os alunos são muito mais amigáveis, até quando a gente dá festa na ADUENF a garotada fica aqui brincando, então a gente dá comida e os alunos interagem bem, pelo menos um grupo, eu não posso responder pelo universo. Porque o último ano mostrou muito bem que um grupo de estudantes e professores na UENF se dividem muito bem. Uma classe que eu nem esperava que existia dentro de uma instituição pública, mostrou-se um grupo que reflete o momento atual da sociedade brasileira, um grupo elitista e reacionário que eu acho que se incomoda mesmo com esse tipo de interação. (REZENDE, 2019)

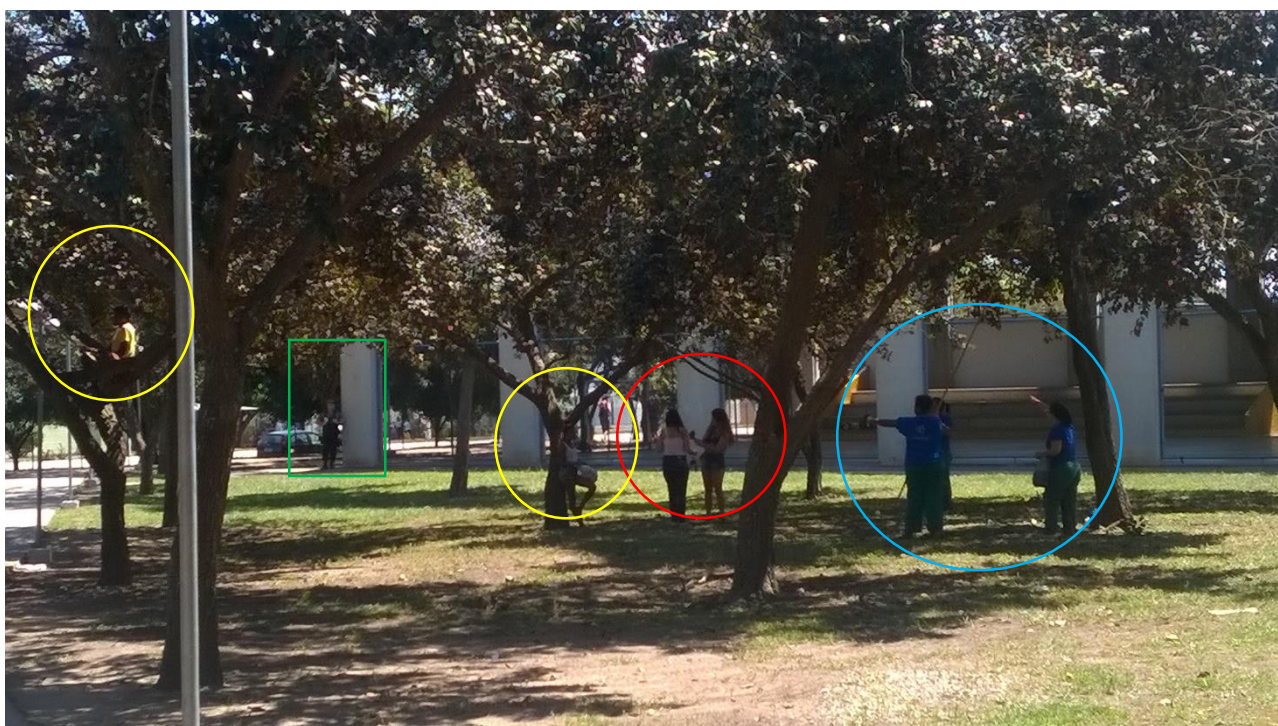
Professores estavam reclamando que tinham pessoas no CCH, crianças gritando, entravam em sala, gritava, correndo pelos corredores. Lá pelo CBB teve gente reclamando com medo de ser roubada, falando que via faca, realmente não sei se existia. Fato é que nunca ninguém foi esfaqueado, nunca houve nada disso. Porque é aquela né, o Witzel hoje disse aquele negócio de “atirar na cabecinha”, então o cara tá andando com um guarda-chuva e pode ser confundido. Porque de repente o cara hoje está com alguma coisa na mão, então o cara joga, porque tá pegando manga, e joga, até um chinelo de longe, dependendo do jeito que você olha, um cara miope como

⁹³ Cf.: <https://laparola.com.br/acervo-de-fotos-historicas-do-brasil-disponivel-no-portal-brasiliana-fotografica>
Acessado em 12/05/2019

eu pode achar que é instrumento. Porque lá no estacionamento do CBB tem muita manga, então a garotada sobe no pé de manga, pra pegar fruta enfim, como qualquer criança. (REZENDE, 2019)

O consumo de frutas pelo campus é frequente, dado que a universidade tem diversos tipos de árvores frutíferas espalhadas pelo espaço dela. O relato do prof. Rezende é importante para demarcar esse elemento fundamental da *miopia* do preconceito e da estigmatização das crianças e adolescentes da Portelinha ao categorizá-los, a priori, como potencialmente violentos. Pensar sobre permite compreender como o amadurecimento destes jovens ocorre tão rápido na interação.

Figura 60: A Interação funcionários, estudantes e crianças e adolescentes da Portelinha no CCH



Fonte: acervo pessoal

A imagem acima foi tirada no mês de outubro de 2018 e é simbólica sob diversos aspectos. Ela reitera a relação apresentada dos meninos da Portelinha com funcionários e estudantes a partir do alimento, no caso abiu (amarelo ou roxo) mas traz outro componente importante: a vigilância constante da guarda da universidade. A relação dos meninos da Portelinha com a universidade é atravessada pela presença da vigilância e mesmo da polícia ou guarda municipal quando da suspensão dos pagamentos à empresa terceirizada de segurança entre 2016 e 2017.

4.5. O caso dos Piolhos.

No final de 2018 um outro fato chamou a atenção: a denúncia de que o CCH, mais especificamente a biblioteca do CCH estaria infestada de piolhos e que provavelmente os meninos da Portelinha seriam os responsáveis por deixar piolhos nos fones de ouvido. O caso ganhou repercussão nas redes sociais – Facebook – e foi tão divulgado que a bibliotecária Jane Muniz teve de vir a público afirmar que não havia infestação. Além disso uma inspeção da reitoria foi organizada para vistoriar a biblioteca atrás dos piolhos.

Você vê que os alunos tem cabelo bem baixinho, não tem condições de ter piolhos naquele cabelo. E eles nem frequentam ali porque eu não deixo. Se eles entram ali é coisa rápida, até a gente ir lá e dizer “sai, aqui não pode!” Eles nunca colocaram fone de ouvido, não ficaram ali, então isso foi invenção, ou da cabeça da pessoa, sei lá, que pegou e viu os meninos e achou que era os meninos, não tem condições, só tinha um fone e nunca usaram. Isso ai foi história, esse rapaz, frequentou muito aqui. Até o pessoal da reitoria veio, nossa Jesus, Kkkkk risos... não tem como. O cabelo das crianças, né, eles são pobrinhos, mas estão tudo de cabelo raspadinhos, pelo menos as mães estão cuidando né, disso, né, nunca, eles vem aqui igual foguete, não teve tempo (MUNIZ, 2019)

O caso dos piolhos retrata bem como estas crianças são estigmatizadas. Na primeira situação de problema, de alteração de uma normalidade dentro da instituição atribui-se a elas a responsabilidade. No caso dos piolhos foi importante a participação dos estudantes e da própria bibliotecária em defende-los e questionar esta narrativa, mas quantos outros casos eles não foram talvez culpabilizados sem que pudessem nem se defender.

4.6. Os casos da brinquedoteca e da piscina

Segundo o site da UENF⁹⁴

Em cerimônia simples, mas recheada de simbolismo, a UENF inaugurou nesta segunda, 31/10/16, a Brinquedoteca do Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL/CCH). Instalada com recursos da Faperj, a nova estrutura vai proporcionar a estudantes de Pedagogia da Universidade e a profissionais da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental uma série de oficinas de criação pedagógica, encontros, exposições, oficinas de música, dança, jogos dramáticos, contação de estórias e artes visuais.

— Será um espaço rico em estímulos prazerosos para crianças na faixa etária entre três e dez anos das escolas públicas e privadas de Campos e cidades vizinhas — explica a professora Maria Clareth Gonçalves Reis, coordenadora do projeto. Para Clareth, a brinquedoteca também pretende proporcionar às crianças o acesso ao “mundo mágico do brincar” e a valorização do brinquedo

⁹⁴ Link: <http://www.uenf.br/dic/ascom/2016/11/03/informativo-da-uenf-03-11-16/> Acessado em 09/12/2018

como fonte de desenvolvimento do conhecimento, da autonomia, da autoestima, do equilíbrio e do respeito ao outro e às regras.

Apesar desta fala, em 2017 ocorre uma situação muito tensa envolvendo os meninos da Portelinha na Brinquedoteca: eles estavam brincando e a Polícia Militar apareceu para retirar os meninos de lá. Alguém ligou para a Polícia. Em seguida o Conselho Tutelar na cidade também aparece para levar os 10 meninos negros que lá dentro estavam. Neste momento, houve a intervenção por parte do corpo discente dos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia e dos professores Maria Clareth, Marcos Pedlowski e Luciane Soares para humanizar o processo e evitar uma situação mais tensa e agressiva. Segundo a professora Luciane Soares da Silva

“Eles iam colocá-los dentro do carro, devolvê-los na Portelinha, naturalizando a percepção de que aquele não era o lugar deles”. Quando eles tentam coloca-los dentro do carro, um deles, que à época era muito pequeno, devia ter, sei lá 5 anos, desanda a chorar e me agarra meio que pela cintura. Tinha um medo da situação ali que pode ser o medo de chegar num carro do Estado dentro da Portelinha” (SILVA, 2019)

O próprio professor Marcos Pedlowski quando entrevistado brevemente relatou o fato afirmando que se dispôs a conduzir os meninos até a Portelinha. Segundo o professor eles estavam com medo de serem colocados no carro do Conselho Tutelar ou da Polícia. Esta cena tem importância ímpar no trabalho dado que a forma como se conduziu todo o processo de retirada dos meninos da brinquedoteca reforça o estigma do criminoso e dos corpos puníveis, reitera uma certa visão de que a UENF não é lugar par os meninos, o no mínimo seu lugar é muito posicionado e específico e que a forma de lidar com eles se dá por intermédio da polícia.

Além de todo o cuidado em seguir as regras sociais legais, ainda há as regras paralelas a que estão expostos pelos grupos que dominam o comércio de drogas nas proximidades de suas casas. A experiência cotidiana desta juventude na Portelinha e arredores se aproxima da discutida por Silva (2016), entendida como a Sociabilidade Violenta (SILVA, 2016) e da Vida sob Cerco (SILVA, 2008). Ainda que sejam conceitos abertos e em construção, eles nos ajudam a refletir das possíveis causas do medo do contato com o poder público, em especial a Polícia Militar. Refletindo, é possível que estas crianças e jovens tenham sempre o risco do duplo estigma: dentro da Portelinha podem ser vistos pelos traficantes como eventuais ameaças se forem vistos com pessoas indesejadas – policiais, por exemplo. Até porque, como os trabalhos de

Zaluar (1994) mostram, as favelas e comunidades possuem códigos morais, éticos e sociais próprios.

[sobre a brinquedoteca] Soube, Eu fui lá inclusive Então, eu não sei direito como começou a história. Eu sei que a Clareth abrigou lá meia dúzia de 4, 5 meninos né, mas ai de novo, eles estavam no estacionamento pedindo dinheiro, alguém chamou a polícia, a polícia veio e teve o conselho tutelar também no meio da história. Mas ai a polícia veio, foi lá enquadrar a molecada. A Clareth abrigou a molecada na brinquedoteca, ai veio o conselho tutelar e mandou as crianças de volta pra casa, não foi isso? [relato a narrativa que ouvi de que um professor os conduziu à Portelinha] Mas o, na letra da lei, o conselho tutelar que deveria fazer esse trabalho, essa situação também foi resolvida com a presença do conselho tutelar. (PASSONI, 2019)

A fala do Reitor da Universidade reproduz a visão legal dos processos que ignora ou minimiza esta sutileza da sociabilidade em periferia. No caso dos jovens e crianças da Portelinha isto tem duas consequências: uma já foi exposta e é o risco da estigmatização por parte de moradores e dos traficantes na medida em que os meninos podem ser vistos como ; ao mesmo tempo, a própria UENF é afetada por esse código moral, na medida em que os comportamentos tendem a ser vigiados no sentido de evitarem-se crimes e atos violentos no seu entorno.

Uma provocação feita pelo professor Leonardo Miguel discute a relação entre medo, universidade e as comunidades do entorno. Assim argumenta

Infelizmente, eu acho que esse contato direto com a comunidade, com problemas, a universidade deveria se preservar um pouco em relação a isso. Por que? Ficar um pouquinho distante das pessoas. Mas a gente tá muito próximo. Porque a questão toda é: eles não sabem muito bem o que a gente faz aqui. Então estamos sempre fazendo esse trabalho de divulgação. Mas no sentido de que eu às vezes fico preocupado se esses contatos essa tentativa de traçar uma relação, mostrar o valor da universidade, não é assim um *cagaço*, tipo: “não invade a gente não, não quebra nós não, não assalta nós não”. (MIGUEL, 2019)

[...] os professores, ver o que é possível fazer, não ficar colocando tarefas impossíveis, não exequíveis, e eles lá, tentar ver se eles tem um pouco de, sei lá, paciência, com a nossa existência aqui, serio, porque se botar, direitinho, lado a lado, nós somos o lado amedrontado, vai chamar o poder público, ai qual braço que vai (...)Eu na boa, (..) Eu duvido que não tenha um (..) escondido na UENF, em algum canto, tem algo, isso foi filmado, não um arsenal, (..) pô, imagina, como é que é, a professora lá do CCTA, que cria orquídeas caras, não é barato, roubaram, invadiram lá final de semana, e você faz o que? Chora... (MIGUEL, 2019)

Faz parte da dinâmica social associada a espaços periféricos e segregados onde o tráfico tem ação importante um certo elemento de controle que minimize a presença do estado representado pela polícia para que as movimentações aconteçam. No caso da Portelinha, em muitos momentos durante a pesquisa de campo percebi a entrada e saída de muitos carros de alto valor e que não condizem

com as condições de moradia da Portelinha. A presença da polícia diminuiria o fluxo de compradores ali presentes. O professor Rezende assim se expressa

isso se deu por conta de risco, de situações que surgiram e você sabe né. Bom eu vivi perto de morro, eu sei que o cara que controla o morro não quer que ninguém roube ali porque o negócio dele não é esse, é outro. Em certos momentos nós tivemos uma certa relação de tensão, que teve até que ter uma reunião, eu não participei mas soube, com a própria gerência do tráfico, não sei até onde isso foi, assim exatamente. Mas parte da comunidade sabe. Pelo menos os que estão aqui há mais tempo sabem. (REZENDE, 2019)

Se elas estão expostas a este risco na Portelinha, ao mesmo tempo, podem ser, e em muitos casos são, estigmatizados por morarem na Portelinha como foi descrito. Além disso, estas crianças e jovens são expostos aos riscos naturais da vida na beira de rios, aos perigos das rodovias movimentadas como a Avenida Alberto Lamego e, acima de tudo, das regras de traficantes locais e da rivalidade entre facções na disputa por posições no comércio de drogas. Entretanto, em diversos momentos, o argumento para um certo limite na circulação dos jovens pela UENF é que é perigoso. A situação que melhor exemplifica esse argumento é o do esvaziamento da piscina em 2016 e 2017 por medo por parte da direção da universidade de que os jovens se afogassem, dado que não havia ninguém responsável por eles.

Houve relatos que até a família deles aparecia aqui no final de semana, e isso é muito grave, a esse papo “ah não porque é público”, mas nós recebemos o dinheiro do público para exercer determinado tipo de serviço. A universidade não é pra ser resort, e tem outra coisa, que era o temor na época, e daí Teresa já pegou essa rebarba porque eles assumiram [nesse período houve eleição para nova reitoria da UENF, vencida pela chapa do professor Luis Passoni e e pela professora Teresa Peixoto Faria] de 2014 pra 2015 que eles entraram, **morre uma criança dessa, uma criança bate a cabeça na quina da piscina, fica pendurada com as pernas rasgada na grade, sacou? Aí a universidade tá na merda. Qualquer coisa que acontecer com essas crianças por aqui a universidade tá na merda. É preciso ter um cuidado de preservá-los e também de nos preservar.** (MIGUEL, 2019)

Ao procurarem um local de lazer, de diversão, de frescor no calor no norte fluminense, encontraram na piscina da UENF esse local de lazer próximo à casa – o “quintal”. Ao mesmo tempo a reação da Universidade, ou a forma como a universidade lidou com a situação, assim como a questão da brinquedoteca, reitera um certo espírito de que “isto não vos pertence”. O argumento do reitor vai em sentido diferente

[sobre o problema da piscina] Ai não teve, quando surgiu problema da piscina surge outro problema da piscina, porque a gente ficou sem o contrato de manutenção. Aí num primeiro momento, o pessoal da terceira idade começou a manter a piscina com recursos dos projetos da terceira idade, mas isso também logo acabou, ai a piscina ficou impraticável. Agora nós vamos retomar o projeto da piscina a manutenção da piscina, mas com segurança. Então o que houve que durante um período, de novo aquela questão, Como não havia autoridade policial, a vigilância, o pessoal começou a testar os limites e ultrapassar os limites e de novo. Estamos fazendo um convênio com

a prefeitura para retomar o uso da piscina pelo pessoal da comunidade, mas agora de uma forma ordenada. A gente não pode liberar a piscina pra uso, não pode. O uso da piscina está necessariamente vinculado a você ter um controle acesso, você ter um guardião da piscina. Isso não é invenção minha, tem que ter autorização é regra pra usar a piscina, se a gente não seguir essa regra, e dá uma azar, e alguém, não precisa nem morrer, mas uma criança quebra a perna na piscina, dá um problemão pra gente. Tem que ter o uso mas um uso regrado. Da piscina com a comunidade, inclusive faz parte do uso da piscina, o problema foi que naquele momento, o pessoal começou a questionar os limites, o pessoal da terceira idade usava a piscina de manhazinha, ai o pessoal começou aparecer e usar a piscina tbm, entrando na piscina e ai incomodou o pessoal que estava ali fazendo aquela atividade da terceira idade. (PASSONI, 2019)

Figuras 61, 62 e 63: Crianças da Portelinha na Piscina – parceria Prefeitura e UENF (2019)



Fonte: Acervo Luiz Henrique Gomes Moraes

Das vantagens de se defender com prazo prorrogado: quando entrevistei o reitor e a vice-reitora, havia a possibilidade de se ter o uso da piscina novamente por parte da comunidade da Portelinha e demais favelas. A argumentação do reitor era de que era preciso paciência e que as mudanças e a incorporação dos moradores não

seria rápida. Mas surpreendentemente em menos de 2 meses após a entrevista já está em andamento o projeto em parceria com a prefeitura de Campos e as aulas de natação já estão em funcionamento.

5. CONCLUSÃO

Concluir um trabalho é sempre uma tarefa não muito fácil. Isso porque, por exemplo, os sentimentos são sempre complexos. Se de um lado estamos felizes por terminar algo, muitas vezes temos a certeza de que o processo está inacabado, de que é preciso retornar e recomeçar pois pontas soltas foram deixadas e merecem ser finalizadas. Também é o caso aqui. Esta dissertação começou a ser pensada em 2016 e agora, em 2019, muita coisa pode ser dita sobre o processo. Começarei por aquilo que confirmei durante a pesquisa. Todo processo de pesquisa e de estudo parte de algumas suspeitas e neste caso, sempre suspeitei que os meninos e meninas da Portelinha eram estigmatizados no espaço da universidade. Além disso, imaginava as condições de precariedade e pobreza em que viviam. Por fim, achava que a experiência de vida destas famílias era perpassada pela dimensão do tráfico de drogas e da violência.

A experiência do campo, da observação e das entrevistas deixaram claro as dificuldades a que estão submetidas estas famílias e crianças. Do ponto de vista do poder público, houve um distanciamento ou isolamento desde a elaboração das moradias até o dia-a-dia da comunidade e dos moradores. Na pesquisa, pode-se perceber a partir das interações e das observações feitas que a Portelinha é um território com uma característica de cor não-branca. Analisando os dados sobre desigualdade e raça no Brasil, a demarcação de cor não-branca na Portelinha deve impactar na renda, educação e desigualdade social, demandando, em se confirmando as impressões da pesquisa, políticas públicas focalizadas nesta população. Outro ponto importante é a dimensão da presença do tráfico na comunidade. Este cenário está presente, e isso cria um conjunto de necessidades e de atenção que não podem ser ignorados por parte dos agentes públicos. Por fim, acreditava que os moradores e jovens da Portelinha viviam num gueto, segregados e isolados do espaço público. O trabalho de campo deixou indicações de que há uma circulação pela cidade, há um uso do espaço por moradores da comunidade, para trabalhar, ir à igreja e etc., mas

que, apesar disso, a geografia (o Rio Paraíba do Sul) e o poder econômico moldando o espaço urbano (condomínios de poder aquisitivo elevado) dificultam o uso da cidade. Sobretudo percebeu-se que não há espaços de lazer e diversão para adultos e crianças e que os serviços públicos são precários na comunidade.

A pesquisa também apresentou informações e dados que desconhecia, que podem ser resumidos na seguinte pergunta: O que eu descobri?

Descobri que a relação entre a UENF e a Portelinha e seus moradores é muito mais antiga do que a crise de 2016. Pelo menos uma parte da população que reside na Portelinha reside na região da UENF há muito tempo, sobretudo a partir dos trabalhos no Matadouro Municipal Modelo. Descobri que a comunidade utiliza a universidade e circula por ela desde sua fundação e que esta circulação se dá a partir de uma série de representações sobre o espaço da UENF que diferem-se das imaginadas quando do desenvolvimento da universidade. A UENF funcionaria como um espaço de lazer, prática esportiva, de brincadeiras, de refúgio, funcionando como um complemento à Portelinha que carece de espaço público de circulação e lazer, áreas verdes para diversão e descanso. Neste processo, a interação com os estudantes, professores e funcionários se dá através do alimento, mas também do medo do roubo e da agressão por parte das crianças e adolescentes. Neste sentido, confirmou-se a impressão de que eles eram estigmatizados, tanto pela imagem da miséria, em especial as crianças menores, quanto da agressividade e da violência, com os jovens mais velhos.

Outro ponto que a pesquisa de campo apresentou foram os conflitos e tensões que surgem, com a circulação das crianças e adolescentes pelo espaço da universidade. Há um equilíbrio muito difícil de ser encontrado, segundo a fala dos funcionários, professores e estudantes, entre a receptividade dos moradores da Portelinha e as dinâmicas de funcionamento da universidade. Esta tensão gira em torno de dois extremos: de um lado a exclusão, ao menos parcial, do espaço da universidade via ação dos guardas impedindo a circulação das crianças e adolescentes nos prédios, de outro, a invisibilização destas mesmas que é tão deletéria nos seus efeitos quanto a exclusão.

Por último, mas não menos importante, descobri que a UENF tem desenvolvido ações e projetos voltados especificamente para os meninos e meninas da Portelinha, mas essas ações são pouco efetivas na sua potencialidade de transformação social.

Isso se deve a dois conjuntos de fatores: de um lado há uma dificuldade institucional muito visível e grave, qual seja, a universidade de certa forma preferencia em muitos momentos a pesquisa e o ensino, deixando a extensão – terceira função da universidade – em último plano. Isso dificulta a relação da universidade com a comunidade de seu entorno, as distancia e torna as ações e eventuais possibilidades de desenvolvimento de novas formas de ação difíceis. Posto de outra forma, a universidade contribui menos do que poderia com o desenvolvimento econômico, cultural, social e mesmo político da comunidade do entorno. Os moradores e mesmo os funcionários da universidade tem uma memória muito viva de projetos de integração da universidade com as comunidades. Associada a essa dimensão institucional do valor da pesquisa e do ensino sobre a extensão, há um elemento orçamentário que cria dificuldades dos projetos serem mantidos no médio e longo prazo e terem sua efetividade mais consolidada.

Paulo Freire (1982) concebe que a extensão não se restringe apenas ao ato de produzir um tipo de conhecimento voltado para a comunidade de fora da universidade, mas que também se constitui como pesquisa na medida em que permite a professores, estudantes, coordenadores e à gestão da universidade repensar as práticas e processos educacionais a partir da troca com a comunidade. Na medida em que se constitui dialogicamente como prática, a extensão também se constitui como pesquisa, tanto pelo seu potencial de experimentação dos conhecimentos construídos dentro dos muros da universidade quanto pelo seu caráter democrático em reconhecer na comunidade externa saberes e conhecimentos válidos para a academia. Neste sentido, a extensão pode perder o potencial caráter de ação voluntária e militante, apenas, e adquire um caráter científico e valioso de produção de conhecimento sobre a realidade social, econômica, cultural e mesmo acadêmica de uma dada sociedade.

O segundo tipo de dificuldades está ligada ao procedimentalismo institucional e formulaico que dificulta o surgimento das novas ações e estratégias e o engajamento nas ações cotidianas. Posto de outra forma, ao dar-se atenção às questões procedimentais e institucionais em demasia, corre-se o risco de se perder nos procedimentos e deixar de agir nas situações que se fazem necessárias. Sobretudo no que se refere à alimentação, vestimenta e calçados sobretudo das crianças, mas também de adolescentes, é fundamental que estas ações andem juntas das iniciativas de extensão que envolvem arte e esporte, correndo-se o risco de se dar atenção

procedimental mas não efetiva às reais demandas de crianças e adolescentes da Portelinha. A arte e o esporte tem um poder real de transformação de vidas, ensinando criatividade, respeito à diferença, desenvolvimento intelectual e físico, capacidade de organização e de controle do próprio corpo no espaço e uma série de outras vantagens. Entretanto, as ações efetivas devem ser acompanhadas de um esforço de criação de novas dinâmicas que insiram as questões reais das crianças e proponham caminhos inovadores, atentos às demandas particulares se se pretende que a universidade desempenhe um papel real de elemento de transformação social.

Por certo que não cabe à universidade, em especial às Humanidades, resolver todos os problemas sociais que assolam as populações pobres do país. Sobretudo num momento em que se cortam investimentos que ameaçam o próprio funcionamento das instituições públicas no país, está claro que o horizonte de ações é limitado. Entretanto, o cenário não pode ser levado ao extremo do imobilismo ou da letargia. Claro está que em um plano ideal as crianças e adolescentes que circulam pela universidade estariam, no contra turno escolar em atividades extracurriculares praticando esportes, arte, reforço escolar. Mas infelizmente esse plano ideal ainda não existe, e é necessário que se assuma uma postura séria e responsável de mitigar, dentro das possibilidades e condições, as desigualdades e que consiga cumprir com uma das missões da universidade que é produzir conhecimento e transformação social, academicamente ou seja através da extensão. Inclusive para que estas crianças e adolescentes tenham condições de usufruir do papel primordial da universidade que é oferecer ensino de qualidade, público e socialmente responsável.

O contexto da crise de 2016 e a ocupação da Universidade por parte dos professores, funcionários e estudantes, produzindo conhecimento de qualidade mesmo sem as condições necessárias para tanto, além de propondo iniciativas, campanhas, mobilizações e manifestações que conectassem cada vez mais a universidade à Campos é um bom exemplo do quanto a UENF e seus professores, funcionários e estudantes podem realizar, mas é fundamental a participação para além das fórmulas e procedimentos institucionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz**: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARIÉS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTD, 1981.

ASSIS, Renan Lubanco. **Morador de Custodópolis e morador de Guarus**: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007

BECKER, Howard. **A Escola de Chicago**. Revista MANA 2(2):177-188, 1996.

CARDOSO, Adalberto. **Juventude fora da escola e do trabalho**. In: CARDOSO, Adalberto. **Juventude e Desigualdades**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014.

CARDOSO, Adalberto. **Juventudes, Gerações e a atualidade de um tema clássico**. In: CARDOSO, Adalberto. **Juventude e Desigualdades**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014.

CRUZ, José Luis Vianna. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense**. 331 f. Tese de Doutorado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

DAMATTA, Renato; SILVA, Carlos Peres. **A História dos 20 anos da Capoeira na UENF**: projeto de extensão de grande longevidade. Revista de Extensão UENF. Vol 1. Nº 3, Agosto de 2015.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (col. Os Pensadores)

DURKHEIM, Emile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**. Estudos de Sociologia. São Paulo: EDIPRO, 2014.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

EUFRASIO, Mário. **Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global, [1933] 2006.

FREYRE, Gilberto. **A Presença do Açúcar na Formação Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1975 (Coleção Canavieira, nº 16).

GASTALDO, ÉDISON. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana**. REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS SOCIAIS Vol. 23 nº 68 outubro/2008

GONÇALVES, Rafael Soares. **Da política de “contenção” à remoção: aspectos jurídicos das favelas cariocas**. In: MELLO, Marco Antônio; SILVA, Luiz Antônio Machado da; FREIRE, Letícia; SIMÕES, Soraya (orgs.) **Favelas Cariocas: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Ed Garamond, Faperj, 2012.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas Cariocas, acesso a direitos e políticas urbanas**. In: BIRMAN, Patrícia; MACHADO, Carly; LEITE, Márcia Pereira; CARNEIRO, Sandra de Sá (orgs). **Dispositivos Urbanos Trama dos Viventes: ordens e resistências**. Rio de Janeiro: Editora da FGV; Faperj, 2016.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Depois da Democracia Racial**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, novembro de 2006.

HARVEY, David. **A Liberdade da Cidade**. GEOUSP. Espaço e Tempo. Nº 26. São Paulo. p. 09-17, 2003.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Tempo soc. vol.18 no.2 São Paulo Nov. 2006. Entrevista realizada por Antônio Sérgio Guimarães.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG; IUPERJ, 2005.

FREHSE, Fraya. **Erving Goffman, sociólogo do espaço**. Revista Brasileira de Ciências Sociais Vol. 23 nº 68 outubro/2008

HANNERZ, Ulf. **Explorando a Cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

HORTA, Jordão Nunes. **Interacionismo Simbólico**. In: SELL, Carlos Eduardo; MARTINS, Carlos Benedito (Orgs.) **Teoria Sociológica Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2017.

KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro -1808 – 1850**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Prefácio – A produção do Espaço**. Estudos Avançados, Vol. 27, 2013. Nº 79.

LE GOFF, Jacques. **Por Amor às Cidades**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

_____. **Espaço e Política**: o direito à cidade II. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO ESPAÇO ANTRÓPICO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE-FLUMINENSE DARCY RIBEIRO. **Documentário Matadouro – “Projeto Integração Favela-Bairro”** coordenado pela professora Teresa Peixoto Faria, S/D.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Sendo cativo nas ruas: a escravidão urbana na cidade de São Paulo**. In: Paula Porta (Org.). **História da Cidade de São Paulo: A Cidade no Império, 1823-1889**. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MANHÃES, Heloísa. **A Elite local e a modernização urbana de Campos dos Goytacazes: um projeto dos anos 1930-1950**. Tese de Doutorado defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo, Boitempo, 2005.

MATIAS, Glauber Rabelo. **A utopia é de concreto**: Círculos Sociais e a Construção da UENF em Campos dos Goytacazes/RJ. Dissertação de Mestrado defendido junto

ao Programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MATIAS, Glauber Rabelo. **De volta ao “terceiro milênio”**: círculos sociais na construção da UENF em Campos dos Goytacazes. Revista Teias v. 20 • n. 56 • Jan./Mar. 2019

MELLO, Marco Antônio; SILVA, Luiz Antônio Machado da; FREIRE, Letícia; SIMÕES, Soraya (orgs.) **Favelas Cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Ed Garamond, Faperj, 2012.

MESQUITA, Wânia Belchior; BERTOLI, Naiana. **Jovens evangélicos moradores de favelas**: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos do Goytacazes – RJ. [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, vol.7, nº 1, 2014, p. 63-74.

MESQUITA, Wânia Belchior. **Religiosidade pentecostal e sociabilidade violenta em favelas na cidade de Campos dos Goytacazes**. In: FELTRAN, Gabriel; CUNHA, Neiva Vieira da (orgs.). **Sobre Periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina e Faperj, 2013.

MOTA, Carla Gisele do Santos. **Políticas habitacionais e os usos econômicos das residências: O caso do Conjunto Habitacional Matadouro em Campos dos Goytacazes-RJ**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

MOTTA, C ; [MAMANI, H. A.](#) . **Segregação Interna e Criminalização**: O Caso da Favela e o Conjunto Habitacional Matadouro em Campos dos Goyatacazes/RJ. Libertas (UFJF. Online), v. 12, p. 1, 2012.

OLIVEIRA, Julio César Pinheiro de; PEDLOWSKI, Marco Antônio. **Estado e programas municipais de habitação popular em Campos dos Goytacazes (RJ)**. *Análise Social*, Vol. 204, nº xlvii 3.º), 2012 issn online 2182-2999

OLIVEIRA, Julio César Pinheiro de. **Estado Local como produtor e modelador do Espaço Urbano**. Um estudo de caso das políticas municipais de habitação em Campos dos Goytacazes (RJ). Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.

PARK, Robert. **A Cidade**: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

PEIXOTO, Teresa. **Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o “mundo citadino”**. *Agenda Social*. Revista do PPGPS / UENF. Campos dos Goytacazes, v.2, n.2, mai-set / 2008, p.40-64.

PÉREZ, B. C; JARDIM, M. D. **Os lugares da infância na favela**: da brincadeira à participação. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 494-504 2015.

PINHEIRO, Ana Carla de Oliveira. **“Ver e não enxergar, escutar e não ouvir, ver e não falar”**: um estudo sobre a sociabilidade e as formas de conviver com o medo e o sentimento de (in) segurança em uma comunidade de periferia em Campos dos Goytacazes (RJ) Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2018.

PINHO, Leandro Garcia; BARBOSA, Maria Helena Ribeiro de Barros; BASTOS, Camila Martins Gomes; GALITO, Jaqueline da Silva Batista. **Educação, saúde e cidadania**: trajetórias da formação e atuação de multiplicadores na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis. *Revista de Extensão UENF*. Vol 1. Nº 3, Agosto de 2015.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **O Ciclo do Açúcar em Campos**. Campos dos Goytacazes: Edição do Autor, 1995.

POHLMANN, Maria Alice Ribeiro de Oliveira. **O Discurso Higienista na Construção da Cidade Moderna**: o papel da Revista *A Aurora – Letras – Artes – Ciencia*. Dissertação de Mestrado defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Perfil 2018**. Campos dos Goytacazes, 2018.

REVISTA NOSSA UENF. **Especial - Imagens 18 anos**. [Ano 04 - Nº 02 - agosto 2011](#).

Link:

https://issuu.com/uenf2/docs/revista_nossa_uenf_11_edicao_o_livro_historico_web

Acessado em 09/12/2018

RIO DE JANEIRO. **LEI Nº 2043**, Autoriza o poder executivo a instituir a Fundação Estadual Norte-Fluminense e dá outras providências. De 10 de dezembro de 1992. Rio de Janeiro, RJ, 1992.

RIBEIRO, Darcy. **Plano Orientador da Universidade Estadual Norte Fluminense**. Universidade do Terceiro Milênio. Vol.1 Nº 1, Campos dos Goytacazes, 1993a.

RIBEIRO, Darcy. **Faculdade de Educação e Comunicação**. Universidade Estadual do Norte Fluminense: faculdade de educação e comunicação. Vol.1 nº 1, Campos dos Goytacazes, 1993b.

RIO DE JANEIRO. **LEI Nº 1740**. AUTORIZA A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE-UENF. DE 08 DE NOVEMBRO DE 1990. Rio de Janeiro, RJ, 1990.

RISSE, Sérgio Rangel. **Saúde Pública em Campos dos Goytacazes**: da epidemia de cólera de 1855 às políticas de saúde pública da República Velha (1889-1930). Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930) São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem Preto nem Branco, muito pelo contrário**. Cor e Raça na Sociabilidade Brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SMIDERLE, Dilcéa de Araújo Vieira. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de campos dos Goytacazes (rj)**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.

SMIDERLE, Gustavo Sarmet Moreira. **UENF E CAMPOS, ENCONTRO DE DOIS MUNDOS: UMA ETNOGRAFIA DA INTERAÇÃO ENTRE A COLETIVIDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO E A SOCIEDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ), 2002-2004**. Dissertação de Mestrado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Campos dos Goytacazes, 2004.

SIMMEL, George. **As Grandes Cidades e a vida do Espírito**. Mana, Vol. 2, Nº 11, p. 577-591, [1903] 2005.

SILVA, Luciane Soares da. **O Cotidiano das relações inter-raciais: o processo de criminalização dos atos decorrentes de preconceito de raça e cor no Rio Grande do Sul (1998-2001)**. Dissertação de Mestrado defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SILVA, Luciane Soares da. **Funk para além da festa: um estudo sobre disputas simbólicas e práticas culturais na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. **A Política na Favela**. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da. **Fazendo a Cidade: Trabalho, Moradia e Vida Local entre as Camadas Populares Urbanas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. **Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública**. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.). **Vida Sob Cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Luiz Antônio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. **Violência, Crime e Polícia: o que os favelados dizem quando falam destes temas?** In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.). **Vida Sob Cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SOARES, Luis Carlos. **“O povo de cam” na capital do Brasil: a escravidão urbana do Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: FAPERJ – 7 letras, 2007, p.: 138

SOUZA, Jessé. **A Crítica do Mundo Moderno em George Simmel**. In: _____; ÖELZE, Berthold (Orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Ed. UnB, 2014.

STEINER, Philippe. **A Sociologia de Durkheim**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VALLADARES, Lícia. **A Gênese da Favela Carioca**. A produção anterior às ciências sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15 n o 44 outubro/2000.

VELHO, Gilberto. **Reflexões sobre a Escola de Chicago**. In: VALLADARES, Licia. **Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

VIANNA, José Luiz. **O DESENVOLVIMENTO DO NORTE/NOROESTE FLUMINENSE: PROBLEMATIZANDO O CONSENSO**. Revista Vértices • ano 1 • nº 1 • dez. 1997

WACQUANT, Loic. **As Duas faces do Gueto**. In: Wacquant, Loic. **As Duas Faces do Gueto**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

WACQUANT, Loic. **Para acabar com o mito das “cités-gueto”**. In: Wacquant, Loic. **As Duas Faces do Gueto**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

WACQUANT, Loic. (2005). **O que é um Guetto?** Revista de Sociologia e Política. Nº 23, novembro de 2005, p. 155-164.

ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos. **Introdução**. In: ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Ed. Revan; Ed. UFRJ, 1994.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994

ENTREVISTAS

ANA. 12 março de 2019. A relação entre os estudantes da UENF e as crianças da Portelinha⁹⁵.

CEZAR, Lilian Sagio. 14 março de 2019. A presença das crianças da Portelinha na UENF e a relação com os professores.

DAMATTA, Renato. 08 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha na UENF e o projeto de extensão da Capoeira.

GANTOS, Marcelo. 10 de abril de 2019. A circulação das crianças da Portelinha na UENF.

MIGUEL, Leonardo. 27 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF e no prédio do CCH.

MUNIZ, JANE. 22 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela Biblioteca do CCH.

⁹⁵ Todas as entrevistas foram realizadas pelo autor da dissertação.

NÓBREGA, Ricardo. 27 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF.

PASSONI, Luis. 06 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF e a perspectiva da reitoria sobre as tensões e conflitos existentes.

PEDLOWSKI, Marco. 04 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF.

PEIXOTO, Teresa. 03 de abril de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF e o projeto de extensão Integração Favela-Bairro.

PETRESKI, Jorge. 27 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF e a atividade do Kit de Química.

REZENDE, Carlos Eduardo. 04 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF.

TEIXEIRA, Simonne. 19 de março de 2019. A circulação das crianças da Portelinha pela UENF e a Crise de 2016.